

REVISTA DO LIVRO

DA BIBLIOTECA NACIONAL

Nº 60 ANO 23 RIO DE JANEIRO DEZEMBRO 2025



REVISTA DO
LIVRO
DA BIBLIOTECA NACIONAL

Nº 60 ANO 23 RIO DE JANEIRO DEZEMBRO 2025



ISSN 0035-0605

REVISTA DO LIVRO – NÚMERO 60 – Ano 23 / 2025

COORDENAÇÃO DE EDITORAÇÃO
AV. RIO BRANCO, 219, 5º ANDAR
RIO DE JANEIRO, RJ, 20040-008
EDITORACAO@BN.GOV.BR
WWW.GOV.BR/BN

COPYRIGHT© 2025 FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidência da República
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministério da Cultura
MARGARETH MENEZES DA PURIFICAÇÃO COSTA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidência
MARCO AMÉRICO LUCCHESI

Diretoria Executiva
SUELY DIAS

Centro de Pesquisa e Editoração
NAIRA CHRISTOFOLETTI SILVEIRA

Coordenação de Editoração
CLAUDIO CESAR RAMALHO GHIOLITO

Serviço de Editoração
TAIYO JEAN OMURA

Conselho Editorial
ABDULRAHMAN AL-SALMI (OMÃ)
ANA CAROLINA SIMIONATO ARAKAKI (BRASIL)
CARMINDA MENDES ANDRÉ (BRASIL)
DIANA AFONSO LUHUMA (ANGOLA)
EDIELSO MANOEL MENDES DE ALMEIDA (BRASIL)
EDSON MARTINS SOARES MARTINS (BRASIL)
ÉRICO ANDRADE (BRASIL)
GUSTAVO SALDANHA (BRASIL)
IAGUBA DJALÓ (GUINÉ-BISSAU)
JOÃO BAPTISTA FENHANE (MOÇAMBIQUE)
MARCO ANTONIO NAKATA (BRASIL)
MARLENE ARMINDA QUARESMA JOSÉ (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE)
MATILDE SANTOS (CABO VERDE)
WANG XIAOYUE (CHINA)

YOUSUF KHUSHK (PAQUISTÃO)

Conselho Científico
ABREU PAXE (ANGOLA)
DEMIAN PAREDES (ARGENTINA)
ETTORE FINAZZI-AGRÒ (ITÁLIA)
ILDEU DE CASTRO MOREIRA (BRASIL)
MÁRCIA DO CARMO FELISMINO FUSARO (BRASIL)
MARIA ESTELA PINTO DE ALMEIDA GUEDES (PORTUGAL)

EDITORIAL

Editora
ANA MARIA HADDAD BAPTISTA

Editora Adjunta
VALÉRIA PINTO LEMOS (ISNI 0000 0004 4444 6506)

Produção Editorial
TAIYO JEAN OMURA

Preparação de Originais e Revisão
FRANCISCO MADUREIRA
SIMONE MUNIZ
VALÉRIA PINTO LEMOS

Revisão de Provas
CARLOS SANTA ROSA

Projeto Gráfico Original
ELIANE ALVES

Diagramação
VARNEI RODRIGUES (PROPAGARE LTDA.)

Capa e ilustrações dos artigos
DETALHES DA ICONOGRAFIA DO CONJUNTO DE LIVROS DE HORAS
PERTENCENTE AO ACERVO DA SEÇÃO DE MANUSCRITOS DA
BIBLIOTECA NACIONAL



CONFIRA OUTRAS
PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO
BIBLIOTECA NACIONAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista do livro. — Ano 1, n. 1/2 (jun. 1956-). — Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, 1956- .
v. : il.

Periodicidade irregular.
Publicada pelo Instituto Nacional do Livro até n. 43, a partir do n. 44 (2002)
publicada pela Fundação Biblioteca Nacional.
ISSN 0035-0605

1. LIVROS E LEITURA – PERIÓDICOS. 2. INCENTIVO À LEITURA – PERIÓDICOS. I. Instituto Nacional do Livro (Brasil). II. Biblioteca Nacional (Brasil).

CDD 028.05
22. ed.

Ficha catalográfica elaborada por Naira Silveira – CRB-7 6250

Sumário

EDITORIAL	5
ENTREVISTA/Iaguba Djaló A espantosa biblioteca	6
O PAPEL DAS BIBLIOTECAS COMO FACILITADORAS DA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DO CENÁRIO MUSICAL <i>Sonia Regina Albano de Lima</i>	11
“TESOUROS DOS REMÉDIOS DA ALMA”: BIBLIOTECA GUILHERME DE ALMEIDA, DO DISTRITO DE SOUSAS, EM CAMPINAS (SP) <i>Carmina Mendes André</i>	19
OUTRAS BIBLIOTECAS: UMA HISTÓRIA DE PESQUISA <i>Maria Teresa Santoro Dörrenberg</i>	29
ANDRAGOGIA, BIBLIOTECAS E SOCIEDADE ENVELHECIDA: EDUCAÇÃO PARA A VIDA TODA <i>Regina Fazioli</i>	38
BIBLIOTECA NACIONAL COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO <i>Raquel França dos Santos Ferreira</i>	54
ARDE A 451 GRAUS FAHRENHEIT <i>Maria Estela Guedes</i>	64
AS BIBLIOTECAS QUE DANÇAM, RIEM E NOS FAZEM SONHAR <i>Edson Soares Martins</i>	73



Editorial

Um dos locais mais caros – conceitualmente, inclusive –, a escritores, professores, estudantes e pensadores, a todos os que buscam ou fruem, a biblioteca, que surgiu na infância das sociedades letradas como caixa-forte de acesso exclusivo dos menores círculos, estabeleceu-se como instituição permanente, enquanto se tornava cada vez mais disponível além daqueles limites. Como símbolo de primeiros encontros e encantos, de referências e memória, do desconhecido e do infinito, ela assume significados abundantes o suficiente para se permitir tema de mais um número desta *Revista do Livro*.

Os ensaios reunidos, com os devidos espaços que tal tipologia textual permite, atravessam diversas especificidades sem perder o foco principal do tema proposto e das exigências e objetivos editoriais da publicação. Somos levados a enxergar os múltiplos papéis que a biblioteca representa na trajetória dos indivíduos e das comunidades, sua capacidade de mover, comover e mobilizar, alterar parâmetros e histórias pessoais.

A nós, leitores (da *Revista* e das obras protegidas nesses lugares), que temos o privilégio de conviver tanto com o conhecimento contido nos acervos físicos e digitais quanto com os serviços e a produção de conhecimento proporcionados pelas variadas e especializadas atividades profissionais que se desenvolvem em tais ambientes de excelência, só resta desejar (e contribuir para) uma vida longa e próspera às bibliotecas!

Ana Maria Haddad Baptista



Entrevista/Iaguba Djaló

A espantosa biblioteca

O bibliotecário/arquivista, professor e investigador Iaguba Djaló, mestre em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, hoje é coordenador na Biblioteca Pública Nacional e Arquivo Histórico no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), da Guiné-Bissau, função que integra uma história iniciada nesta instituição em 1996, e que passou pelo comando de áreas técnicas e pela direção. A carreira começou no

centro de documentação e informação de um projeto de desenvolvimento rural em Bafatá e já incluiu uma longa passagem pela Organização das Nações Unidas (ONU), onde foi responsável pelo Centro de Informação e Documentação.

No papel de presidente da Associação Guineense de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, da qual é membro fundador e consultor, serviu à seção africana da Federação Internacional de Bibliotecas e Instituições de Informação (Ifli) como membro de seu Comitê Permanente. Na Associação Africana de Bibliotecas e Instituições da Informação (Aflia), desde 2015, é membro do Conselho de Administração.

Suas atividades diversificadas incluem a experiência como professor de Comunicação Empresarial na Universidade Amílcar Cabral e a publicação de inúmeros artigos científicos em revistas de seu país e estrangeiras, além da participação como palestrante em congressos e outros encontros em diversos quadrantes do mundo.

A dedicação de Iaguba Djaló à memória e ao patrimônio bibliográfico da Guiné-Bissau levou-o a trabalhar pelo desenvolvimento deste setor profissional em sua terra natal e pela expansão da comunicação com bibliotecários e arquivistas de outros países falantes do português.

Revisitando a memória, me parecia inacreditável, vindo de uma aldeia remota e sem livros, existir um lugar com grande quantidade e diversidade deles, para ler e pegar emprestado, entrar nesse mundo maravilhoso da literatura.

Revista do Livro – Quando entrou pela primeira vez em uma biblioteca? Quais as impressões que teve e ainda persistem em suas memórias?

Iaguba Djaló – A primeira vez que entrei em uma biblioteca, foi em 1981 aos quase 22 anos, quando era ainda estudante no liceu em Bafatá, a segunda cidade mais importante da Guiné-Bissau. Eu fiquei muito agradavelmente surpreendido ao ver, pela primeira vez, muitos livros reunidos num só lugar e destinados a leitura pública.

Vale ressaltar que os primeiros anos da independência da Guiné-Bissau, de 1973 a 1980, foram marcados por momentos de euforia. O governo do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), partido único na altura, tinha instalado pequenas bibliotecas públicas em cidades mais importantes, cujas coleções eram de inspiração da ideologia marxista-socialista. No entanto, vim de um lugar onde as expectativas de realizar sonhos eram extremamente baixas. Nasci em uma aldeia rural muito remota e, de lá, tive a sorte e o privilégio de frequentar o ensino fundamental até a quinta série, mas sem a possibilidade de conhecer um espaço dedicado à leitura chamado biblioteca.

Em 1989, o destino me levou a um centro de documentação e informação do projeto de desenvolvimento rural, a trabalhar como auxiliar documentalista. De lá, em meio a desafios, aprendi muita coisa, e essa experiência me valeu um novo emprego na Biblioteca Pública Nacional, sob tutela do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Inep), em Bissau.

Começava ali meu convívio com uma biblioteca verdadeiramente pública, que me impôs um desafio de carreira. Jamais um filme me deixou consistentemente à beira das lágrimas, como deixa a lembrança do meu

primeiro contato com uma instituição de leitura de dimensão nacional. Foi um misto de alegria e ansiedade, é um dos momentos mais marcantes de toda a minha vida. Foi ali que enfrentei provas que moldaram a minha vida profissional, foi ali também que ousei fazer da minha paixão minha profissão, ao me tornar bibliotecário. E foi a profissão que me abriu portas ao mundo e ampliou meus horizontes.

Revisitando a memória, me parecia inacreditável, vindo de uma aldeia remota e sem livros, existir um lugar com grande quantidade e diversidade deles, para ler e pegar emprestado, entrar nesse mundo maravilhoso da literatura.

Hoje, percorri com a mente o caminho que me levaria à realização do sonho de ser um profissional bibliotecário. Essa maravilhosa dádiva estava me iluminando desde o primeiro momento.

RL – Como avalia, de um modo geral, as bibliotecas de seu país?

ID – Vale destacar que a Guiné-Bissau, à semelhança de vários outros países africanos, continua subdesenvolvida em matéria de bibliotecas e leitura pública. Infelizmente, as dificuldades econômicas, aliadas a uma situação política instável, não permitiram perceber a importância das bibliotecas no processo de desenvolvimento econômico, cultural, social e político.

A questão da biblioteca e da leitura apresenta-se como um grande desafio para o Estado e o governo. As poucas bibliotecas existentes funcionam em condições precárias e não alcançaram uma larga faixa da população, restringindo-se a uma pequena elite intelectual baseada nos centros urbanos ou na capital, Bissau.

Quase todas as bibliotecas públicas ou escolares que visitei no país se deparam com diversos problemas – desde a falta de instalações ou espaços adequados até a falta de pessoal

qualificado e, talvez o mais escandaloso, a indiferença demonstrada por alguns dirigentes do setor educativo e cultural em relação à atividade de leitura.

Nesse contexto, num país como a Guiné-Bissau, onde a taxa de analfabetismo é tão elevada (estando a afetar cerca de 49% da população) e as barreiras tão grandes (tais como a fraca capacidade de oferta – seja escassez ou ausência do livro – e a falta de acesso a uma educação formal que ofereça a possibilidade de frequentar uma biblioteca com acervo que atenda às necessidades informacionais), a expressão “biblioteca” não me parece significar coisa de grande valor. O mais intrigante é o fato de continuar a existir uma fraca consciência do poder político sobre o papel do livro e da leitura no processo do desenvolvimento.

O que me deixa mais apreensivo é a percepção elitista das bibliotecas por muitas pessoas, ou seja, a impressão de que livros são apenas para uma pequena elite educada na sociedade. Essa situação explica-se pelo baixo nível de alfabetização da população e o alto custo de materiais de leitura.

RL – Acredita que os novos meios tecnológicos, de fato, auxiliam a acessibilidade à leitura, em especial, nas instituições escolares?

ID – Sem dúvida, os novos meios tecnológicos desempenham um papel importante na promoção da facilitação da leitura. A tecnologia oferece diversas ferramentas e recursos que podem tornar a leitura mais acessível e envolvente tanto para os alunos quanto para os professores.

Os livros podem ser acessados de maneira fácil e conveniente através de plataformas digitais de leitura e de aplicativos que permitem aos alunos ter contato com uma ampla variedade de materiais em seus dispositivos eletrônicos.

Também os audiolivros são excelentes opções para alunos com dificuldades de leitura e para deficientes visuais, ou simplesmente

para aqueles que preferem consumir conteúdo por meio sonoro ou desfrutar de histórias e informações enquanto realizam outras atividades.

Com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, assistimos a emergência desse novo suporte, o eletrônico, e deu-se uma nova abordagem ao tratamento, armazenamento, recuperação e difusão da informação, o que implica a necessidade de novos recursos para lidar com ele.

Junto com as formas eletrônicas, estão surgindo novos tipos de biblioteca para complementar e enriquecer os recursos de informação tradicionais com soluções inovadoras, e isso alterou as formas de trabalho do bibliotecário, na função de intermediador do conhecimento.

Essa onda de mudança tem demandado bastante o profissional bibliotecário, que além de acompanhar as evoluções científicas, tecnológicas e sociais, precisa ter um profundo conhecimento que lhe permita o uso prático e o domínio dessa tecnologia, e ainda ter um perfil que incorpore facilmente essas mudanças.

É certo que grande parte dos gestores dos sistemas educativos e instituições culturais na Guiné-Bissau tem poucas ideias das convulsões que estão a transformar radicalmente as escolas, a profissão do docente e dos bibliotecários ao redor do mundo. Se continuar essa tendência, o sistema educativo guineense corre o risco de ficar para trás pela revolução digital, e as práticas educativas atuais se tornarão obsoletas dentro de algumas décadas. Para evitar que o país sofra com este triste destino, é importante que os responsáveis pelo setor educativo comecem a pensar nas condições para reduzir o fosso digital através de iniciativas para a integração dos novos recursos nas bibliotecas.

Sinceramente, não me parece que a Guiné-Bissau esteja preparada para explorar o potencial dos novos meios tecnológicos, devido a fatores diversos, tais como a falta de infraestruturas básicas (eletricidade e dispositivos de acesso à internet), escassez de recursos financeiros e a falta de professores qualificados para

a utilização das ferramentas das tecnologias da informação e comunicação.

O desenvolvimento da cultura digital impõe, de fato, uma nova missão às escolas, que é a de formar os alunos e professores para que sejam capazes de compreender as linguagens e os modelos técnicos de acesso a informação digital.

Daí, resulta que as escolas implantadas em zonas rurais de difícil acesso têm o potencial de aumentar a exclusão digital. Embora a utilização das redes sociais esteja a registrar um forte crescimento no país, especialmente em dispositivos móveis, as bibliotecas continuam quase ausentes destas ferramentas de comunicação rápidas e baratas.

Hoje, a Guiné-Bissau enfrenta uma cobertura limitada da internet, mesmo nos centros urbanos, acentuando-se ainda mais nas zonas rurais. Além destes desafios de conectividade, persistem as barreiras energéticas, o que revela a dificuldade de garantir o acesso sustentável das bibliotecas aos meios tecnológicos capazes de facilitar o acesso à leitura, em especial nas instituições escolares.

RL – Quais seriam as principais dificuldades encontradas para a manutenção, no geral, de uma biblioteca?

ID – Os obstáculos para a manutenção de uma biblioteca variam de um país a outro, dependendo do grau de desenvolvimento social, económico e cultural. Neste sentido, com foco na experiência guineense, as bibliotecas enfrentam desde problemas financeiros (quase todas funcionam sem orçamento, com a capacidade de adquirir novos materiais, manter instalações adequadas e oferecer serviços atualizados afetada) até as barreiras linguísticas (pois a diversidade linguística representa desafios na disponibilização de materiais em idiomas locais e dificulta o acesso à informação de uma boa parte da população) e se ressentem, ainda, da falta de formação adequada (porque há escassez de bibliotecários bem treinados e de programas de formação).

O desconhecimento do papel das bibliotecas é outro grande empecilho que afeta, por um lado, os responsáveis políticos, que ainda não assimilaram a importância das bibliotecas para o desenvolvimento; e por outro, a própria população, que raramente mostra ter consciência de seu direito de acesso à informação e compreensão dos benefícios das bibliotecas e da leitura.

Também precisamos considerar: os recursos inadequados (por exemplo, há carência de manuais e materiais de referência adaptados às realidades locais, e a tecnologia e os recursos educacionais presentes são bastante limitados, o que dificulta a prestação de serviços eficazes); a questão da gestão fragmentada entre diferentes ministérios que têm competência em matéria de livro e leitura, o que resulta em políticas descoordenadas; e aspectos de base, tais como problemas de infraestrutura em bibliotecas que funcionam sem instalações físicas adequadas e operam em condições precárias, com acesso limitado à eletricidade e à internet.

E, não obstante existir uma base jurídica para a criação de uma biblioteca nacional verdadeira, uma instituição capaz de coordenar a política do livro e da leitura no país, os mecanismos para o seu pleno funcionamento continuam a ser um desafio. Dizer que só existe uma biblioteca pública financiada pelo Estado, e gerida por funcionários de Estado, pode parecer incrível, mas é a triste realidade na Guiné-Bissau.

Apesar desses desafios, as comunidades devem adotar abordagens inovadoras para superar as dificuldades. Sou da opinião de que nem tudo está perdido. Ainda é possível que os responsáveis pela educação e pelas bibliotecas busquem parcerias com o governo e as organizações locais e internacionais, implementando programas de alfabetização, promovendo a inclusão digital e adaptando seus serviços para atender às necessidades.

RL – Como imagina que serão as bibliotecas do futuro?

No entanto, apesar das mudanças tecnológicas, acredito que o aspecto humano continuará sendo fundamental nas bibliotecas do futuro. Os bibliotecários continuarão desempenhando um papel crucial como guias, facilitadores de aprendizado e de conexão entre os usuários e a informação.

ID – Acredito que as bibliotecas do futuro serão cada vez mais híbridas, combinando recursos físicos e digitais para atender às necessidades dos usuários. Com o avanço da tecnologia, provavelmente assistiremos a um aumento significativo no acesso a conteúdos digitais, como *e-books*, audiolivros e recursos interativos. As bibliotecas também podem se tornar espaços mais versáteis, oferecendo ambientes para aprendizado, colaboração, eventos culturais e até mesmo *coworking*.

Além disso, as bibliotecas do futuro podem adotar tecnologias avançadas para proporcionar experiências imersivas aos visitantes. Os sistemas de inteligência artificial também podem ser usados para personalizar recomendações de leitura com base nos interesses individuais dos usuários.

No entanto, apesar das mudanças tecnológicas, acredito que o aspecto humano continuará sendo fundamental nas bibliotecas do futuro. Os bibliotecários continuarão desempenhando

um papel crucial como guias, facilitadores de aprendizado e de conexão entre os usuários e a informação. As bibliotecas serão espaços inclusivos, acolhedores e inspiradores, promovendo a educação, a cultura e o acesso equitativo ao conhecimento para todos.

RL – Quais seus maiores sonhos e projetos em relação a bibliotecas numa escala mundial?

ID – Meu maior sonho em relação a bibliotecas na Guiné-Bissau é ver o apoio à criação e à expansão de bibliotecas em áreas com poucos recursos; o fortalecimento do acesso à educação e à cultura; a tomada de consciência do governo e de parceiros nacionais e internacionais sobre o papel das bibliotecas e dos bibliotecários no processo de desenvolvimento e de promoção à inclusão social, à leitura e ao aprendizado; e o investimento na formação e na capacitação de bibliotecários, essencial para garantir a gestão eficaz e relevante das bibliotecas.

Numa escala mundial, meu sonho é testemunhar o reforço do papel das bibliotecas como centros de informação, educação e cultura, como no exemplo do Programa Biblioteca do Futuro, que é liderado pela Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (Ifla) e pela ONU através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e visa promover a inovação e a sustentabilidade nas bibliotecas em todo o mundo, incentivando o compartilhamento de boas práticas e experiências.

O sonho que tenho, de promover bibliotecas na Guiné-Bissau e no mundo, é certamente inspirador e pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas e, com determinação e vontade, estou motivado para contribuir para o fortalecimento do acesso à educação e cultura através das bibliotecas, e torná-lo uma realidade.

RL – Como é a sua biblioteca particular?

ID – Minha biblioteca particular reflete a paixão pelo livro, ela representa as minhas curiosidades e o amor pelas aventuras literárias.

Biblioteca: compromisso com a abrangência temática

O papel das bibliotecas como facilitadoras da abordagem interdisciplinar do cenário musical

Sonia Regina Albano de Lima

Vez por outra frequento as bibliotecas, particularmente a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, à procura de publicações que abordem a relação da música com as demais áreas de conhecimento. Nesse ambiente silencioso, afastado de um cotidiano impregnado de ruídos e situações conflituosas, posso sentir o prazer de uma boa leitura, a certeza de renovar o saber acerca de meus interesses. Esse hábito tem se intensificado pelo fato de residir em uma cidade que, aos poucos e cada vez mais, vem adotando políticas no sentido de limitar o número de livrarias físicas para compra de livros, acompanhando a tendência mundial de valorizar bem mais a cultura digital de livros, partituras musicais, revistas e demais publicações.

A Mário de Andrade, em especial, é um lugar mágico que, além de propiciar o contacto com publicações inusitadas, me faz lembrar outros eventos, de semelhante importância, que lá aconteceram no decorrer de minha carreira de professora da Escola Municipal de Música de São Paulo.

Durante a vigência do Projeto Quintas Musicais, criado por essa instituição de ensino profissionalizante de música, foi dada aos professores a oportunidade de realizarem, periodicamente, recitais e audições comentadas no auditório da Biblioteca, com capacidade para 170 pessoas. Lembro-me, sobretudo, de uma dessas audições, que realizei ao lado de Maria Emília Gonçalves em um duo de piano, com um repertório executado a quatro mãos. Confesso que a



alegria de estar nesse auditório tão importante para nossa cultura, além de compartilhar essa experiência com um público tão seletivo, foi algo imensamente significativo para mim. Outras apresentações se sucederam, entre elas uma audição de flauta e piano, ao lado do flautista Bernhard Fuchs. Relembrar esses momentos me deixa eternamente grata por exercer uma profissão dedicada ao ensino, a qual considero uma das mais importantes do país e que implica, além de estudo constante, o prazer de realizar apresentações musicais das mais diversas.

Ademais de a Biblioteca ser um ponto cultural para nossa cidade, o terraço que a coroa, e dá para a rua Doutor Braúlio Gomes, possibilita aos visitantes a apreciação de uma das poucas paisagens naturais da cidade, oferecendo vista para a praça Dom José Gaspar. Neste terraço, ainda são realizadas exposições e eventos especiais.

Em minhas andanças nesta biblioteca e em outras de igual valor, deparei-me com o livro *La música y la mente*, do psiquiatra e psicanalista Anthony Storr, que foi publicado em inglês em 1997 e recebeu tradução para o espanhol no ano de 2002. Outra descoberta, do mesmo autor, foi a obra traduzida para a língua portuguesa em 2013, *A dinâmica da criação*, que traz aspectos relacionados à criação humana, contendo alguns capítulos destinados à criação artística.

Apesar de que aqui avaliarei tópicos relativos apenas à primeira publicação, deixando para outro lugar a análise do segundo livro, considero que a leitura destas duas obras de Storr seja de vital importância para o pesquisador musical que deseje investigar contextos musicais sob uma perspectiva interdisciplinar.

Neste texto, o leitor não encontrará a resenha do livro nem um discurso musical isolado. Foi meu propósito investigar tão somente a relação, que o autor estabeleceu, da música com algumas questões atinentes à psicologia, no sentido de refletir em que medida essas duas áreas de conhecimento se interconectam. Análises com esse objetivo trazem para a música questionamentos diversos, que não poderiam ser produzidos sob um crivo eminentemente musical e técnico.

De modo geral, os exemplos e narrativas musicais produzidos pelo psiquiatra, fundamentados em um número expressivo de notórios pesquisadores e musicistas, trazem, de forma clara, equilibrada e objetiva, a interligação da música com as questões psicológicas investigadas. Na música, Storr discute o significado, a função teórica, a funcionalidade dos principais tópicos que estruturam a linguagem musical e a ligação desses elementos com os princípios da física, da acústica e da matemática. Ele traz o conceito e o funcionamento dos intervalos, das escalas, do sistema tonal, da série harmônica, das formas musicais acrescidos de exemplos extraídos do repertório musical e depoimentos de musicistas importantes. Este autor avalia a música sob uma perspectiva diferenciada, dissociando o pensamento racional que a envolve, a fim de transformá-la em um dos motores da nossa existência.

Em uma cultura que privilegia bem mais o visual e o verbal, Storr vê na música a capacidade que ela tem de afetar a nossa sensibilidade, sem a preocupação de difundir uma teoria ou qualquer outro tipo de informação. Embora seja portadora de um sistema notacional difundido em boa parte dos países, ela tem o poder de se comunicar com o mundo e com os indivíduos de forma intensa e sob circunstâncias bem variadas, privilegiando a subjetividade humana e as nossas emoções de forma abstrata.

Ao se reportar aos sons musicais, Storr admite que eles não são uma cópia fiel dos sons da natureza nem expressam a realidade e as imagens existentes no mundo; mas, a partir de padrões rítmicos, melódicos, estruturais e formas de vocalização distintas acordados culturalmente, esses sons são capazes de produzir nos indivíduos um estado emocional e um poder de comoção bem maior do que aquele propagado pela voz falada – daí o fato de esta arte ter antecedido o desenvolvimento do intercâmbio verbal.

Para Storr, a música é fruto da necessidade subjetiva e emocional do indivíduo de qualquer cultura de se comunicar com outro ser humano e com o mundo, e por isso ela está sempre

presente nos rituais sagrados e nas diversas formas de comunicação existentes em qualquer comunidade social.

Pelo fato de estimular sentimentos imprecisos nos indivíduos, ela é utilizada em uma variedade muito ampla de atividades humanas, intensificando sentimentos similares àqueles provocados pelos oradores.

Por meio de diversas justificativas e exemplos, o autor relata como a escuta musical pode estimular emocionalmente o indivíduo, além de ativar a sua percepção, tendo em consideração que, no ser humano, o sentido de ouvir está muito mais relacionado com o princípio da vida do que o sentido de ver, pois desde o ventre materno o primeiro já se manifesta. Afirmar, ainda, que determinadas obras do repertório musical clássico, por consenso geral, destacam-se como obras patéticas, nostálgicas, tempestuosas, alegres, ou privilegiam outros sentimentos, sem que o ouvinte possa identificar o contexto musical que está sendo executado.

Uma discussão pormenorizada e rica do funcionamento e desempenho cerebral dos indivíduos e das sensações que a música pode suscitar no corpo humano leva o autor a afirmar que as informações advindas da escuta musical são produto de um trabalho cerebral gerado pelos dois hemisférios e atuam no corpo humano promovendo uma comunicação pautada em aspectos tanto objetivos quanto subjetivos. Dessa forma, é importante entendermos em que medida a música afeta os mecanismos fisiológicos do ser humano e como ela pode colaborar no desenvolvimento cerebral, emocional e físico do homem.

Outro ponto importante em torno do qual a publicação é centrada é saber se a música tem origem no cérebro humano ou no mundo natural, tendo em vista os princípios acústicos, matemáticos e físicos que nela estão presentes. Após análise fundamentada no resultado de diversas pesquisas, o autor não nega que boa parte do sistema musical tem origem nos princípios regidos pela natureza. Conclui, contudo – pautado em afirmativas de Chomsky e de outros estudiosos –, que o cérebro também integra esse

processo, já que a música depende, em boa parte, das características essenciais que regem a mente humana. A principal delas reside na capacidade que o homem tem de ordenar todas as suas experiências e vivências. Diante dessa realidade, os sistemas musicais existentes no mundo são também ordenados pela mente humana, o que significa que a música tem origem tanto na natureza quanto no cérebro.

Storr também discute os motivos que levaram os indivíduos a, cada vez mais, emanciparem a linguagem musical da letra cantada e das demais artes. No princípio, a música era muito alicerçada na letra cantada, visto que, por longo tempo, a letra empregada em determinado contexto musical referendava um sentimento único coletivo expresso na obra executada – a letra na música servia de acompanhamento para ritos, danças e celebrações, de forma precisa e inequívoca. Ela foi perdendo força aos poucos, à medida que os indivíduos começaram a perceber que a música, por si só, já era capaz de expressar sensações e sentimentos distintos, independentemente da letra e do sentido bem particularizado que ela impunha. Perceberam que a música não expressava nem traduzia os sentimentos do compositor, do intérprete ou do ouvinte, nem articulava uma realidade presente no mundo, mas colocava cada ser humano em contato com suas emoções e com sua própria subjetividade. Dessa maneira, a música foi se emancipando pouco a pouco de outras formas de expressão e passou a ter vida própria, incorporando em seu léxico significados e sentimentos próprios não articulados pelas demais linguagens artísticas.

O texto também traz um estudo amplo das formas musicais, analisadas por diversos músicos, e conclui que quanto mais tensões musicais forem criadas em uma obra musical, mais lógica essa produção terá, levando em conta que as tensões provocadas pelos compositores detêm o máximo de coesão com seus elementos contrastantes; e que esses elementos contraditórios encontram similaridade com os efeitos emocionais que o homem vivencia no mundo. Presume-se que a forma e o conteúdo da música, – o corpo e a alma

do ser humano –, são elementos que não devem se dissociar de um texto musical, para que haja a melhor contemplação deste conteúdo.

Storr destina um de seus capítulos à explicação de como a música pode subsidiar uma experiência humana extática. Tecnicamente, discute os aspectos psicológicos que envolvem a relação intrauterina entre mãe e filho, a excitação sexual e o sentimento oceânico revelado por Sigmund Freud – o qual, para Storr, equipara-se aos estados mentais descritos por místicos que se sentem um só com o mundo; é uma experiência solitária na qual o sentimento de unidade e totalidade experimentado reporta-se a Deus e ao Uno, e não está centrado no convívio do indivíduo com outros seres humanos. Ele traz inúmeros exemplos de composições que são capazes de produzir nos ouvintes os mesmos efeitos relatados.

O autor deixa claro que, apesar de a música nos afetar profundamente, um dos elementos mais importantes dessa arte é sua capacidade de trazer ordem ao mundo: “*Sin embargo, la capacidad de dar un sentido al mundo exterior nos da confianza. La música posee esa capacidad y es importante por varias razones, pero no se le da la importancia que merece*” (Storr, 2002, p. 141). Ao final desse capítulo, ele admite que a música permite, por exemplo, que pessoas com lesões cerebrais desenvolvam tarefas que não podiam ser controladas, a não ser por sua mediação, e traz conforto aos enfermos mentais e sujeitos com transtornos emocionais, entre muitas outras possibilidades. É capaz, também, de transformar o estado de ânimo de pessoas altamente depressivas, o que reafirma seu poder terapêutico. Isso torna difícil imaginar um mundo sem música, já que ela ordena nossas ações e dá um sentido estruturado ao mundo que nos rodeia.

Também foi discutido o modo como as gravações permitiram a escuta solitária das obras musicais. Hoje, podemos ouvir uma determinada obra musical como pano de fundo para a realização de outras atividades, para o relaxamento mental diário e até mesmo nos estados de meditação.

Dados os benefícios que a música pode promover, Storr concorda com a importância de uma educação musical realizada desde a infância. Foi graças ao estudo musical prematuro que ele pôde desfrutar do prazer de trabalhar com a música de forma a compreender e vivenciar melhor a vida em uma fase madura: “*Participar de la música, como intérprete o como oyente, nos relaciona con su grandeza y nos impregna de ella como una impresión permanente*” (Storr, 2002, p. 163).

No capítulo VII, adotando o pensamento de Schopenhauer e de outros filósofos, o autor define a música como uma arte de natureza única. Ela não é proposicional e nem imita fenômenos; não apresenta teorias e não informa coisas acerca do mundo; não representa os sons da natureza e nem os fenômenos naturais. Ela não traz para a sua produção exemplos concretos da realidade e, como tal, transcende o mundo das ideias. Do mesmo modo que as demais artes, configura-se como uma forma estética de produzir conhecimento; diferentemente das ciências naturais, que investigam a natureza de um objeto existente no mundo externo. Essa atitude estética configura-se como estrutura objetiva da mente. Ela é capaz de nos transportar para um outro mundo e nos estimular fisiológica e mentalmente. Contudo, essa estimulação nem sempre se manifesta euforicamente, a exemplo da tragédia expressa em uma obra musical, que nos comove imensamente e nos estimula em igual proporção.

De certa maneira, a música transcende, como linguagem, o mundo pictórico e verbal, já que não representa o mundo fenomênico e não proclama nada relativo a ele. Storr admite que a música é entendida de imediato sem a necessidade de relatá-la, ou formar uma ideia abstrata do seu conteúdo.

Novamente, ele toma Schopenhauer (1966, v. 1) como referência, e afirma que a expressão da música é a expressão da vontade. Nesse sentido, quanto maior a analogia entre a melodia e o espírito interno dos fenômenos manifestados na obra, maior a expressão de vontade manifestada pelo compositor. Parte, ainda, do

Tanto a matemática como a música exemplificam o fato de que a obtenção de padrões coerentes a partir de uma ideia abstrata é uma conquista humana muito importante e muito gratificante para aqueles que são capazes de entender esses padrões, tenham ou não relação direta com a vida cotidiana.

pressuposto de que a música não é uma expressão dela mesma, a exemplo do pensamento da pesquisadora Susanne Langer, mas uma representação lógica das sensações e dos sentimentos humanos, uma fonte de conhecimento que não pede compreensão.

O último capítulo retrata a importância da música para o mundo e para os indivíduos. Nele, o autor discute as propriedades musicais relativas à compreensão do que é ordenar os sons, e como a música dimensiona a sua ação dentro de um tempo e de um espaço. Para Storr, a música existe no tempo em função do espaço que ela ocupa. É impossível dissociar a percepção sonora da percepção de espaço e do movimento. A música é capaz de combinar os sons passados com os presentes de forma harmoniosa.

Também aponta para a interligação da linguagem musical com a matemática. Essa analogia não pode chegar aos extremos, embora ambas se ocupem de relações abstratas:

El desarrollo de una composición musical hasta su conclusión puede parecer inevitable desde una perspectiva estética, si la obra es lo bastante buena, pero en ningún caso puede compararse con el desarrollo de un razonamiento matemático hasta una conclusión que es inevitable desde una perspectiva lógica (Storr, 2002, p. 228).

Tanto a matemática como a música exemplificam o fato de que a obtenção de padrões coerentes a partir de uma ideia abstrata é uma conquista humana muito importante e muito gratificante para aqueles que são capazes de entender esses padrões, tenham ou não relação direta com a vida cotidiana. Na música, esse tipo de apreciação (que pode se afigurar como uma apreciação estética) não é um exercício frio, cerebral e intelectual, já que os padrões podem nos comover – não apenas percebemos a coerência entre eles, também sentimos prazer na contemplação da música. Diferentemente da matemática, a música consubstancia-se como um paradigma da inata atividade organizadora humana, com o objetivo de obter um sentido estruturado a partir do caos.

Tanto a música como a matemática são atrativas para os nossos sentidos; contudo, só a música tem efeito direto sobre nossas emoções, já que as sensações e sentimentos que ela produz envolvem o corpo. As matemáticas apenas nos convencem de que deve existir alguma ordem no universo; a música, diversamente, devido a seus efeitos físicos, estimula uma ordem interna que a matemática não é capaz de gerar. Ela é menos abstrata que a matemática porque promove estimulação fisiológica e porque os sons musicais são formas de comunicação emocional. Ao mesmo tempo que ela é intelectual, é também emocional e por isso estabelece a conexão da mente com o corpo, de forma que corrobora todo o discurso contido nesta publicação. Nisso está a sua importância, já que ela se relaciona de forma mais direta com o fluxo da vida sensível subjetiva, independentemente do sentido de ordenação que ela produz. Os sons ordenados

Publicações que tratam da interconexão da música com outras áreas de conhecimento têm proliferado nos últimos anos. Nas subáreas da música, a interdisciplinaridade tem sido adotada no intuito de transcender os critérios tecnicistas de análise desta linguagem, trazendo para a pesquisa e para a educação musical uma maior amplitude cognitiva, sociológica, física e emocional.

da música afetam alguns processos físicos sem que possamos compreender por completo como isso ocorre. A participação corporal na música é implícita.

Para Storr, a linguagem musical é capaz de estruturar o tempo, seja um tempo psicológico ou ontológico; entretanto, a qualidade essencial da música está na capacidade de ela expressar algo transcendental ao indivíduo. Seu processo de ordenação é de certa maneira um tanto inconsciente, tanto para o compositor como para o ouvinte, visto que nessa arte o cérebro opera de forma misteriosa, por vezes escapando ao controle da vontade. Ela não se configura como um sistema de crenças, sua importância está mais centrada na função de ordenar qualquer experiência humana de maneira singular. Ela tanto é pessoal como transcendental.

A leitura minuciosa deste livro físico me fez observar a carga de interdisciplinaridade presente no pensamento do autor, que lida, em suas pesquisas, com uma interconexão não hierarquizada da psicologia com a música. Cada obra musical citada, cada depoimento relatado tem pertinência e ligação clara com as questões psicológicas investigadas.

Esta é uma publicação que deve ser relida diversas vezes, inclusive acompanhada da escuta dos exemplos musicais apresentados. Aspectos musicais relevantes que, por vezes, escapam aos estudiosos de outras áreas tomam uma proporção significativa na narrativa. Também as questões ligadas à psicologia aparecem de forma clara, permitindo o seu entendimento aos leitores que não são desta área. Eu não poderia, em um único texto, expressar todas as ideias e conceitos abordados pelo autor – nem o prazer que obtive ao conhecer essa publicação em uma biblioteca. Pontuei os mais relevantes.

Publicações que tratam da interconexão da música com outras áreas de conhecimento têm proliferado nos últimos anos. Nas subáreas da música, a interdisciplinaridade tem sido adotada no intuito de transcender os critérios tecnicistas de análise desta linguagem, trazendo para a pesquisa e para a educação musical uma maior amplitude cognitiva, sociológica, física e emocional. Psicologia, informática, psicomotricidade, fonoaudiologia, neurociência, biologia, física, matemática e outras áreas têm sido a origem de investigações que auxiliam em muito o ensino musical, a prática musical e os critérios de análise de questões pertinentes a esta linguagem.

As investigações produzidas por outras áreas de conhecimento trazem benefícios tais como técnicas de memorização mais eficazes, controle energético, redução de estresse, motivação, controle respiratório, maiores coordenação motora, níveis de atenção e concentração, e controle emocional nas performances e nas apresentações no palco. Essa troca de experiências e saberes tem motivado a criação de associações multifacetadas na área, a exemplo da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais, que abriga membros

de diversas áreas de conhecimento e difunde critérios de pesquisa que alicerçam, particularmente, o ensino da linguagem, o ensino musical, e as pesquisas na área. Aspectos dos modos de escuta, criação e execução musical, ativação da percepção, envolvimento da cultura no cenário musical, inclusão, saúde vocal e instrumental são alguns dos temas orientados pelas diversas áreas de saber que estão sendo direcionadas para a música e para os processos de ensino/aprendizagem musical. Nesse sentido, intensifica-se a interligação do aprendizado teórico desta linguagem com a prática e a pesquisa.

Na publicação discutida aqui é relevante o sentido de ordenação científica, social e emocional que Storr projetou para a música, corroborando as afirmativas do musicólogo E. Fubini (1994) ao admitir que, diferentemente do discurso verbal, o discurso musical é plurissignificante, capaz de refletir a dinâmica, a estrutura formal, as tensões e resoluções dos sentimentos e os estágios emocionais contraditórios. Uma estrutura musical qualquer pode induzir nos ouvintes estados emocionais diferenciados.

A atitude investigatória no campo musical se revela graças a uma aplicação da hermenêutica que enriquece o diálogo permanente do pesquisador com o fenômeno sonoro, com a obra musical, com o intérprete, o estudante e o docente – um diálogo que está presente no mundo e que se inter-relaciona com ele nas mais variadas dimensões; diálogo que supera uma pesquisa eminentemente racional e proporciona ao instrumentista e professor uma prática vivenciada enriquecida por procedimentos científicos de investigação.

Cada uma das questões abordadas por Storr já consta de textos e de pesquisas musicais, principalmente as investigações realizadas nos cursos de pós-graduação em música e publicadas em revistas científicas.

O pesquisador Cícero Mão tem publicado inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais relatando como o desenvolvimento musical de bebês pode auxiliar o desenvolvimento integral dessas crianças, embasado nas teorias e ideias apresentadas por Vigotski e Piaget, entre outros. A educadora musical Shirlei Tudissaki vem apresentando múltiplos trabalhos a partir de relatos científicos, demonstrando o quanto a música pode auxiliar as pessoas portadoras de deficiências físicas, entre elas a deficiência visual. Pesquisas esboçando a relação da música com a matemática e com a neurociência têm se intensificado nos últimos anos, o que mostra de forma explícita de que maneira métodos interdisciplinares de análise podem transcender a limitação de pesquisas disciplinares, focadas em uma única linguagem.

Finalizo, declarando novamente a importância de termos em nossas cidades bibliotecas que se configurem como locais privilegiados para a difusão e a propagação do conhecimento humano em todas as áreas do saber. A possibilidade de descobrirmos e manusearmos produções de tão alta envergadura traz para nós a certeza de que o conhecimento ali armazenado é de cabal importância para o mundo e para os homens. Que esses espaços insubstituíveis de cultura tenham uma existência perene.

Sonia Regina Albano de Lima tem livros e artigos publicados sobre educação musical, música e interdisciplinaridade. É doutora em Comunicação e Semiótica (Artes), com pós-doutoramento em Música e bacharelados em Instrumento (Piano) e em Direito. Docente da pós-graduação em Música da Unesp, foi diretora e professora na Escola Municipal de Música de São Paulo e na Faculdade de Música Carlos Gomes.

Leia mais

LANGER, Susanne K. *Filosofia em nova chave: um estudo do simbolismo da Razão, Rito e Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Debates).

LIMA, Sonia Regina Albano de. Pesquisa interdisciplinar na performance musical e na docência. *Música Hodie*: revista do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 3, n. 1/2, p. 26-34, 2003.

FUBINI, Enrico. *Música y lenguaje en la estética contemporánea*. Madrid: Alianza. 1994.

SCHOPENHAUER, Arthur. *The world as will and representation*. New York: Dover Publications, 1966. In two volumes. Tradução para o espanhol: *El mundo como voluntad y representación* (Barcelona: Planeta-De Agostini, 1996. 2 v.).

STORR, Anthony. *A dinâmica da criação: o que faz as pessoas serem mais originais*. São Paulo: Benvirá, 2013. 447 p.

STORR, Anthony. *La música y la mente: el fenómeno auditivo y el porqué de las pasiones*. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 2002. 250 p.

**Biblioteca e comunidade:
acolhimento em mão dupla**

“Tesouros dos remédios da alma”: Biblioteca Guilherme de Almeida, do distrito de Sousas, em Campinas (SP)

Carmina Mendes André

— Ninguém deve. Ninguém pode. Ninguém, querendo, o conseguiria. A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que acolhe, enganosa como a mentira que encerra. Labirinto espiritual, é também labirinto terreno. Poderíeis entrar e poderíeis não sair.

(Umberto Eco. *O nome da rosa*, 1986, p. 28.)

Diante das transformações do mundo, a presença de aparelhos tecnológicos capazes de armazenar um número gigantesco de informações – de armazenar todos os livros do mundo e os que ainda estão por vir –, pergunto qual seria o sentido de se conservar uma biblioteca física nas atuais condições?

Para escrever sobre o tema, fiz um jogo comigo mesma, de imaginar o que significa uma cidade ou um subdistrito de uma grande cidade sem uma biblioteca. Não estou me perguntando qual o impacto de um lugar urbano sem biblioteca, o que seria já uma ótima pergunta. Mas, neste momento, pergunto: o que pode significar



Será que nossas bibliotecas modernas ainda trazem esses mistérios e sabedoria? Ainda são reconhecidas como lugar de grandes ensinamentos? De diálogos entre sábios? Será que nós, contemporâneos, ainda creditamos à biblioteca o lugar do refúgio seguro da espiritualidade ensinada em palavras? Que valor damos às palavras, atualmente?

a ausência de uma biblioteca, o que este fato nos traz como metáfora da vida social desse lugar?

Na epígrafe que escolhi, em um trecho do romance *O nome da rosa*, Umberto Eco expressa um modo de ver a biblioteca como um lugar-labirinto de guardar tesouros espirituais e mundanos (trata-se de perspectiva da era medieval europeia), um lugar em que podemos encontrar os sentidos para o viver e o morrer; e que pode nos levar ao encontro de nós mesmos mas também à nossa perdição. Será que nossas bibliotecas modernas ainda trazem esses mistérios e sabedoria? Ainda são reconhecidas como lugar de grandes ensinamentos? De diálogos entre sábios? Será que nós, contemporâneos, ainda creditamos à biblioteca o lugar do refúgio seguro da espiritualidade ensinada em palavras? Que valor damos às palavras, atualmente?

Pois é com essas questões que ensaio ideias para compor este texto.

*

Escreve Todorov (1979) que narrativas tendem a nos contar a mudança de uma situação estável para outra de desequilíbrio, e como tal perturbação é superada, mesmo que parcialmente.

O sujeito histórico de uma de nossas narrativas é a Biblioteca Pública Guilherme de Almeida, do distrito de Sousas, em Campinas, interior de São Paulo. Este sujeito coletivo será

representado por Marilucia da Silva e Marcelo Paulo Ferreira: ele bibliotecário de formação pela Unesp e ela funcionária de serviços gerais. Mas também o sujeito é composto pelos cidadãos frequentadores: professores, estudantes, trabalhadores de TI, crianças, avós, pais, artistas, moradores em situação de rua, e, por fim, pelos autores e autoras que moram nas estantes.

No ano de 2021, 58º aniversário da Biblioteca, um jornal eletrônico noticiou que ela havia sido criada em 21 de agosto de 1963 e inaugurada em 14 de novembro de 1966, numa sala da Subprefeitura de Sousas. Nem uma linha sobre a idealizadora da instituição, a bibliotecária Zuleica Godoi Gomes, carinhosamente chamada por dona Zuleica.

A biblioteca de Sousas passou por vários endereços. Não que seu conceito seja de uma biblioteca itinerante: é a falta de um prédio municipal que obriga a Prefeitura a alugar imóveis na localidade. A biblioteca, como grande parte da população de baixa renda do país, mora de aluguel, sofre as variações dos valores mercadológicos e vive em constante iminência de ser despejada. Na atualidade, como tantos sem-teto, ela “ocupa” um espaço privado cedido à Prefeitura.

Em final de 2023, tal como em outras ocasiões, a população de Sousas acordou com sua biblioteca fechada. O motivo eram problemas com a documentação do imóvel de aluguel. Sem solução clara para o destino da instituição e temendo ver

No final do mês de dezembro, frequentadores da Biblioteca foram surpreendidos com pessoal contratado [...] para encaixotar os livros. Um caminhão de mudanças já aguardava na porta [...]. Rapidamente, mais de cem pessoas se mobilizaram pelas redes sociais e criaram um grupo pelo WhatsApp para contestar. No final, a Secretaria recuou da decisão.

a biblioteca ser descartada, um grupo de cidadãos locais se reuniu com os funcionários e decidiu pressionar o poder público por um desfecho feliz, com a reabertura. Era preciso dar visibilidade ao caso, expô-lo na mídia e atrair o apoio de políticos.

Certo de que o país não tem memória, o bibliotecário Marcelo tinha arquivadas as notícias de jornais locais sobre a história da mudança da biblioteca, as quais ofereceu como material de pesquisa. Segundo o relato de Roberto Delgado de Carvalho¹ algumas reuniões foram feitas “entre pessoas que esperavam poder resolver o problema, e que a biblioteca pudesse continuar funcionando no local”. O local na praça onde ela está atualmente instalada já era cogitado, mas seria

preciso transferir as atividades. Nesse meio-tempo, segundo o relato, “pairava no ar a possibilidade de o material da Biblioteca ser transferido para a escola estadual Thomás Alves”. Sem diretrizes claras, engajamento aparente do governo local (ainda que contando com os esforços de algumas lideranças políticas), nem a anuência da população, ficou determinado que o acervo iria para a escola.

Na edição de 14 de fevereiro de 2024 do *Jornal Local* (Biblioteca [...], 2024), encontramos uma notícia curiosa:

No final do mês de dezembro, frequentadores da Biblioteca foram surpreendidos com pessoal contratado da Prefeitura para encaixotar os livros. Um caminhão de mudanças já aguardava na porta, pronto para começar a mudança, para o colégio Thomás Alves. Rapidamente, mais de cem pessoas se mobilizaram pelas redes sociais e criaram um grupo pelo WhatsApp para contestar. No final a Secretaria recuou da decisão.

Neste ponto, passo também a compartilhar da história, pois sou uma das integrantes deste grupo à distância.

Sem destino adequado nem prazo para reabertura, a situação da Biblioteca motivou a sociedade civil a se unir e protestar contra a inação da Prefeitura, exigindo respostas. Depois de alguns meses, decidiu-se por um espaço do Clube Recreativo, onde foi reinstalada.

A atual casa da biblioteca é uma “volta ao lar”, posto que a entidade foi criada pelos sócios do Clube Recreativo, instituição mantida por imigrantes italianos que chegaram em décadas passadas à localidade (lugar que nem sempre foi democrático para a população nativa e aquela vinda da África – mas aí é outra história). O fato é que, ainda sem teto definitivo, a Biblioteca passou à condição de ocupante do Recreativo, em imóvel cedido temporariamente à Prefeitura.

¹ Morador de Sousas, cedeu gentilmente anotações feitas nas reuniões que frequentou, organizadas em prol da Biblioteca Guilherme de Almeida.

Trata-se de um pequeno galpão localizado numa área que, apesar da vantagem da boa visibilidade, em frente à praça muito popular que ladeia o rio Atibaia, é uma região poluída e barulhenta devido ao intenso tráfego de veículos. Além disso, o telhado do salão é de amianto, com forro de material já muito danificado pela chuva que cai sem dó, e obriga os cuidadores a espremer as estantes de livros no centro da sala, reduzindo ainda mais o já pequeno espaço para tanta riqueza guardada. Mesmo nessas condições – que desanimariam qualquer um –, Marilucia e Marcelo montaram as estantes, ainda com livros em desordem; arrumaram o espaço de entrada privilegiando as crianças (com jogos, livros e brinquedos), e áreas para os jovens (com gibis e computador ao lado) e adultos (com alguns títulos de ficção em uma estante que separa esta área de convivência dos corredores do restante dos livros). Quando entramos, a sensação é de calma e aconchego. E o chão brilha.

Quem são Marilucia e Marcelo? Penso que nada melhor do que as histórias que as pessoas carregam para apresentá-las. Conta-me Marilucia² que chega às sete horas da manhã, se troca, veste shorts, uma “blusinha batida” e, com vassouras, rodos e panos, limpa o ambiente sem dispensar a cera para “dar uma melhorada” no chão. Quando faltam alguns minutos para as nove horas, ela muda de roupa novamente e, com um vestido bem ajustado, colorido e discreto, um sapatinho ou sandália de salto baixo, colares, batom (um quase nada), faz um cafezinho doce e senta-se à mesa da recepção para esperar os usuários. Marilucia da Silva exerce a função de serviços gerais, entre os quais está o de assistente bibliotecária. Essa rotina tem exatos 32 anos, afirma. Gosta de ler romances espíritas, ver as crianças no ambiente e assistir contações de histórias quando acontecem no espaço.

E quem é Marcelo Paulo Ferreira? Nosso bibliotecário nos conta³ que vem de família modesta e que seu interesse por livros e leituras

começou por influência do irmão. Seu pai, com pouco estudo, mas incentivador dos estudos dos filhos, trabalhava em uma fábrica de reciclagem de papel e trazia para casa livros e gibis que resgatava para a família. Seu irmão logo montou uma estante com os livros e ele, uma caixa com os gibis, que eram emprestados para os vizinhos com seus nomes devidamente anotados para devolução. Estaria ali o gosto pela profissão? Essas coisas nunca sabemos. Falante e descontraído, porém discreto a respeito de posicionamentos, seu modo de ver o mundo tornou-se flagrante na história sobre um amigo, morador em situação de rua de Sosas e usuário de drogas. Certa feita, o amigo o procurou para pedir que guardasse seu sax, o instrumento musical que toca para trabalhar; na época estava ele com receio de ser roubado. Sem questionar se era caso de um surto paranoico ou de realidade, não deixou de socorrer o amigo. Ele diz preferir ler os clássicos aos modernos. Teria desenvolvido um olhar dostoiévskiano diante dos humanos? Talvez sua formação ética venha daí. Entre idas e vindas, comenta que seu pai tornou-se outro homem quando conheceu a teologia da libertação, movimento que defende o comprometimento da igreja com as causas sociais, em especial o engajamento na luta contra as desigualdades sociais, o que faz conexão com o enfoque que trago neste texto. Estava, portanto, diante de um homem que carrega tesouros ancestrais.

Mas, voltemos ao problema inicial: o inseguro lar da biblioteca de Sosas. O livro vem sendo abandonado, ou substituído pela leitura digital. Marilucia, Marcelo e os 400 frequentadores mensais da biblioteca não pensam desse modo. Perguntado se acreditava no desaparecimento da biblioteca física diante dos novos “suportes” para o veículo do conhecimento, Marcelo foi categórico em afirmar que “precisamos nos abrir para os novos suportes”, e nos contou de quando conheceu a palavra “podcast”, em roda de conversa com um grupo de jovens. Hoje, é

² Entrevista concedida em 6 de setembro de 2024.

³ Entrevista concedida em 6 de setembro de 2024.

um frequentador de vários programas de podcast e faz paralelos desse suporte com o rádio e a biblioteca.

Então, o que leva um grupo de cidadãos frequentadores da biblioteca e os dedicados bibliotecário e sua assistente a tanto empenho?

Pesquisando sobre a biblioteca de Sousas, encontro na página da instituição no Facebook a seguinte notícia, de 6 de junho de 2022:

A nossa Biblioteca Pública Distrital de Sousas “Guilherme de Almeida” tem um novo grupo de leitura: o ReenContos, que vai promover encontros mensais de leitura. A primeira atividade será nesta terça-feira, dia 7 de junho, às 18h, aqui na biblioteca, que fica na avenida Cabo Oscar Rossin, 63, em Sousas.

A proposta do ReenContos é discutir literatura brasileira a partir de contos de grandes escritores brasileiros. Para a reunião de junho, foi escolhido o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector. O conto compõe a coletânea *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi.

Quem se interessar em participar do grupo ou quiser mais informações pode entrar em contato pelo telefone (19) 3258-4515, que também tem WhatsApp (Biblioteca [...], 2022).

Como se pode notar pelo texto, a visão de Marcelo sobre a biblioteca inclui a definição de um lugar público que vive para além do “guardador de livros”. Em entrevista, ele se refere ao livro *A casa da invenção: biblioteca centro de cultura*, de Luís Milanesi (2003), que, entre outras coisas, detecta a necessária mudança da função da biblioteca além do armazenamento e empréstimo de livros, posto que a internet já se faz biblioteca em casa. Para sua sobrevivência, diz Milanesi em artigo de 2013 (p. 66), a biblioteca deve se

afirmar como espaço de discussão e criação de conhecimento.

As políticas culturais, no Brasil, na prática nunca deram prioridade às bibliotecas públicas e ao acesso à informação. O resultado desse descaso de décadas é o atual panorama de bibliotecas vistas como repartições municipais de pouco e decrescente uso. Elas, nominalmente, existem em quase todos os municípios brasileiros. No entanto, a maioria delas não se vincula às atividades culturais e nem mesmo à informação. A tendência é que se extingam sem que haja decisões locais em busca da recriação de seu papel. Um dos motivos disso, talvez o principal, é a transferência da tarefa de pesquisar para os sites de busca. A pergunta é elementar: o que substituirá as bibliotecas de livros e revistas impressos? Se estes podem ser digitalizados e arquivados, permanecendo íntegros nos computadores, a resposta aponta para a nuvem.

Considerando-se apenas o acervo, a alternativa é a criação da biblioteca pública digital de livre e fácil acesso. Inclusive porque a nuvem, sendo mais completa, é onerosa.

A biblioteca de Sousas – quando há condições de infraestrutura – segue a mesma ideia de Milanesi, pois abriga muitas ações de assistência à comunidade, como visto, mas isto se amplia. Nela funcionam: o clube de leitura mencionado, rodas de conversa,⁴ curso de informática, saraus com participação das escolas locais, contação de histórias, exposições, atendimento psicológico e o que mais couber dentro de uma casa fomentadora de cultura e de convívio.

Se acompanharmos os diagnósticos de filósofos, historiadores, cientistas sociais, artistas e professores sobre a problemática de nosso

⁴ “Biblioteca é um lugar para conversar e tem momento que pode até cantar”, dizia reportagem de um jornal local.

modo de vida, o individualismo e seu efeito de esfacelamento dos laços comunitários estarão em pauta. E se acompanharmos as principais queixas de pacientes de psicanalistas e psicólogos, a solidão associada à ausência do sentimento de pertencimento surgirá como uma das principais causas da depressão e dos estados de ansiedade das pessoas. Daí, podemos inferir que o desaparecimento da biblioteca de Sousas fecha uma porta para a sanidade mental de seus frequentadores, ao fazer desaparecer também um importante espaço público de convívio. A ausência de biblioteca em um lugar hoje é, no mínimo, a ausência de um espaço seguro de convivência e troca de conhecimento.

Contudo, será que apenas esse fato levaria tantos a se engajarem nessa causa? Eu mesma, como parte desse grupo, respondo: não, não é só a perda de um espaço de convivência que está em jogo.

*

Mesmo ampliando a função de “guardadora de livros” e mediadora, a biblioteca nunca deixará de ser um lugar que guarda mistérios, guarda histórias – reais e ficcionais – contadas por pessoas que não quiseram passar pela vida sem deixar seus rastros.

O que poderia levar os seres humanos a construir um lugar para preservar escritos? Sim, há o argumento científico que justifica guardar os conhecimentos para que possamos repeti-los e aplicá-los para melhorar a vida. Mas, vamos começar do começo. Eu mesma tenho uma veneração pelas palavras. Adoro repetir que cada palavra que aprendo, um mundo inteiro se abre para mim.

O escritor e terapeuta Kaká Werá, de ascendência tapuia, é um pesquisador de narrativas da criação do mundo.

O Menino-Trovão [literatura infanto-juvenil] é o resultado dessa pesquisa de histórias de origem. Depois de conhecer inúmeros fragmentos de narrativas da tradição tupi, acabei percebendo alguns

aspectos essenciais entre elas e fui recriando a história após passar por várias versões e reescrituras. (Werá, 2022, p. 7).

Werá conta que no início não existia a existência. Só havia o que chama de espírito do silêncio. Depois de muito se interrogar, “Aquele que nem nome tinha” inventou seu primeiro nome: Nhamandú. E como não tinha corpo para se caber, criou a palavra “infinito” e entrou nela. Até que criou Kuaracy, o sol, e depois Tupã “até que através dele as coisas pudessem existir pelas palavras faladas e cantadas” (Werá, 2022, p. 10). Tupã criou a Coruja, as estrelas e a Mãe Terra. Nesta última, desenhou em seu corpo as primeiras entidades da natureza: montanhas, rios, lagos, nascentes, florestas, desertos e planícies. E, por fim, criou o primeiro ser humano, Nhandervuçu ou o Menino-Trovão. Depois de passar por muitos modos de ser para conhecer a vida na Terra, depois de ter adquirido corpo de gente, saiu andando pelo mundo. “Até que um dia ele olhou o céu, suspirou, e lhe veio à mente uma palavra: ‘Arara’”. Assim surgiu a arara no mundo. Um azul intenso voando sobre o céu” (Werá, 2022, p. 33).

E desse modo foi andando e fazendo surgir os peixes, os animais terrestres, e todos os tipos de plantas por meio de sua nomeação.

Considero essa história uma revelação sobre o valor da palavra para a humanidade. A preciosidade que se esconde por detrás dos nomes. O mundo e as coisas que ele carrega só passam a existir depois de serem nomeados. Gosto de pensar na responsabilidade de escritores de ficção ou outros escritos diante do que criam com as palavras. E, neste delírio vertical, gosto de pensar na biblioteca como o “templo” das histórias e do conhecimento, que só existem por causa das palavras. Um lugar não só de arquivo, mas de mediação entre quem chega com os autores.

Os estudiosos da Biblioteca de Alexandria (IV a.C.), no Egito antigo, acreditam que ali não só se abrigavam acervos de documentos como também era um lugar de produção de conhecimento, frequentado por estudiosos. E penso que

ainda nossas bibliotecas cumprem essa função de acervo e também do lugar dos estudos, do silêncio ainda em algumas salas, lugar para meditar sobre a vida e as coisas dela.

Foi nas bibliotecas antigas que encontramos a origem do que chamamos ciências naturais, astronomia, filosofia, literatura. Quem não sente o mistério dos pensamentos flutuantes no ambiente de uma biblioteca? Quantos *insights*? Quantos choros ou risos? Quantos pensamentos quadriculados? Histórias inventadas? Confições? Esclarecimentos? Tudo boiando no invisível de seus pés-direitos ou paredes altas.

Fala-se hoje que estamos na “era da informação” e que o maior tesouro da atualidade são os conhecimentos. Rouba-se, mata-se, engana-se um ao outro pela posse de conhecimentos. As patentes, por exemplo, não são distribuídas abertamente a todos, é necessário comprar os conhecimentos para adquiri-los. Mas, vejam, isto vem de longe. A dinastia ptolomaica, do Egito antigo, reuniu o maior acervo de conhecimento da época. Havia uma política para comprar e adquirir à força, se fosse necessário, os escritos de vários territórios do mundo. O roubo do conhecimento parece fazer parte do DNA dos poderosos. Hoje a maior biblioteca se encontra nos EUA, o que diz muito sobre a política internacional bélica daquele país.

Uns atribuem a biblioteca mais antiga ao tempo do reinado de Assurbanípal (669 a 629 a.C.). Seu acervo era formado por placas de argila em escrita cuneiforme, conteúdo roubado dos sumérios conquistados. E na continuação desta prática de concentração do conhecimento adquirido por dinheiro e força, encontramos a Biblioteca de Alexandria, que também foi formada por um colonizador expansionista, o rei da Macedônia conhecido como Alexandre, o Grande. Não temos notícias do nome original dessa biblioteca. Ela teria de 40 a 60 mil manuscritos em rolos de papiro, chegando a possuir 700 mil volumes.

Mas há outros estudiosos que atribuem ao reinado do faraó Ramsés II (1303–1213 a.C.) a construção da primeira biblioteca de que se tem notícia, que reuniu cerca de dez mil rolos

de papiro. Na porta do edifício estava escrito: “Tesouros dos remédios da alma”.

Na história das primeiras bibliotecas de que temos notícias, o que me parece mais curioso é o fato de estarem localizadas no Oriente Médio e na África. Os gregos, os romanos, depois os cristãos europeus e outros foram buscar conhecimentos no Oriente Médio e na África. Hoje, tal como nos tempos antigos, as invasões bárbaras dos europeus modernos e norte-americanos nesses continentes nos faz indagar: o que ali procuram além da expansão territorial e do petróleo? Que riqueza querem do Oriente Médio, além das riquezas materiais? Que ideia fixa têm os sucessivos governos de Israel sobre o Irã, lugar de cultura muito desenvolvida desde a era anterior à cristã? Que conhecimento, que mistérios guardam os antigos povos do Islã que tanto invejam os ocidentais, incluindo os sionistas, que alegam direitos de propriedade do território palestino, mas que não se identificam com o Oriente?

Luís Borges, um leitor do mundo, admira-se com o magnífico universo do dito Oriente e não deixa de ser impactado pelo livro dos livros: *As mil e uma noites*.

Senhoras e senhores,

O descobrimento do Oriente foi um acontecimento capital na história das nações ocidentais. Seria mais exato falar de uma contínua consciência do Oriente, comparável à presença da Pérsia na história grega. Além dessa consciência do Oriente ser algo vasto, imóvel, magnífico e incompreensível, há momentos de culminância. Vou indicar alguns. Com isso, entraremos de maneira perfeitamente adequada num assunto que tanto amo desde minha infância: o *Livro das mil e uma noites* ou, como se chamou na versão inglesa (que li primeiro), *The Arabian nights*, Noites árabes; no título inglês há também um certo mistério, ainda que seja menos belo do que *Livro das mil e uma noites* (Borges, [19—], p. 71).

São perguntas que faço de dentro de uma biblioteca, a minha, pessoal. Sim, toda professora moderna que se preza também monta sua própria biblioteca ao longo da vida, lugar também conhecido como “escritório de trabalho”. Aqui acumulamos nossos livros de interesse para trabalhos profissionais, mas também para trabalhos da alma.

No momento em que escrevo, estou olhando para *O nome da rosa*. Neste romance, o protagonista é uma biblioteca medieval italiana, um edifício labiríntico que abriga livros raros e proibidos para o público comum. Muitas mortes acontecem e o frade Guilherme é chamado para encontrar as causas. Ao desejar visitar a biblioteca, Guilherme é barrado pelo bibliotecário. “E por quê?”, pergunta Guilherme.

— Vede, frade Guilherme — disse o Abade —, para poder realizar a obra imensa e santa que enriquece aquelas muralhas [...], homens devotos trabalharam durante séculos, seguindo regras de ferro. A biblioteca nasceu segundo um desígnio que permaneceu obscuro para todos através dos séculos e que nenhum dos monges é chamado a conhecer. Só o bibliotecário recebeu o seu segredo do bibliotecário que o precedeu, e comunica-o, ainda em vida, ao bibliotecário ajudante, de modo que a morte não o surpreenda privando a comunidade daquele saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de se mover no labirinto dos livros, só ele sabe onde encontrá-los e onde repô-los, só ele é responsável pela sua conservação. [...] Mas um elenco de títulos frequentemente diz muito pouco, só o bibliotecário sabe, pela colocação do volume, pelo grau da sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdades ou de mentiras o volume encerra. Só ele decide como, quando e se o fornece ao monge que faz a sua requisição, por vezes depois de me ter consultado. Porque nem todas as verdades são para

todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por um espírito piedoso, e os monges, enfim, estão no *scriptorium* para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler certos volumes e não outros, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que os colha, quer por debilidade da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica.

— Portanto, também há na biblioteca livros que contêm mentiras...

— Os monstros existem porque fazem parte dos desígnios divinos, e até nas horríveis façanhas dos monstros se revela a potência do Criador. Assim, por desígnio divino, existem também os livros dos magos, as cabalas dos judeus, as fábulas dos poetas pagãos, as mentiras dos infiéis. Foi firme e santa convicção daqueles que quiseram e sustentaram esta abadia através dos séculos que até nos livros mentirosos pode transparecer, aos olhos do leitor sagaz, uma pálida luz da sapiência divina. E por isso também desses a biblioteca é escrínio. Mas precisamente por isso, compreendeis, não pode penetrar nela qualquer um. E além disso [...] o livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis. Se durante centenas de anos qualquer um tivesse podido livremente tocar nos nossos códices, a maior parte deles já não existiria. O bibliotecário defende-os, portanto, não só dos homens, mas também da natureza, e dedica a sua vida a esta guerra contra as forças do esquecimento, inimigo da verdade (Eco, 1986, p. 27-28).

Eco questiona os detentores do conhecimento. Ali se encontram ideias que contradizem os dogmas da igreja, levando os leitores às dúvidas, à dialética. Eco parece simbolizar a biblioteca como um lugar da busca da verdade. À ideia de “revelação da verdade” contrapõe outra, a da racionalidade e do pensamento crítico como

veículo para o conhecimento. Mas por que o acesso era restrito? Há, portanto, uma relação entre ignorância e dominação que o autor nos faz ver. Não podemos esquecer que toda a trama se desenrola em torno de um livro considerado perdido: *A comédia*, de Aristóteles. Tal livro é considerado o mais perigoso pelo abade bibliotecário, por ensinar o pensar crítico e autônomo. O conhecimento convence e essa persuasão tem finalidade: seja para o bem, seja para o mal.

Nesta altura, voltamos ao início deste ensaio, para a Biblioteca de Sousas e seu bibliotecário Marcelo, sua assistente Marilucia e seus frequentadores. Do mesmo modo que o abade medieval é um herdeiro dos escribas do Egito antigo, Marcelo é herdeiro de ambos em um mundo que torna a biblioteca um espaço laico e o bibliotecário um mediador e não mais um censor. Remanescentes de tempos perdidos em ruínas, seriam eles guardiões dos segredos da potência do conhecimento.

O desaparecimento de nossa biblioteca em Sousas ou a ausência de bibliotecas em um lugar urbano metaforiza, para mim, o soterramento das palavras poéticas, das histórias do lugar, dos conhecimentos científicos, das artes que por ali bailam; soterramento da memória coletiva, soterramento dos antigos sábios, do livro físico; soterramento das reuniões entre pessoas para pensar, criar, cantar e, por que não?, meditar.

Mas, ouçam, escrevo “soterramento” e não morte. Do mesmo modo que foram soterradas as bibliotecas antigas seja por guerras ou por algum fator climático, imagino que uma biblioteca soterrada aguarda pacientemente algum arqueólogo futuro para lhe trazer de volta à vida, mesmo que como rastro de memória.

Portanto, se algum dia a biblioteca física for soterrada, seu sentido estará gravado em nosso inconsciente coletivo, quieto, mas vivo para qualquer sinal da deusa Mnemose. E, vejam, que curioso: atribui-se à deusa titânica a criação da linguagem humana.

Carmina Mendes André tem se ocupado da área de Arte Educação, com ênfase no ensino das Artes Cênicas; leciona na pós-graduação em Artes da Unesp e lidera o Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias (CNPq). É doutora em Educação, com pós-doutorado em História, mestrado em Filosofia e graduação em Teatro.

Leia mais

ANDRÉ, Carmina Mendes. Anotações peripatéticas. *Geograficidade*, Niterói, RJ, v. 13, n. Especial, p. 149-161, 2024.

BIBLIOTECA DE SOUSAS. [*A nossa Biblioteca Pública Distrital de Sousas- Guilherme de Almeida tem um novo grupo de leitura*]. Campinas, SP, 6 jun. 2022. Facebook: Biblioteca de Sousas @bibliotecasousas. Disponível em: https://www.facebook.com/story.php/?story_fbid=5246570138764606&id=617078801713786. Acesso em: 7 abr. 2025.

BIBLIOTECA é um lugar para conversar [...]. *O Quinze*, Campinas, SP, maio 2019.

BIBLIOTECA permanece no mesmo endereço. *Jornal Local*, Campinas, SP, 14 fev. 2024.

BORGES, Luis. *Sete noites*. Tradução: João Silvério Trevisan. São Paulo: Max Limonad, [19--]

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Record, 1986.

MILANESI, Luís. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. *Revista USP*, São Paulo, n. 97, p. 59-70, 2013.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção*.
biblioteca centro de cultura. 4. ed. rev. e ampl.
Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

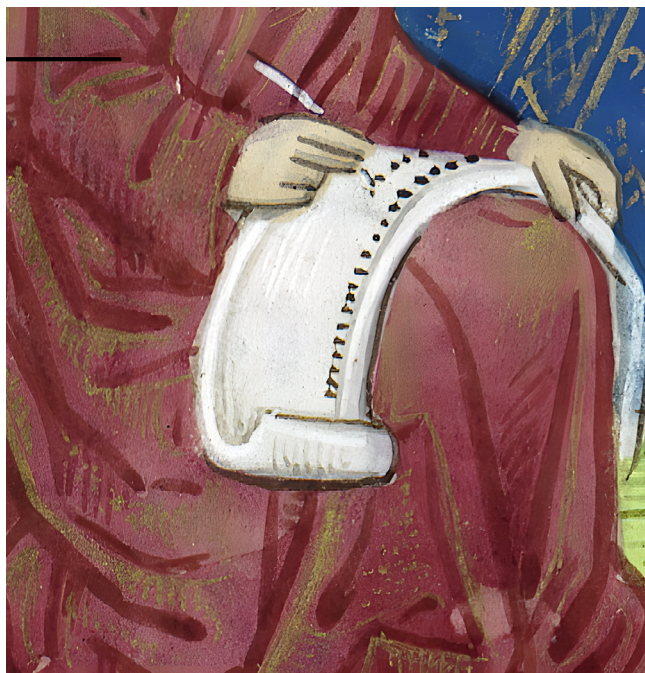
TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*.
Tradução: Leila Perrone-Moisés. São Paulo:
Perspectiva, 1979.

WERÁ, Kaká. *Menino-Trovão*. Ilustrações
de Mauricio Negro. São Paulo: Santilana
Educação (Moderna), 2022.

Biblioteca: impacto na vida do leitor e do cidadão

Outras bibliotecas: uma história de pesquisa

Maria Teresa Santoro Dörrenberg



Entrei na biblioteca e aspirei aquele perfume de papel e de magia que inexplicavelmente ninguém ainda lembrou de engarrafar.

(Carlos Ruiz Zafón. *O jogo do anjo*.)

A biblioteca – termo derivado do grego *biblion*, “livro”, e *theca*, “depósito” – era tradicionalmente entendida como um local em que são guardados livros, documentos tridimensionais e demais publicações, a fim de que o público possa estudar, ler, consultar. Porém, o velho conceito de “depósito de livros” foi sendo, ao longo dos tempos, redefinido para algo como um ambiente físico ou virtual destinado à coleção de informações com a finalidade de auxiliar as pesquisas e trabalhos ou facilitar a prática do hábito de leitura, sendo a informação impressa em folhas de papel, ou digitalizada e armazenada em outros tipos de materiais, tais como CDs, fitas VHS, DVDs e, mais tarde, grandes bancos de dados em arquivos digitais de diferentes formatos – explica, em parte, a Wikipedia, enciclopédia da era da informação (Biblioteca, 2025).

Essa concepção se amplia, agregando atributos implícitos a seu significado; por exemplo, o conceito de biblioteca como um museu onde é selecionada e guardada a produção geral de informação, funcionando como um espelho do mundo. Segundo Umberto Eco, no documentário *A library of the world* (Ferrario, 2024), a “biblioteca é um símbolo da memória coletiva”.

Há bibliotecas, ainda, que, dada sua suntuosidade arquitetônica, sua grandeza e beleza, ou dada a veneração ao trabalho de leitura, pesquisa e redação (que impõem silêncio e respeito ao local, uma vez que conhecimento é sinônimo de poder), expandem seu sentido literal, emprestando o conceito de igreja, e a biblioteca passa a agregar também o sentido de santuário da mente.

No século XVII, Gottfried Wilhelm Leibniz, o célebre matemático, filósofo e jurista alemão,

A aspiração da biblioteca é a busca do conhecimento humano e universal. Uma aspiração grandiosa e aparentemente inatingível, já que a biblioteca está constantemente se completando, se revendo, descartando e acrescentando.

declarou que o valor de uma biblioteca estava tão somente em seu conteúdo e no uso que os leitores faziam desse conteúdo. Leibniz comparou a instituição da biblioteca a uma igreja ou escola, um lugar de estudo e instrução.

Virginia Woolf (1985), em suas conferências (em 1928, sobre “Mulheres e ficção”), consolida a ideia de lugar especial ao pontuar a necessidade de um espaço privado para ler e escrever: “A mente toda deve se abrir por inteiro se quisermos entender que o escritor está comunicando sua experiência com perfeita plenitude. É preciso liberdade e é preciso paz”.

A aspiração da biblioteca é a busca do conhecimento humano e universal. Uma aspiração grandiosa e aparentemente inatingível, já que a biblioteca está constantemente se completando, se revendo, descartando e acrescentando.

Assim, baseada nas constantes alterações de governos, de crenças, de políticas, de educação e de povos na história, a igreja e seus mosteiros tiveram um papel importante na Antiguidade, pois a memória de muitos povos e culturas foi preservada pelo silencioso e laborioso trabalho

dos padres copistas. Alguns desses copistas tinham o hábito de colocar o pincel ou o dedo sujo de tinta na boca, e a química das tintas da época acabou matando alguns. Essas bibliotecas da Antiguidade até a Idade Média eram, entretanto, fechadas e o conhecimento restringia-se aos reis em seus palácios e aos religiosos nos mosteiros.

Somente no século XVI houve a democratização da informação e a especialização em diferentes áreas do conhecimento, proporcionando a consequente abertura da biblioteca em lugar acessível a todos aqueles que podiam ler, onde se conservava o saber e a cultura dos povos. A biblioteca transformou-se, desde então, em uma prestadora de serviços que proporciona o acesso e intermedeia uma informação.

Mesmo assim, restrições à preservação e ao conhecimento acumulado em uma biblioteca têm acontecido em diferentes momentos políticos, através da censura ou da retirada de material ideológico, e muitas vezes da queima de livros com informações contrárias aos interesses vigentes. Na década de 1970, no Brasil, por exemplo, durante a caça aos “elementos subversivos” sob o regime militar, qualquer pessoa de posse de um livro “suspeito” podia ser presa e detida sem processo. Diversas pessoas, com medo de ameaças, queimaram suas bibliotecas em fogueiras.

Muito ainda se pode falar sobre a história da biblioteca, ou das bibliotecas que existiram ou existem. Histórias fascinantes de bibliotecários que salvaram livros, de livros que salvaram homens, de livros perdidos, livros proibidos, livros imaginados, de bibliotecas labirínticas com suas proliferantes estantes, de bibliotecas vegetais e bibliotecas híbridas, digitais e de bits. Porém, todas elas espelham o mundo e sua memória, como o lugar de refúgio do leitor. Guardiães dos livros, são hoje centros de documentação e informação, com espaços e coleções físicas e virtuais em que as novas tecnologias de informação e comunicação passam a ser a base do serviço e da inter-relação com o usuário.

Alguém já disse que “não é o lugar em si, mas aquilo em que as pessoas transformaram o lugar,

o significado que lhe atribuíram. Tudo envolto em memórias, tudo colorido pelo temperamento”.

A Alemanha, onde moro, tem atualmente mais de oito mil bibliotecas para uma população de aproximadamente 83,3 milhões. Delas, 6.313 são abertas ao cidadão, são as bibliotecas públicas.

Em 1993, vivia em Berlim com o apoio de uma bolsa do CNPq, trabalhando em meu doutorado *Semiotik des Medikaments: das Medikament im Kontext von Krankheit und Kommerz* (Santoro, 1998), sob a orientação do professor doutor Roland Posner, diretor do departamento de Semiótica da Universidade Técnica de Berlim.

A cidade abriga uma das mais relevantes bibliotecas públicas da Alemanha, a Staatsbibliothek zu Berlin, apelidada Stabi e instalada em dois edifícios (Haus Unter den Linden e Haus Potsdamer Straße), que estiveram separados pelo Muro de Berlim. O mais antigo e maior deles, fica na parte oriental da cidade, Haus Unter den Linden.

A Staatsbibliothek zu Berlin que frequentei por aproximadamente um ano foi o edifício concebido pelo arquiteto Hans Sharoun nos anos 1960, após a divisão da cidade.

Segundo as reminiscências de uma das “colegas de biblioteca” daquele período, Almut Nass:

Ela ficava no lado ocidental do muro em tempos de Guerra Fria, num terreno que formava um “triângulo de ninguém”, no espaço de uma linha férrea abandonada, com arbustos e pouca vegetação, que não era ocupado nem pela Alemanha Oriental, nem pela Ocidental, enfim, uma parte menos conhecida da cidade. Ninguém gostava muito de frequentar aquela área, pois era solitária, meio triste, um pouco fim de mundo. Nos anos 90, ir a essa parte da cidade era quase uma peregrinação. O metrô ficava longe. O número de estudantes e doutorandos que frequentavam essa biblioteca não era muito grande e as pessoas que iam lá dia após dia para estudar e escrever seus trabalhos eram as mesmas e a gente se conhecia. Por outro lado,

ali ficavam também a Neue Nationalgalerie de arte moderna, de Mies van der Rohe, e a famosa Filarmônica, também construída pelo arquiteto Sharoun. Posteriormente, foi construída a Gemäldegalerie, com excelente coleção de arte medieval. Todas essas construções faziam parte do Kulturforum, um foro de cultura planejado como centro cultural no coração de Berlim.

A biblioteca, hoje designada Haus Potsdamer Straße, tem 19,4 mil metros quadrados e foi aberta ao público em 1978. Ela funciona todos os dias até às 22 horas (até às 18 horas aos domingos). Lá reina um ambiente solene, silencioso, com o chão carpetado, teto com trabalho de iluminação ondulado, vitrais coloridos, em uma arquitetura ousada, mas funcional, de amplos espaços, diferentes níveis, boa iluminação, e tudo favorece a concentração e o trabalho.

Em São Paulo, no final dos anos 1980, eu havia assistido *Asas do desejo* (*Der Himmel über Berlin*, filme, 1987), do alemão Wim Wenders. E me lembrava das cenas dos dois anjos que habitavam a Terra e podiam ouvir os pensamentos, os desejos e as preocupações dos humanos, inclusive dos usuários da Biblioteca Estadual de Berlim, entre outros espaços da cidade. No filme, Berlim é ainda uma cidade murada e dividida, retratada em preto e branco, que depois se transmuta colorida quando o anjo Daniel (Bruno Ganz) se apaixona pela trapezista Marion (Solveig Dommartin) e quer participar da vida dos mortais.

Na metade dos anos 1990, não tínhamos fácil acesso a computadores ou à internet. A pesquisa, a leitura e o acesso a textos e livros tinham que ser feitos de forma analógica, através de catálogos, fichas, cartões, da cópia do texto, ou da compra do exemplar em livrarias.

Eu já havia cumprido os créditos da universidade e precisava me concentrar em escrever e finalizar a tese, mas não conseguia encontrar um ambiente propício à tarefa. Veio de uma irmã a sugestão para que fosse trabalhar numa biblioteca. Eu fui.

Entrei na Staatsbibliothek zu Berlin, na Potsdamer Straße 33, perto da Potsdamer Platz (que nos anos 1990 era um vasto campo vazio, por onde havia antes passado o Muro) e, subindo os dois primeiros lances de escada, posicionei-me exatamente numa esquina entre um lance e outro, onde estive o loiro anjo Cassiel (Otto Sander), no filme, observando daquela perspectiva o ambiente. Lembrei da cena e chorei, por estar num lugar meio mítico e ao mesmo tempo num lugar onde os livros me pareceram inumeráveis e todos à minha disposição.

Trabalhando com um *laptop* emprestado, eu digitava e depois precisava arquivar o material através de uma lógica de letras, números e sinais. Aos poucos fui me acostumando aos trâmites de procurar o livro ou o texto nas fichas-cartão das caixas-catálogo e quando não encontrava, ou me atrapalhava com a lógica dos números da catalogação, dirigia-me ao bibliotecário, que procurava e explicava a identificação do livro ou texto solicitado.

Normalmente, esperava-se de 30 minutos a uma hora pela chegada dos livros, trazidos do subterrâneo e dos arquivos até o balcão. Em algumas ocasiões, porém, a espera foi de dias e até semanas, pois o livro ou o texto de que eu precisava para a pesquisa encontrava-se em outra biblioteca, em outro estado ou cidade, tinha que passar pela burocracia do pedido e da disponibilidade, vir por correio.

Frequentei a Stabi quase todos os dias de semana de 1995. Tinha um armário para guardar o material de pesquisa e estudo, podia estacionar meu carro na frente do prédio e fiz amizade com alguns vizinhos habituais de mesa que cuidavam para que a minha permanecesse vazia, à minha espera. Havia também pausas para o café, o almoço e as conversas na cafeteria do primeiro andar. Como a Filarmônica fica em frente à biblioteca, em muitas oportunidades, em vez de voltar para casa no final do dia, atravessava a rua, inteirava-me da programação do dia e assistia a concertos maravilhosos com preços especiais para estudantes.

Nos anos imediatamente posteriores à queda do Muro, Berlim passava por grandes transformações. Uma dessas mudanças eram as construções da Potsdamer Platz. Um lago ou grande piscina foi construído ao lado da biblioteca para abastecer essa praça com água. Em meu dia a dia, acompanhava visualmente os trabalhos, mas, dentro do prédio, não sofriamos com ruídos ou qualquer outro incômodo, sonoro ou estrutural.

O caminho de casa até a biblioteca também teve relevância naquele ano, pois estive cheio de novidades. De certa forma, minha percepção da biblioteca foi se transformando, estendendo-se para a cultura alemã da cidade que se movia e se renovava. Consequentemente, a presença contínua na biblioteca me possibilitou participar de algumas transformações da cidade e de sua identidade cultural.

Passava diariamente em frente ao Reichstag, o edifício histórico do parlamento alemão; naquele junho, comecei a observar uma movimentação matutina anormal em torno dele: estruturas de metal e outros materiais, como tecido, eram descarregados de caminhões todos os dias; me perguntava o que aconteceria naquele prédio, até então sem vidros nas janelas, com marcas de violência dos impasses da guerra e sem grande parte do teto. Foi a primeira vez que ouvi falar da dupla de artistas Christo e Jeanne-Claude. Através das mídias, logo me inteirei do evento que eu presenciaria: o “empacotamento” do parlamento alemão.

Após a montagem da estrutura que sustentaria a capa prateada, entraram em cena 90 jovens alpinistas que iam soltando os panos e as cordas, e amarrando as paredes do prédio. Foi uma performance simiesca que atraiu a atenção de quem passava – no final do dia, de volta para casa, estacionava por ali e ia observar a evolução dos trabalhos e apreciar uma multidão que foi se agregando, cheia de curiosos espalhados pelo gramado, como se essa performance fosse o maior show a céu aberto.

Em 24 de junho de 1995, o parlamento estava transformado numa grande obra artística:

encapado, amarrado e fixado, tinha sido “embrulhado”. E os curiosos visitantes haviam convertido os arredores em uma grande plateia, com direito a piqueniques, músicos e artistas amadores, fotógrafos, cinegrafistas e muitos ônibus trazendo turistas diariamente. Aquele prédio em ruínas metamorfoseado em uma monumental escultura é uma lembrança que se mistura à da biblioteca.

Sem que fosse planejado, a Stabi da Potsdamer StraÙe 33 transformou-se, de mero local para pesquisa e estudo em um dos lugares que considero especiais em Berlim: espaço de refúgio e paz para trabalhar, ambiente seguro e descontraído, de encontros e amigos, de novidades e familiaridades de que lembro e que guardo com carinho.

Outra instituição de memória tornou-se relevante nessa época, durante o desenvolvimento da pesquisa, quando agendei uma visita à empresa Bayer AG, em Leverkusen, para pesquisar e completar informações sobre a Aspirina, um dos medicamentos que eu escolhera para ilustrar e fundamentar minha tese.

A empresa ocupa o terreno de uma pequena cidade, com ruas, casas, bancos, supermercados etc. Grande parte dos funcionários e visitas circulam em carros ou utilizam um ônibus que percorre os principais prédios.

Meu destino era o Arquivo Corporativo da Bayer, uma biblioteca e arquivo pequena e privada para o público interno, e consultas externas sob agendamento, um “centro de informações para questões relacionadas à diversificada história da Bayer [...], composto de documentos, fotos, filmes, materiais publicitários, publicações e outros itens valiosos” (Bayer, [20--], tradução nossa).

Trabalhei alguns dias nessa etapa da pesquisa, entre leitura e cópia do material, e conversei com um dos responsáveis pelo arquivo, Herr Pogarell, que ficou à minha disposição e providenciou os conteúdos e as informações de que precisava.

Voltei a Berlim satisfeita de ter colhido material importante para meu trabalho e impressionada com o peso, a abrangência e a influência

da indústria farmacêutica na vida do cidadão comum.

Para este artigo, recuperei o contato com o sr. Hans-Hermann Pogarell e, numa entrevista online, perguntei-lhe qual foi seu grande desafio nos mais de 30 anos trabalhando no Arquivo Bayer. Ele respondeu:

Minhas responsabilidades incluíam o trabalho clássico do arquivo de documentos antigos que já não eram necessários para as operações da empresa: atender os usuários do arquivo, realizar visitas guiadas, palestras, exposições, além de escrever artigos sobre a história da empresa. O maior desafio foi, entretanto, a participação do arquivo para viabilizar o pagamento das compensações devidas a funcionários que trabalharam durante o período nazista.

Em 1925, empresas da indústria química fundaram o conglomerado. Interessengemeinschaft Farbenindustrie AG (IG Farben), incluindo a Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., nome da Bayer na época. Após a Segunda Guerra Mundial, a IG Farben foi confiscada e dissolvida pelos Aliados, devido a sua conduta durante o regime nazista, incluindo o trabalho forçado de seus empregados. A partir dos anos 1980, o tema virou debate público na Alemanha e em vários outros países, intensificando-se no final dos anos 1990. Várias empresas alemãs foram confrontadas com ações judiciais de trabalhadores e familiares. Foi decidido, então, que compensações deveriam ser tratadas.

Em 2000, foi criada a fundação Memória, Responsabilidade e Futuro com capital de dez bilhões de marcos alemães. O governo alemão contribuiu com cinco bilhões e o restante foi fornecido por empresas que aderiram à “Iniciativa da Fundação da Indústria Alemã”. A Bayer foi uma dessas empresas fundadoras.

**“[...] Não houve outro trabalho em minha carreira que tivesse um impacto tão direto na vida das pessoas. O esforço nos diversos porões valeu a pena, e meus colegas e eu ficamos felizes por termos feito parte dessa história.”
Até onde vai a participação da biblioteca ou do arquivo num cenário não literário?**

Como seria a liquidação dos pagamentos? Quem tinha provas de emprego na Alemanha nazista?

O arquivo desempenharia um papel crucial para se requerer a compensação. No Arquivo Bayer existiam alguns documentos, como listas de transporte ou arquivos do departamento pessoal, mas havia grandes lacunas. Por isso, resolvemos realizar mais pesquisas nos diferentes locais e cidades alemãs da Bayer AG. Entramos em contato com colegas das fábricas. Às vezes, havia apenas a indicação de um velho arquivo em um cômodo. “Dê uma olhada lá”, nos diziam. Após semanas de trabalho, descobrimos velhas fichas de pessoal, arquivos dos serviços médicos e outros documentos. Fiquei muito feliz com os resultados.

Com base nesses documentos, conseguimos reunir informações sobre quase 16 mil pessoas. Esses dados serviram de base para responder às consultas que o arquivo recebeu ao longo dos anos seguintes. No total, o arquivo recebeu cerca de 400 consultas até 2005, das quais quase dois terços puderam ser positivamente respondidas.

Não houve outro trabalho em minha carreira que tivesse um impacto tão direto na vida das pessoas. O esforço nos diversos

porões valeu a pena, e meus colegas e eu ficamos felizes por termos feito parte dessa história.

Até onde vai a participação da biblioteca ou do arquivo num cenário não literário?

Em 1989, o físico e cientista da computação britânico Tim Berners-Lee revolucionou a maneira como acessávamos a informação ao desenvolver a *Hypertext Markup Language* (HTML), a linguagem do hipertexto, e criar a rede mundial de computadores, a *World Wide Web*. A informação passa a ser distribuível. Com essa importante e grande transformação, os livros físicos que estão nas bibliotecas podem ser, em sua maioria, infinitamente distribuídos pelo planeta na forma digital.

O instrumento *web* abriu o caminho da informação para todo o mundo, possibilitando que textos, imagens, músicas e vídeos sejam compartilhados por meio do apertar de uma tecla; são milhões de páginas que esperam por leitores online ao toque de um dedo. Sua virtude está na brevidade e na multiplicidade da informação. O papel das bibliotecas como centros de informação mudou mais uma vez, passando de armazenadoras de conhecimento para *hubs* de acesso digital.

Pudemos, a partir de então, armazenar tabelas gigantes de zeros e uns – a linguagem digital que o computador cria para representar a informação, e que permite que um computador passe

a informação para outro computador. Assim, o agora livro digital, diferente do livro de papel, não sofre o desgaste da cópia pelo tempo; ele vai ser sempre o mesmo, a partir do código de sua inscrição na *web*, e pode ser reproduzido em milhões de cópias com disponibilidade imediata e em qualquer lugar. A *web* proporciona ainda a tradução simultânea para diferentes línguas e, se a pessoa não desejar ler, ela tem ainda o recurso do livro em áudio.

Atualmente, a tecnologia eletrônica permite que a maioria dos leitores tenha acesso, de casa, às bibliotecas nacionais e até mesmo ao serviço de empréstimo entre bibliotecas. No caso de livros antigos, livres de direitos autorais, eles podem ser digitalizados e incluídos num dos sistemas de bibliotecas virtuais. Assim, bibliotecas digitais estão se tornando essenciais para a preservação cultural de comunidades globalmente conectadas.

Quando voltei à Alemanha, em 2008, agora munida de computador e internet, morei em Colônia e trabalhei na ficção *Corpo estranho*, sobre um ciborgue que caminha pela história da arte para aprender sobre a representação do corpo em diferentes momentos da história e para se conhecer como ciborgue. A ficção foi concebida, pesquisada e concretizada, quase 90%, através dos instrumentos da *web*. A redação da maior parte dos capítulos foi implementada com fundamento em visitas aos locais onde a história se passa, assegurando minha familiaridade com o contexto, a personagem, ou o tempo em que a história se desenrola. Entretanto, alguns capítulos ficaram suspensos pela impossibilidade de viajar para os lugares (e tempos) onde os eventos acontecem. Três desses capítulos, pude concretizar através da viagem virtual ao local ou tempo da história graças ao recurso do *websites*.

Visitei por diversas vezes o Museu Ludwig para ver e rever obras de Picasso, Paul Klee e outros artistas modernos e contemporâneos, objetos da minha ficção. Ao lado do museu, fica sua biblioteca de arte, Kunst- und Museumsbibliothek, uma das maiores bibliotecas públicas do mundo sobre arte moderna e fotografia. Ela reúne e oferece ao público literatura, material

informativo e fotos de arte, desde a Idade Média até a contemporaneidade. Seu rico acervo permitiu que eu completasse informações e detalhes de minha ficção, referentes aos séculos XX e XXI, além de poder examinar material fotográfico e assistir a filmes sobre o que estava pesquisando. As bibliotecas atuais evoluíram para centros dinâmicos de conhecimento.

Após a incorporação dos portais digitais, elas oferecem agora acesso a vastos acervos online, empréstimos de e-books, além de recursos multimídia e espaços para o aprendizado colaborativo.

A biblioteca virtual e a de papel e tinta hoje se inter-relacionam, formando bibliotecas híbridas, com coleções simultaneamente físicas e eletrônicas, em que as novas tecnologias de informação e comunicação passam a ser a base da relação com o utilizador. Marshall McLuhan (1964) nos ensina que “toda nova ferramenta ou tecnologia cria um meio que caracteriza a obra e se corporifica nele, definindo seu melhor modo de acesso e conservação”.

A biblioteca física e analógica não vai deixar de existir por causa das ferramentas de tecnologia virtual que permitiram o aparecimento da biblioteca digital. Elas podem e devem coexistir. Até porque “toda tecnologia nova tem suas vantagens sobre a anterior, mas necessariamente perde algo dos atributos de sua predecessora” (Manguel, 2006). O livro digital não tem peso, posso armazenar uma grande biblioteca no suporte de um Kindle, por exemplo, e carregá-lo na minha bolsa mundo afora; o livro físico exige espaço, tem peso e pressupõe o abate de árvores. Mas, folhear um livro de papel, apreciar suas imagens tem seus encantos e seu tempo – também tem número de páginas, o leitor sempre sabe em que altura ele está.

Novos instrumentos estão ao lado dos já existentes, assim como livros eletrônicos estão ao lado dos livros nas bibliotecas multimídia.

E as transformações não param. Em entrevista online em 2024, a artista tecno e pesquisadora de sistemas de informação Rejane Cantoni nos alertou para a atual revolução que a IA opera na vida das pessoas:

Hoje, com a IA, podemos compor um trabalho sozinhos, mas também podemos dialogar com ferramentas poderosas da Inteligência Artificial e escrever um trabalho misto. Segundo a artista, isso consequentemente irá alterar o modo como se escreve uma informação, um texto. Irá alterar ainda a maneira como as pessoas trocam informação. Estamos nos transformando em seres híbridos, na simbiose do humano com a máquina.

O escritor argentino Alberto Manguel (2026) resume nossa relação com o mundo real,

cuja existência estamos sempre testando... com as histórias que contamos a seu respeito... o prazer de repetir a velha metáfora do mundo como livro que lemos e no qual somos lidos; a hipótese de que tudo que podemos saber da realidade é uma imagem criada pela linguagem – tudo isso encontra manifestação material nesse autorretrato que chamamos biblioteca.

Maria Teresa Santoro Dörrenberg pesquisa sobre as representações do corpo na arte, nas tecnologias e mídias contemporâneas. Tem livros de teoria e ficção e artigos teóricos e jornalísticos sobre arte, tecnologias e mídias publicados em jornais e revistas brasileiras e alemãs; e organizou exposições em São Paulo e Colônia. Doutora em Comunicação e Semiótica, lecionou comunicação, mídias, cultura e linguagem na Faap e na Universidade São Judas Tadeu.

Leia mais

BAYER AG. *The Bayer Corporate Archives*. Bayer: a fascinating story. [S.l.: 20--]. Disponível em: <https://www.bayer.com/en/history/the-company-archive>. Acesso em: set. 2025.

BIBLIOTECA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 20--]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BROOKS, G. *As memórias do livro*. Tradução: Fabienne W. Mercês. São Paulo: Globo, 2016.

CHRISTO AND JEANNE-CLAUDE. *Wrapped Reichstag*. Berlin, 1971-1995. Instalação de arte. Exibição em 1995. Registro fotográfico no site Christo and Jeanne-Claude. Disponível em: <https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-reichstag/>. Acesso em set. 2025.

ECO, U. *O nome da rosa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

FERRARIO, D. *Umberto Eco: eine Bibliothek der Welt*. Dokumentarfilm. Italien, 2022.

FIDALGO, A.; MOURA, C. Devir (in) orgânico: entre a humanização do objeto e a desumanização do sujeito. *Revista de Comunicação e Linguagens* [da Universidade Nova Lisboa], Lisboa, 2004.

GRAWERT-MAY, E. *Himmlischer Glanz: eine Bibliothek im Zwielicht*. Norderstedt: Books on Demand, 2017.

ISAACSON, W. *Os inovadores: uma biografia da revolução digital*. São Paulo: Intrínseca, 2021.

MANGUEL, A. *A biblioteca à noite*. Tradução: Jr. Samuel. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução: D. Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

RUIZ ZAFÓN, C. *O jogo do anjo*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2008.

SANTORO, M. T. *Semiotik des Medikaments*: das Medikament im Kontext von Krankheit und Kommerz. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 1998. Disponível em: www.mariateresasantoro.com. Acesso em: jul. 2025. Ver também Dörrenberg, Maria Teresa Santoro.

WENDERS, W. *Der Himmel über Berlin*. Berlin: Road Movies; Paris: Argos Films, 1987. Título do filme no Brasil: Asas do desejo.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



**Biblioteca: compromisso
com todos os públicos**

Andragogia, bibliotecas e sociedade envelhecida: educação para a vida toda

Regina Fazioli

Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel das bibliotecas no contexto de uma sociedade envelhecida – na qual o número de idosos cresce significativamente –, e introduz o debate dando destaque para a andragogia (conceito que se refere à prática e teoria da educação de adultos) e sua relevância na promoção da educação para a vida toda. Diferentemente da pedagogia, que foca no ensino infantil, a andragogia reconhece as necessidades e as formas de aprender peculiares dos adultos, especialmente em um cenário em que a população idosa, com suas especificidades, exige novas abordagens educacionais.

O conceito de andragogia reflete a necessidade de uma educação contínua, ao longo da vida, e de uma visão sobre o aprendizado não apenas como fase da infância ou juventude, mas como um processo vital e permanente. Essa perspectiva é, acima de tudo, relevante no caso dos idosos,

que muitas vezes enfrentam os desafios do isolamento social e da exclusão digital. O aumento da longevidade no Brasil e no mundo, conforme apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), reforça a necessidade de sistemas educacionais e sociais que atendam a novas demandas, com destaque para a educação para a terceira idade, promovendo a inclusão digital e a socialização.

As bibliotecas, com seu acesso democrático à informação e ao conhecimento, desempenham um papel medular nesse contexto. Elas oferecem, primariamente, acesso a livros e materiais educativos, mas também servem como centros de inovação, cultura e socialização para os idosos, constituindo-se em locais estratégicos para a aplicação de práticas andragógicas, onde tanto se pode criar ambientes adaptados às necessidades dos adultos (com ênfase em métodos de

ensino que respeitem a experiência de vida dos participantes, elevem a autonomia e incentivem o aprendizado prático, no sentido amplo de educação contínua), quanto se pode ajudar a combater o isolamento social (com a oferta de espaços para encontros intergeracionais e atividades que favoreçam a interação entre diferentes faixas etárias). Essa abordagem não só contribui para a inclusão social dos idosos, mas também os capacita a participar ativamente de uma sociedade cada vez mais digitalizada, evitando a exclusão tecnológica.

Discutiremos a importância das bibliotecas como apoio à educação para toda a vida, e a andragogia como ferramenta fundamental do processo, por permitir um enfoque educacional que ajuda os adultos a se manterem ativos e envolvidos na sociedade contemporânea. Quando se aborda a capacitação digital e o estímulo à socialização, as bibliotecas se apresentam como locais-chave na construção de uma sociedade mais inclusiva e educada para todas as idades.

O conceito de andragogia reflete a necessidade de uma educação contínua, ao longo da vida, e de uma visão sobre o aprendizado não apenas como fase da infância ou juventude, mas como um processo vital e permanente.

O envelhecimento da população brasileira e seus desafios

O envelhecimento da população é uma realidade inegável, tanto no Brasil quanto no mundo. De acordo com o IBGE (2020), a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado, e, em 2040, a população de pessoas com 60 anos ou mais será maior que a de crianças e adolescentes. Esse fenômeno é consequência da melhoria nas condições de saúde e no acesso à educação e saneamento. No entanto, o envelhecimento traz consigo uma série de desafios, entre os quais se destacam o isolamento social, a exclusão digital e a dificuldade em acessar informações relevantes sobre saúde, direitos e lazer.

A população idosa é, muitas vezes, vista como um grupo à margem da inovação tecnológica, com dificuldades de adaptação às novas ferramentas digitais. Isso torna as bibliotecas ainda mais cruciais, pois elas representam espaços seguros e acessíveis para que os idosos possam

aprender e explorar o mundo digital. As bibliotecas públicas brasileiras, por exemplo, têm se transformado em centros de inclusão digital, onde programas de capacitação tecnológica são desenvolvidos de forma gratuita e adaptada às necessidades desse público.

As bibliotecas, ao longo dos anos, têm se reinventado para atender às necessidades da população idosa, principalmente no que tange à inserção digital. O uso da tecnologia, como computadores e internet, é uma das principais formas de superar barreiras geográficas e sociais que o envelhecimento pode criar. A promoção da tecnologia permite que os idosos acessem serviços públicos, notícias, entretenimento e interajam com a sociedade de maneira mais ativa.

Segundo Lima (2019), as bibliotecas públicas no Brasil têm desempenhado um papel importante, ao oferecer cursos de informática básica

e treinamento para o uso de smartphones e computadores, além de atividades de alfabetização digital, possibilitando a aquisição não apenas de habilidades técnicas, mas também da confiança necessária para que os idosos possam, desde navegar na internet e manter contato com familiares e amigos, até realizar compras online e acessar serviços de saúde.

Além disso, as bibliotecas proporcionam acesso a plataformas de *e-learning*, o que permite que os idosos continuem a aprender e se manter intelectualmente ativos, um aspecto crucial para a qualidade de vida na terceira idade. A tecnologia tem o poder de aproximar gerações, diminuir o isolamento social e até combater doenças como a depressão, frequentemente associada ao envelhecimento.

Portanto, o serviço prestado por essas instituições ultrapassa o da mera distribuição de livros ou de acesso à internet. Elas se tornaram espaços de inovação, onde o foco é criar um ambiente acolhedor para os idosos e oferecer a eles oportunidades de, aprendizado, desenvolvimento de novas habilidades e socialização. De acordo com Ferreira (2020), muitas bibliotecas no Brasil estão desenvolvendo atividades culturais específicas que promovem a integração social do público sênior – incluindo grupos de leitura, oficinas de escrita, sessões de cinema e debates sobre temas de interesse desse grupo etário –, combatendo o isolamento e estimulando a troca de experiências entre os participantes.

As bibliotecas também são espaços onde os idosos podem desenvolver habilidades criativas e intelectuais. Programas de escrita criativa, por exemplo, têm sido cada vez mais comuns nesses locais, incentivando a expressão literária e a preservação da memória, um aspecto importante para a identidade e autoestima dos idosos. Estudos de Souza e Costa (2021) sugerem que a participação em atividades culturais nas bibliotecas pode melhorar o bem-estar emocional dos idosos e contribuir para um envelhecimento mais ativo e saudável.

O conceito de “inovação inclusiva” é central para o papel das bibliotecas na sociedade sênior. Bibliotecas inovadoras são aquelas que utilizam novas tecnologias para criar experiências mais ricas e acessíveis para os usuários. Isso pode envolver desde a implementação de sistemas de bibliotecas digitais, onde os idosos podem acessar livros e materiais online, até o uso de tecnologias mais avançadas, como realidade virtual e inteligência artificial, para criar experiências de aprendizado imersivas.

A inovação nas bibliotecas também envolve a criação de espaços adaptados às necessidades dos idosos, como acessibilidade para cadeirantes, materiais de leitura em fontes maiores e suporte especializado para a orientação do público. O objetivo é garantir que todos, independentemente de suas limitações físicas ou cognitivas, tenham a oportunidade de participar ativamente das atividades da biblioteca.

A integração digital tornou-se um imperativo na era da informação, na qual o acesso à internet e às tecnologias digitais é um fator condicionante para a plena participação na sociedade. A internet permite acesso a uma vasta gama de informações, serviços, oportunidades educacionais e culturais, tornando-se uma ferramenta primordial para o desenvolvimento social e econômico. No entanto, o Brasil ainda enfrenta significativas desigualdades digitais, notadamente em áreas periféricas e entre populações de baixa renda. Nesse contexto, as bibliotecas públicas desempenham um papel de importância vital na impulsão da adaptação digital, oferecendo acesso gratuito à internet, programas de capacitação tecnológica e recursos que possibilitam a utilização de equipamentos digitais. Exploraremos os modos como as bibliotecas contribuem para a redução da desigualdade digital, em especial iniciativas voltadas ao fornecimento de acesso à internet, programas de treinamento e disponibilização de equipamentos tecnológicos.

O conceito de andragogia: fundamentos e princípios

As bibliotecas públicas desempenham um papel central na educação de adultos, oferecendo espaços de aprendizado contínuo e promovendo a integração digital, cultural e social dos idosos. No entanto, para que essas bibliotecas cumpram efetivamente sua missão, é necessário que se alinhem com os princípios da andragogia, criando programas de educação que atendam às necessidades, aos interesses e às experiências dos adultos, especialmente dos mais velhos. A relação entre andragogia, bibliotecas e a sociedade envelhecida é o objeto deste artigo, com destaque para as maneiras como as bibliotecas podem utilizar os fundamentos da andragogia para incentivar a educação para a vida toda, com foco no acesso digital e no empoderamento dos idosos.

Entre os princípios andragógicos fundamentais, destacam-se:

Necessidade de saber: Antes de se comprometer com o processo de aprendizagem, os adultos precisam compreender o porquê de aprender algo. Ao contrário das crianças, que muitas vezes aprendem de forma mais abstrata, os adultos querem saber como o aprendizado será útil para sua vida prática.

Autonomia e independência: Os adultos preferem ser responsáveis por seu próprio aprendizado, valorizando a autonomia no processo. Eles tendem a ser mais independentes em sua aprendizagem, buscando informações de maneira ativa e aplicando o conhecimento adquirido em suas necessidades reais.

Experiência: Os adultos trazem consigo um vasto acúmulo de experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que formam a base para o novo aprendizado. A aprendizagem dos adultos é mais eficaz quando reconhece e valoriza esse repertório de vida, permitindo que o conteúdo se relacione com as experiências preexistentes.

Prontidão para aprender: Ao contrário das crianças, que são motivadas por curiosidade, os adultos aprendem melhor quando o conteúdo é imediatamente relevante para suas vidas.

A aprendizagem se dá de forma mais eficaz quando está ligada a situações práticas do cotidiano ou a desafios que os adultos enfrentam.

Orientação para problemas: A aprendizagem dos adultos é mais centrada na resolução de problemas do que na memorização de conteúdo. O ensino deve ser orientado para a solução de questões concretas, voltadas para a aplicação do conhecimento em contextos reais.

Motivação interna: Embora fatores externos, como a pressão do trabalho ou a educação formal, também influenciem os adultos, a motivação mais forte para o aprendizado vem de fatores internos. Os adultos são frequentemente motivados pela necessidade de desenvolver novas habilidades, melhorar sua qualidade de vida ou se manterem socialmente ativos.

Andragogia e a sociedade envelhecida: desafios e oportunidades

O envelhecimento da população traz consigo uma série de desafios sociais, econômicos e culturais. No campo educacional, os idosos enfrentam obstáculos relacionados à exclusão digital, ao acesso limitado a programas educacionais, ao estigma da velhice e à resistência ao aprendizado, particularmente no que se refere ao uso de novas tecnologias. No entanto, esses desafios podem ser transformados em oportunidades, desde que as instituições, como as bibliotecas públicas, adaptem suas abordagens pedagógicas para atender às necessidades dos idosos.

Desafios: A exclusão digital é um dos principais obstáculos para os idosos, a quem frequentemente falta acesso ou habilidades para usar as tecnologias modernas. Muitos idosos enfrentam dificuldades relativas a mobilidade, saúde e recursos financeiros que os impede de participar plenamente da vida educacional e cultural. Outro desafio importante é a resistência dos próprios idosos em aprender, quase sempre devido à falta

de confiança nas suas aptidões ou a um sentimento de inadequação em relação ao novo.

Oportunidades. Ao mesmo tempo, o aumento da longevidade também oferece inúmeras oportunidades. A população idosa é altamente heterogênea e apresenta grande potencial de aprendizado e engajamento. A educação andragógica pode, por exemplo, efetivar a integração dos idosos ao mundo digital, estimulando o aprendizado de novas habilidades que os conectem com a sociedade, como o uso de internet, redes sociais, aplicativos de saúde e ferramentas de comunicação.

As bibliotecas, na condição de espaços públicos de educação, são instituições ideais para essa transformação. Elas podem oferecer um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades dos idosos, com programas que respeitem suas experiências e que sejam diretamente aplicáveis à sua vida cotidiana. Nesse contexto, as bibliotecas se tornam centros de aprendizagem intergeracional, onde idosos podem compartilhar experiências, aprender uns com os outros e se manter atualizados sobre as mudanças tecnológicas, culturais e sociais.

A redução da desigualdade digital: o papel das bibliotecas

A desigualdade digital refere-se à disparidade no acesso às tecnologias de informação e comunicação, que impacta diretamente as oportunidades de educação, emprego e participação cívica de indivíduos e comunidades. No Brasil, mais de 40 milhões de brasileiros ainda não têm acesso à internet, a maioria em áreas rurais e periferias urbanas. A população com 60 anos ou mais está na categoria das piores condições de conectividade significativa – 61% da população com 60 anos ou mais está na categoria das piores condições de conectividade significativa (até 2 pontos), valor muito acima da média nacional (33%), conforme estudo do CGI.br (2024). Esta lacuna tecnológica impede que muitas pessoas acessem informações importantes sobre saúde, educação, serviços públicos, além de dificultar sua integração à sociedade digitalizada. A falta de acesso à internet também limita as oportunidades de emprego e a capacidade de muitas pessoas se conectarem com o mundo – conforme observado em tempos de pandemia, quando a dependência de recursos online se intensificou.

As bibliotecas públicas têm se destacado como centros de alfabetização digital, ao oferecer acesso gratuito à internet e proporcionar um espaço onde todos, independentemente de sua classe social, possam se beneficiar daqueles recursos. Com a missão de democratizar o acesso

à informação, as bibliotecas vêm utilizando a tecnologia como uma ferramenta de empoderamento social. E o acesso à internet, nas bibliotecas, não se limita ao simples fornecimento de uma conexão; também inclui a oferta de treinamento e suporte técnico, criando um ambiente que facilita esse aprendizado e efetua a inclusão de indivíduos digitalmente marginalizados.

O acesso à internet é um dos fatores preponderantes na determinação da inclusão digital e, ao fornecer acesso gratuito à rede, as bibliotecas oferecem uma oportunidade que comunidades carentes, de outra forma, não teriam. De acordo com o estudo de Lima e Silva (2021), as bibliotecas públicas brasileiras são responsáveis por garantir a capacitação digital de milhares de pessoas que, não têm acesso a esse serviço em suas residências por questões econômicas. Elas se tornaram centros comunitários essenciais, onde as pessoas podem buscar informações sobre questões de saúde, educação, emprego e cidadania. Durante a pandemia de covid-19, por exemplo, muitas bibliotecas mantiveram seus serviços de internet gratuitos, permitindo que as pessoas, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, pudessem realizar atividades educacionais à distância, acessar serviços públicos e manter-se conectadas com seus familiares.

O acesso gratuito à rede mundial de computadores também avança a igualdade de oportunidades. De acordo com o relatório do CGI.br (2024), a internet é essencial para a participação ativa na sociedade contemporânea. Sem ela, a exclusão social e econômica se intensifica, criando uma divisão ainda maior entre os mais favorecidos e os mais pobres. O papel das bibliotecas nesse processo é decisivo, pois elas garantem que todos, independentemente de sua situação econômica, tenham as mesmas oportunidades de acesso à informação e à comunicação.

Outro papel fundamental desempenhado pela biblioteca, na formação de cidadãos digitalmente capacitados diz respeito ao domínio do uso dos recursos. Muitos usuários que acessam a internet nas bibliotecas não possuem habilidades digitais básicas e, portanto, necessitam de treinamento para tirar o máximo proveito da tecnologia. Programas de capacitação oferecidos pelas bibliotecas têm como objetivo ensinar habilidades essenciais, como o uso de computadores, navegação na *web*, segurança online e a utilização de aplicativos para comunicação e educação. Lima (2019) argumenta que a alfabetização digital nas bibliotecas é uma estratégia eficaz para reduzir a desigualdade digital. Ao oferecer cursos de informática básica, tutoriais sobre como navegar na *web*, realizar pesquisas e utilizar serviços governamentais online, as bibliotecas preparam os cidadãos para se integrarem plenamente ao

mundo digital. Parte importante desses programas é o treinamento em segurança online, que ajuda os usuários a protegerem suas informações pessoais, além de capacitá-los para evitar golpes e fraudes digitais, um problema crescente no Brasil.

Observa-se, ainda, a biblioteca que atua como um tutor comunitário, fornecendo assistência individualizada. Muitos bibliotecários recebem treinamento especializado para ajudar usuários a desenvolverem habilidades digitais de forma personalizada. Esse suporte técnico é indispensável para que os indivíduos não apenas acessem a internet, mas a utilizem de forma eficiente e segura.

Há bibliotecas públicas que têm se tornado centros de recursos tecnológicos, oferecendo equipamentos como tablets, *laptops* e computadores para o uso dos cidadãos. Muitas vezes, a falta de equipamentos em casa é uma barreira significativa para o acesso digital. Segundo Souza e Costa (2021), muitas famílias de baixa renda não possuem os dispositivos necessários para acessar a internet e se conectar com o mundo digital. Nesse sentido, as bibliotecas oferecem uma solução valiosa para reduzir o risco de exclusão social digital (em especial entre pessoas idosas, moradores de áreas rurais ou periféricas, e indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica) ao disponibilizar equipamentos para empréstimo e acesso gratuito a computadores.

A educação digital nas bibliotecas públicas: capacitação e inclusão para os idosos

As bibliotecas públicas que emergem como espaços fundamentais de promoção da integração digital e da educação tecnológica, particularmente para os idosos, reconhecem a capacitação tecnológica como um dos principais meios de garantir que os mais velhos consigam acompanhar as transformações, acessar informações, interagir socialmente e até desenvolver novas

habilidades que contribuam para seu bem-estar social e psicológico.

A promoção de habilidades digitais em bibliotecas pode, por exemplo, incluir o desenvolvimento de programas educativos que ensinam desde o uso básico de ferramentas digitais até outros mais avançados, em áreas como programação, design gráfico e edição de vídeo. Para a população sênior, esses programas têm um

impacto significativo, pois ajudam a combater o isolamento social, promovem o envelhecimento ativo e melhoram a qualidade de vida.

Examinamos o papel das bibliotecas no processo de educação e de capacitação tecnológica da sociedade envelhecida, com foco nos cursos e *workshops* oferecidos, além dos programas *adaptados* a diferentes faixas etárias.

Cursos e *workshops* de capacitação tecnológica

Muitas bibliotecas, organizam cursos e *workshops* de capacitação digital gratuitos ou a preços acessíveis, com foco em habilidades essenciais para o uso diário da tecnologia. Entre as ofertas mais comuns estão cursos de informática básica, navegação na internet, uso de redes sociais, segurança online e programas de edição de texto. Algumas bibliotecas expandem o leque para incluir cursos mais especializados, como programação, design gráfico, edição de vídeo, e mesmo desenvolvimento de aplicativos. Esses cursos têm como objetivo dar aos participantes as ferramentas necessárias para se inserirem de modo mais ativo na sociedade digital.

Nas últimas décadas, vem aumentando as iniciativas desse tipo nas bibliotecas públicas brasileiras, que têm buscado adaptar seus programas às necessidades de suas comunidades locais. Segundo estudo de Oliveira (2020), muitas bibliotecas públicas, em áreas urbanas e rurais, têm se transformado em centros de capacitação tecnológica, programando cursos que são, na maioria das vezes, ministrados por bibliotecários ou educadores comunitários.

Entrevistas realizadas com esses bibliotecários revelam um comprometimento profundo com os resultados alcançados pelos participantes. A bibliotecária Maria Silva, por exemplo, que trabalha em uma biblioteca no interior de São Paulo, conta que a satisfação dos alunos idosos ao aprenderem a usar aplicativos como WhatsApp e Facebook é evidente. “Eles se sentem mais conectados com suas famílias e amigos, e isso é muito gratificante”, relata. Esse tipo de *feedback*

é comum em muitas bibliotecas onde os idosos encontram nas tecnologias uma forma de manter contato com a família, acessar serviços públicos e participar ativamente da vida social.

Impacto no público idoso

Estudos como o de Almeida e Carvalho (2019) apontam que a capacitação digital tem um impacto significativo na qualidade de vida dos idosos. A educação tecnológica não apenas proporciona o aprendizado de habilidades práticas, como também ajuda a combater a solidão, impulsionando a socialização. Em alguns casos, o simples ato de aprender a navegar na internet e usar aplicativos de comunicação pode melhorar a autoestima dos idosos, pois os torna mais autossuficientes e confiantes no uso da tecnologia. Além disso, a familiaridade com dispositivos tecnológicos abre uma nova gama de possibilidades para os idosos, desde o acesso a informações sobre saúde e direitos, até a participação em cursos de educação à distância e grupos de interesse online.

Programas para todas as idades: atendendo às necessidades de diversos públicos

As bibliotecas não se limitam a promover cursos e treinamentos para a população idosa. Elas também oferecem programas adaptados às necessidades e aos níveis de habilidades de diferentes faixas etárias – crianças, jovens e adultos. Essa abordagem inclusiva garante que todos os membros da comunidade, independentemente da idade, possam acessar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento digital.

Para crianças e jovens, programas de leitura digital, introdução à programação e robótica estão se tornando mais comuns, incentivando o desenvolvimento de habilidades tecnológicas desde cedo. Espaços como a Biblioteca Infantil de São Paulo, por exemplo, oferecem cursos voltados para a introdução ao uso de ferramentas de design gráfico e até jogos educativos que ajudam

as crianças a aprenderem lógica de programação de forma divertida e interativa. Esses programas são importantes para formar uma geração preparada para o futuro, com habilidades digitais que serão essenciais para o mercado de trabalho.

Programas para idosos

Quando os idosos são o foco, as bibliotecas têm se preocupado em adaptar seus programas de capacitação tecnológica de acordo com as limitações e as particularidades desta faixa etária. Algumas ministram cursos de informática básica, primeiras noções – como ligar e desligar um computador, enviar e-mails e navegar na *web* –, e há programas específicos para ensinar o uso de *smartphones*, um dispositivo cada vez mais empregado pela população idosa, principalmente para comunicação com as pessoas de suas relações

Essas iniciativas, conforme pesquisa de Soares e Silva (2021), têm se mostrado extremamente eficazes, com muitos participantes relatando um aumento significativo na confiança para usar a

tecnologia a fim de facilitar sua vida cotidiana, e passando a participar de grupos online, encontrar informações sobre saúde e utilizar serviços bancários via internet, por exemplo.

Apesar dos avanços, ainda existem desafios na implementação de programas de capacitação digital nas bibliotecas. O principal desafio é a falta de recursos financeiros para a manutenção de equipamentos modernos e a contratação de profissionais qualificados. A maioria das bibliotecas públicas enfrenta dificuldades orçamentárias, o que pode impactar a qualidade dos programas de capacitação. No entanto, as parcerias com organizações não governamentais, empresas de tecnologia e governos locais têm sido uma solução eficaz para ampliar o alcance desses programas.

A pandemia de covid-19 trouxe à tona a necessidade de as bibliotecas se adaptarem ainda mais às novas demandas da sociedade digital e ampliarem o uso de ferramentas de videoconferência e plataformas de ensino à distância.

Bibliotecas e empreendedorismo: parceria para o crescimento econômico

O conceito de empreendedorismo local envolve a criação de novos negócios ou a expansão de empresas existentes dentro de uma comunidade. Com o envelhecimento da população, muitas pessoas da terceira idade buscam alternativas para continuar ativas profissionalmente, seja por meio de novas ideias de negócios ou pela oferta de serviços. As bibliotecas, tradicionalmente conhecidas por seu papel educacional e de promoção da leitura, reinventam-se como centros de inovação e empreendedorismo, oferecendo recursos que apoiam tanto jovens empreendedores quanto aqueles em idade mais avançada.

O empreendedorismo local pode ser um fator importante no desenvolvimento econômico e social, especialmente em comunidades que enfrentam altos índices de desemprego ou

dificuldades econômicas. As bibliotecas, com sua variedade de recursos e sua proximidade com a comunidade, têm se tornado parceiras-chave para os empreendedores locais. Suprindo, desde o acesso a informações sobre gestão de negócios; passando pelo ambiente de *networking*; até os recursos físicos, como local de trabalho e equipamentos tecnológicos, as bibliotecas contribuem para fomentar iniciativas empreendedoras e estimular a criação de novos negócios.

Espaços de *coworking* nas bibliotecas: apoio a *startups* e empreendedores locais

Uma das maneiras mais inovadoras de as bibliotecas promoverem o empreendedorismo

é através da disponibilização de espaços de *coworking* onde empreendedores, *startups* e freelancers podem trabalhar, trocar ideias e colaborar, tudo com o apoio de recursos técnicos, como acesso à internet de alta qualidade, impressoras, salas de reunião e até mesmo equipamentos especializados.

O modelo de *coworking* nas bibliotecas é valioso para empreendedores locais que não podem pagar por escritórios próprios ou que não têm acesso a espaços de *coworking* privados. Para os idosos, esse modelo é notadamente relevante, pois oferece um local onde podem desenvolver seus projetos empreendedores, aprender novas habilidades e interagir com outros realizadores. A existência de um espaço de trabalho profissionalizado dentro da biblioteca ajuda a reduzir barreiras de acesso e estimula o empreendedorismo na comunidade.

Um exemplo de biblioteca com instalações e serviços voltados para o *coworking* é a Biblioteca de São Paulo, que dispõe de salas de trabalho compartilhadas, com infraestrutura completa para uso de tecnologias, impressoras, acesso à internet e, também, suporte administrativo para os empreendedores que desejam desenvolver suas ideias de negócios. O conceito de *coworking* nas bibliotecas tem ganhado força, pois estas instituições estão, cada vez mais, se tornando lugares de inovação e de geração de ideias.

Mentorias e incubadoras: orientação e apoio ao empreendedorismo

Outro modo de as bibliotecas darem suporte ao empreendedorismo local é por meio de programas de mentoria e incubadoras de negócios.

As mentorias oferecem orientação especializada, aconselhamento estratégico e apoio contínuo a empreendedores que estão começando ou que enfrentam dificuldades no desenvolvimento de suas ideias. Muitas bibliotecas estabelecem parcerias com mentores experientes e incubadoras de *startups* para oferecer programas que auxiliem novos empreendedores a superar desafios comuns, como gestão financeira, marketing,

desenvolvimento de produto e plano de negócios. Essas mentorias são importantes para os empreendedores mais velhos, pois muitas vezes eles têm a experiência de vida necessária, mas carecem de conhecimentos específicos sobre o mercado digital ou gestão de negócios modernos.

Um exemplo disso é o Programa Biblioteca do Empreendedor, através do qual bibliotecas públicas em diversas regiões do Brasil conectam empreendedores a mentores e consultores especializados. O programa tem ajudado não apenas a formalizar negócios, mas também a desenvolver habilidades empresariais, melhorar a competitividade de pequenos negócios e criar redes de contatos entre empreendedores.

Existem bibliotecas que desenvolvem programas no modelo de incubadora de empresas e proporcionam recursos ainda mais robustos para aqueles que desejam transformar suas ideias em negócios sustentáveis. Essas incubadoras geralmente oferecem uma gama de serviços, como treinamento em administração de empresas, acesso a investidores, suporte jurídico e contábil e ajuda no desenvolvimento de protótipos ou de modelos de negócios.

Casos de sucesso: empreendedores que prosperaram com o apoio das bibliotecas

As bibliotecas vêm sendo reconhecidas como local de nascimento de muitas iniciativas empreendedoras de sucesso. Sobretudo aqueles em grupos de risco, como os idosos, podem se beneficiar imensamente do suporte que as bibliotecas oferecem. Diversos casos demonstram o impacto positivo dessas iniciativas no empreendedorismo local.

Caso 1. Dona Maria e a confecção de artesanato: Dona Maria, uma senhora de 63 anos, procurou a Biblioteca do Empreendedor em sua cidade para aprender como vender suas peças de artesanato online. Ela participou de cursos de informática básica e *workshops* de marketing digital oferecidos pela biblioteca. A mentoria

personalizada a ajudou a compreender melhor as ferramentas de marketing online e, com o tempo, ela alcançou um aumento significativo das vendas. Dona Maria conseguiu, com o apoio da biblioteca, criar sua própria loja virtual e expandir seus negócios, tornando-se uma empreendedora de sucesso.

Caso 2. João e a criação de uma startup de tecnologia: João, um jovem de 30 anos com uma ideia inovadora para um aplicativo de gestão financeira, procurou sua biblioteca local, que oferecia espaço de *coworking*. Ele participou de vários programas de incubação e, com o apoio de

mentores de negócios fornecidos pela biblioteca, conseguiu transformar sua ideia em um aplicativo funcional e obter financiamento inicial de investidores. Hoje, sua *startup* é uma das mais promissoras do setor de tecnologia na cidade, e João atribui parte de seu sucesso ao apoio recebido na biblioteca.

Essas passagens ilustram como as bibliotecas podem ser um lugar de apoio elementar para o empreendedorismo, oferecendo desde a infraestrutura necessária até a orientação estratégica para que os empreendedores locais, particularmente os idosos, possam prosperar.

Parcerias e colaborações: fortalecendo os serviços das bibliotecas na sociedade envelhecida

As parcerias entre bibliotecas públicas e empresas de tecnologia vêm se tornando mais comuns, permitindo que essas bibliotecas contem com uma infraestrutura de tecnologia robusta e recursos inovadores para seus usuários, em particular para a população idosa, que muitas vezes não têm acesso a equipamentos modernos em suas residências. Empresas como Google e Intel frequentemente colaboram com bibliotecas, doando dispositivos – computadores, notebooks, tablets – e *software*, cedendo expertise para a realização de eventos e *workshops* sobre novas tecnologias; implantando infraestrutura de redes sem fio.

A Biblioteca de São Paulo, por exemplo, firmou uma parceria com a Microsoft para realizar programas de capacitação no uso de tecnologias, oferecendo acesso a cursos e ferramentas que beneficiam idosos. A doação de equipamentos também viabilizou a criação de espaços de *coworking*, onde a população idosa pode aprender a usar novas ferramentas e a desenvolver habilidades que melhorem sua qualidade de vida ou lhes permitam manter-se ativos no mundo do trabalho.

Muitas empresas colaboram com as bibliotecas organizando *workshops* e eventos educativos

que envolvem o uso de novas tecnologias. Esses *workshops* podem ser voltados para o aprendizado de novas ferramentas digitais, como redes sociais, aplicativos de comunicação e navegação na internet. A empresa Apple, por exemplo, realiza eventos em bibliotecas, ensinando aos usuários – incluindo idosos – como utilizar seus dispositivos, como iPads e iPhones, de forma eficaz.

Colaborações desse tipo dão aos idosos oportunidades de aprender a lidar com o mundo digital, ajudando a reduzir a exclusão tecnológica, que pode ser um fator de isolamento social. Os eventos presenciais também constituem oportunidades de socialização e aprendizado contínuo, aspectos essenciais para um envelhecimento ativo e saudável.

Nesse tópico das parcerias, as universidades e centros de pesquisa são colaboradores estratégicos das bibliotecas para a efetivação de programas conjuntos e desenvolvimento de projetos de pesquisa focados nas necessidades da sociedade envelhecida.

As bibliotecas públicas têm se tornado centros de aprendizagem ao longo da vida, e muitas delas estão firmando parcerias com universidades para oferecer programas educacionais direcionados

ao público idoso. Por meio dessas parcerias, bibliotecas e universidades desenvolvem cursos sobre temas variados, como saúde, bem-estar, história local, literatura e alfabetização digital. Um exemplo é o programa de capacitação digital que a Biblioteca Parque Villa-Lobos, em São Paulo, desenvolveu em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), focado no ensino de novas tecnologias para a população idosa.

Outro aspecto importante dessas colaborações diz respeito à pesquisa acadêmica. Muitas universidades têm departamentos dedicados ao estudo do envelhecimento, e as bibliotecas oferecem um ambiente ideal para os pesquisadores realizarem investigações práticas sobre o impacto das tecnologias na vida dos idosos. As bibliotecas podem ser usadas, ainda, como campo de estudo para avaliar a eficácia de programas educacionais voltados ao público sênior.

Estudos como o de Silva e Santos (2020) apontam que as bibliotecas, ao colaborarem com as universidades, aprimoram seus programas educacionais e também contribuem para o avanço da pesquisa sobre a sociedade envelhecida, fornecendo dados valiosos sobre as necessidades e comportamentos da população idosa em relação à tecnologia e ao acesso à informação.

As bibliotecas também têm se unido a organizações comunitárias e organizações não governamentais (ONGs) para expandir seus serviços e alcançar populações marginalizadas, incluindo idosos que enfrentam múltiplas barreiras de

acesso a recursos. São parcerias essenciais para o fomento da inclusão social, garantindo aos idosos em situação de vulnerabilidade a possibilidade de obter educação, saúde e informação. ONGs como o Instituto de Longevidade Mon-geral Aegon e a Fundação Abrinq desenvolvem programas que apresentam frentes diversificadas, das atividades culturais e educativas às iniciativas de capacitação profissional, e as bibliotecas funcionam como os pontos de acesso dos idosos aos programas.

Por exemplo, o Projeto Biblioteca Viva, uma parceria entre bibliotecas públicas e ONGs, visa a criar uma rede de apoio à população idosa em situação de vulnerabilidade. Através desse projeto, são oferecidos cursos de alfabetização digital, rodas de conversa sobre saúde mental e atividades culturais que ajudam a combater o isolamento social, num modelo de colaboração que ajuda a fortalecer a rede de apoio social, fornecendo aos idosos recursos para uma vida mais ativa e conectada à comunidade.

Existem também iniciativas voltadas para a divulgação de serviços públicos e de saúde. Em muitas bibliotecas, os idosos podem buscar informações sobre os serviços, receber orientação sobre como preencher formulários online e obter suporte para resolver questões administrativas. Esse tipo de parceria com ONGs e organizações comunitárias fortalece o papel das bibliotecas como centros de apoio social e de recursos para a população envelhecida.

Desafios e oportunidades na promoção da inclusão digital nas bibliotecas públicas: uma perspectiva andragógica

Embora as bibliotecas públicas tenham feito progressos significativos no campo da integração digital, ainda enfrentam desafios consideráveis, que dificultam a universalização e a eficácia dessas iniciativas. No Brasil, as desigualdades regionais e a escassez de recursos financeiros continuam a ser obstáculos persistentes na implementação de programas

de capacitação digital e na oferta de infraestrutura adequada.

A disparidade entre grandes centros urbanos e áreas rurais ou periféricas é particularmente danosa. Enquanto, nas regiões metropolitanas, muitas bibliotecas conseguem oferecer acesso à internet de alta velocidade e equipamentos de ponta, em áreas mais afastadas, o acesso à

tecnologia permanece restrito, limitando as oportunidades de capacitação digital, especialmente para a população idosa e para outros grupos vulneráveis.

A falta de investimentos compromete a expansão, a atualização e a manutenção de recursos essenciais, tais como computadores modernos, conexões de internet de qualidade e formação contínua dos bibliotecários, elementos indispensáveis para o sucesso do acesso digital. A constante evolução tecnológica exige que as bibliotecas invistam regularmente em novos dispositivos e sistemas, o que pode representar um custo elevado. Muitas bibliotecas públicas enfrentam dificuldades orçamentárias severas, comprometedoras da continuidade e da qualidade dos programas de capacitação digital. Essa escassez de recursos é um desafio estrutural que precisa ser superado para garantirmos que as bibliotecas cumpram sua função primordial no acesso digital da população.

Por outro lado, existem diversas oportunidades que podem ser exploradas pelas bibliotecas para a superação das dificuldades impostas pelo obstáculo persistente das limitações orçamentárias. Uma das principais estratégias é a construção de parcerias com organizações e empresas de diversos modelos, colaborações que podem permitir às bibliotecas ampliar seu alcance, melhorar a qualidade dos serviços prestados e oferecer os recursos necessários para a implementação de programas de inclusão digital mais eficazes. A adoção de tecnologias móveis também surge como uma solução viável para contornar os entraves físicos e financeiros, em particular quando a disponibilidade de equipamentos é escassa. Nas comunidades de baixo poder aquisitivo, o oferecimento de *wi-fi* gratuito e o empréstimo de dispositivos móveis são saídas eficazes para a falta de acesso à tecnologia.

No campo do empreendedorismo e apoio à economia local, as bibliotecas também desempenham um papel relevante, acima de tudo em relação à população envelhecida, atendendo a uma crescente demanda por espaços de *coworking*, mentorias e incubadoras de pequenos

negócios. Contudo, ainda existem empecilhos consideráveis que dificultam a consolidação das bibliotecas como centros eficazes de empreendedorismo, como a insuficiência de recursos adequados e de financiamento contínuo para a expansão de programas de apoio; e a necessidade de infraestrutura mais robusta, inclusive espaços apropriados, em determinadas regiões. Há amplas oportunidades, no entanto, na forma de parcerias com empresas de tecnologia, universidades e organizações de apoio ao empreendedorismo. As bibliotecas têm o potencial de se transformar em *hubs* de inovação, oferecendo o suporte necessário para que os idosos desenvolvam seus próprios negócios e integrem-se ao mercado digital, e fomentando a autonomia e o bem-estar social.

As parcerias, embora vantajosas, apresentam seus próprios desafios. Sua sustentabilidade a longo prazo é uma das maiores dificuldades, notadamente em um cenário de cortes orçamentários e escassez de recursos. A dependência das bibliotecas de doações e de parcerias externas pode torná-las vulneráveis a mudanças nas prioridades de financiamento, o que pode comprometer a continuidade e a qualidade dos programas. Garantir o apoio financeiro e logístico contínuo é, portanto, uma questão imperativa a ser abordada para assegurar que as bibliotecas públicas continuem desempenhando seu papel de inserção digital e social.

A implementação de programas inerentemente andragógicos nas bibliotecas públicas também encara, conforme apontado em outra parte deste artigo, sérios desafios. Novamente, o financiamento inadequado é uma das principais dificuldades – já que muitas bibliotecas carecem de recursos suficientes para contratar profissionais especializados, manter equipamentos modernos ou implementar programas educacionais regulares – juntamente com a inadequada adaptação das estruturas das bibliotecas às necessidades específicas dos idosos, que exige planejamento cuidadoso para criar ambientes de aprendizagem que respeitem a experiência

de vida dos participantes e atendam às suas necessidades pedagógicas.

Também reconhecida como um desafio é a resistência ao aprendizado por parte de alguns entre os mais velhos, principalmente aqueles que se sentem intimidados pelas novas tecnologias ou acreditam que o aprendizado é uma fase da juventude. Essa resistência precisa ser superada com abordagens pedagógicas que valorizem as experiências prévias dos indivíduos e incentivem sua participação ativa no processo de aprendizagem, demonstrando os benefícios concretos de adquirir novas habilidades digitais. A mudança de paradigma sobre a educação para adultos, idosos em particular, é ponto de partida para a promoção de uma aprendizagem mais inclusiva e eficaz, que leve em consideração as dificuldades e expectativas dessa faixa etária.

As bibliotecas públicas têm sido fundamentais na democratização do conhecimento, garantindo o acesso à informação, à cultura e à educação para a população em geral. No entanto, no que toca à inclusão digital de idosos, elas enfrentam os desafios estruturais descritos, mormente nas regiões distantes dos grandes centros urbanos, onde as desigualdades sociais e regionais dificultam a disponibilidade de recursos tecnológicos essenciais; de programas adequados à realidade da população idosa, que levem em conta suas limitações cognitivas e físicas; e de profissionais qualificados para gerenciar esses programas, uma vez que o bibliotecário deve ser capaz de lidar com a multimodalidade digital e a educação personalizada para a terceira idade. Este cenário, aliado ao envelhecimento populacional e à crescente demanda por educação contínua, exige uma abordagem específica, que leve em consideração os princípios da andragogia.

O envelhecimento da população é uma tendência global, e no Brasil, conforme dados do IBGE (2020), essa transição será acelerada nas próximas décadas. Esse fenômeno traz desafios adicionais para a implementação de programas de capacitação digital, particularmente nas bibliotecas públicas. A andragogia, abordagem que valoriza a experiência de vida do adulto e

suas necessidades específicas de aprendizado, é insubstituível nesse contexto. Para a população idosa, muitas vezes desconectada das novas tecnologias, é necessário desenvolver métodos de ensino que respeitem suas vivências e adaptem as ferramentas digitais ao seu ritmo e interesse. Como explica Knowles (1980), os adultos tendem a ter mais motivação para aprender quando o conteúdo é relevante para suas necessidades práticas cotidianas.

Os desafios enfrentados pelas bibliotecas públicas no Brasil para fazer avançar o empoderamento digital da população idosa, exigem um esforço conjunto e inovador. A combinação de parcerias estratégicas, a adaptação dos métodos andragógicos e o uso de tecnologias móveis podem ser as chaves para a construção de uma sociedade mais inclusiva e digitalmente conectada. Ao enfrentar essas dificuldades, as bibliotecas podem se transformar em centros de inovação, oferecendo oportunidades de aprendizado contínuo e autonomia para todas as faixas etárias.

*

O fenômeno do envelhecimento da população brasileira é uma realidade crescente e irreversível, que traz desafios e oportunidades, e exige que a sociedade se prepare para lidar com suas implicações. A adaptação dos serviços públicos e, especificamente, das bibliotecas é indispensável para garantir uma integração plena dos idosos na sociedade contemporânea. Essas instituições desempenham um papel essencial no processo de adaptação digital e social da população sênior, oferecendo acesso a tecnologias, programas educativos e um ambiente acolhedor, e promovendo a permanência dos idosos em um contexto social cada vez mais tecnológico e dinâmico.

Para o futuro, é imprescindível que as bibliotecas se transformem em centros de inovação inclusiva voltados para as necessidades específicas da população envelhecida. Algumas medidas práticas e imediatas podem ser tomadas, como o fortalecimento de parcerias com ONGs e empresas de tecnologia para financiamento e inovação. Essas colaborações podem expandir

[...] importante para o futuro das bibliotecas é a implementação de mecanismos para medir o impacto dos programas oferecidos, tanto na inclusão digital quanto no engajamento social e no bem-estar dos idosos. Desenvolver formas sistemáticas de avaliação permitirá ajustar e melhorar constantemente as iniciativas, garantindo que as ações realmente atendam às necessidades dessa população e, assim, potencializem seus benefícios.

o alcance e a eficácia dos programas, ampliando a inclusão digital e ainda o acesso a tecnologias emergentes, e permitindo aos idosos participar de forma ativa na sociedade digital.

Além disso, é urgente que as bibliotecas invistam em capacitação profissional enfocada nas metodologias andragógicas, para que os bibliotecários possam adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades de aprendizagem dos adultos, respeitando suas experiências e concentrando-se na resolução de problemas reais. Capacitar os bibliotecários é forçoso para garantir uma educação personalizada, relevante

e motivadora para os mais velhos, que contribua para a construção de um espaço de aprendizado contínuo.

Outra sugestão importante para o futuro das bibliotecas é a implementação de mecanismos para medir o impacto dos programas oferecidos, tanto na inclusão digital quanto no engajamento social e no bem-estar dos idosos. Desenvolver formas sistemáticas de avaliação permitirá ajustar e melhorar constantemente as iniciativas, garantindo que as ações realmente atendam às necessidades dessa população e, assim, potencializem seus benefícios.

As bibliotecas também devem ser vistas como espaços estratégicos para o fomento ao empreendedorismo local, oferecendo programas de mentoria, incubadoras e espaços de *coworking*. Essa abordagem, que inclui o apoio à criação de novos negócios e à inclusão de empreendedores seniores no mercado, deve ser ampliada para garantir que os idosos tenham as ferramentas necessárias para inovar e gerar oportunidades econômicas para si mesmos e para suas comunidades. O incentivo a esse tipo de atividade promove a inclusão social e a independência financeira dos idosos, ao mesmo tempo que fortalece a economia local.

Essas ações, quando combinadas com a promoção de uma abordagem inclusiva e colaborativa, que envolva bibliotecas, governos, empresas de tecnologia, universidades e organizações comunitárias, são essenciais para garantir que os idosos tenham acesso à educação e à capacitação digital necessárias para uma vida plena, conectada e integrada ao mundo moderno. O caminho para uma sociedade mais justa, igualitária e digitalmente inclusiva passa, em grande parte, pelo trabalho conjunto desses diversos atores, com a biblioteca como o centro catalisador dessa transformação.

Portanto, a atuação das bibliotecas públicas, com a criação de parcerias estratégicas e a ampliação de seus programas voltados para a educação digital e o fomento ao empreendedorismo, é crucial para garantir que os idosos vivam com dignidade, autonomia e participação ativa.

A continuidade e o aprimoramento dessas iniciativas, com foco na capacitação tecnológica e na educação ao longo da vida, asseguram não apenas

a integração digital dos idosos, mas também o seu bem-estar social e econômico, promovendo um envelhecimento ativo e saudável.

Regina Fazioli, bibliotecária e mestre em Tecnologia: Gestão, Desenvolvimento e Formação, dedica-se à gestão do conhecimento, tecnologia *mobile*, mídias sociais, informação pública, gestão pública, andragogia e formação do cidadão. Idealizou e coordenou a Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo e é professora assistente no curso de Biblioteconomia do Centro Universitário Assunção e convidada na pós-graduação (Gestão da Informação Digital) da FESPSP.

Leia mais

ALMEIDA, P.; CARVALHO, L. Capacitação digital e o impacto na qualidade de vida dos idosos: um estudo sobre programas em bibliotecas públicas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, v. 22, n. 4, p. 67-79, 2019.

ANDRADE, S. L.; SANTIAGO, M. R. A atuação do terceiro setor para a efetivação do direito ao desenvolvimento regional. *Revista de Direito Brasileira*, Florianópolis, v. 29, n. 11, p. 370-392, 2022. DOI: 10.26668/IndexLawJournals/2358-1352/2021.v29i11.7317. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/7317>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CARVALHO, F. M. A importância das parcerias em bibliotecas públicas: a relação com empresas de tecnologia e organizações não governamentais. *Revista de Biblioteconomia e Documentação*, v. 17, n. 4, p. 55-71, 2018.

CARVALHO, J. M. Empreendedorismo e bibliotecas: a importância do apoio ao desenvolvimento de pequenos negócios. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, v. 15, n. 2, p. 78-92, 2018.

CGI.BR. *Conectividade significativa: propostas para medição e o retrato da população no Brasil*. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cgi.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FERRARI, G. P.; SILVA, R. D. Bibliotecas e inclusão digital para a terceira idade: o papel da andragogia. *Journal of Library and Information Science*, v. 35, n. 2, p. 75-90, 2019.

FERREIRA, A. L.; SOUSA, R. Bibliotecas como centros de inovação e apoio ao empreendedorismo local. *Journal of Library and Information Science*, v. 29, n. 3, p. 101-115, 2020.

FERREIRA, R. L. Bibliotecas e a transformação social: educação e inclusão no contexto da terceira idade. *Journal of Library Studies*, v. 25, n. 3, p. 234-245, 2020.

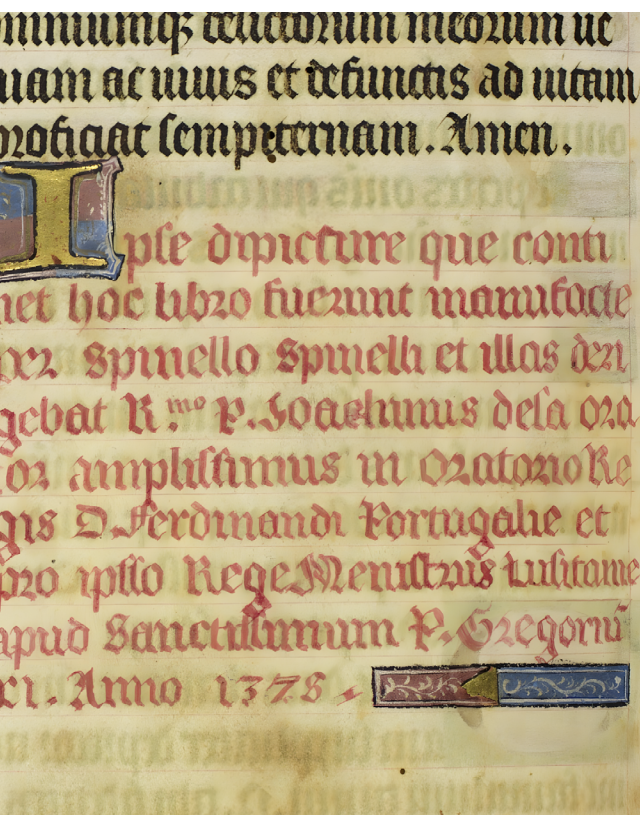
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 2020-2060*. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KNOWLES, M. S. *The adult learner: a neglected species*. Gulf Publishing, 1973.

KNOWLES, M. S. *The modern practice of adult education: Andragogy versus pedagogy*. New York: Cambridge Books, 1980.

LIMA, A. M. *A inclusão digital e as bibliotecas públicas: um estudo sobre a alfabetização digital nas bibliotecas brasileiras*. [S. l., s. n.], 2019.

- LIMA, E. S.; SILVA, R. C. A inclusão digital nas bibliotecas públicas: oportunidades e desafios para as populações de baixa renda. *Journal of Library and Information Science*, v. 39, n. 2, p. 34-50, 2021.
- OLIVEIRA, A. P. Parcerias estratégicas no apoio ao envelhecimento ativo: o papel das bibliotecas públicas. *Journal of Library Science*, v. 36, n. 2, p. 112-128, 2019.
- OLIVEIRA, J. *Bibliotecas públicas como centros de capacitação digital: o caso das bibliotecas comunitárias em São Paulo*. [S. L., s. n.], 2020.
- SANTOS, A. D.; PEREIRA, M. C. Andragogia e envelhecimento: desafios e oportunidades na educação de adultos idosos. *Revista Brasileira de Estudos sobre Envelhecimento*, v. 14, n. 3, p. 109-125, 2021.
- SILVA, E. C. Educação para a terceira idade: o papel das bibliotecas públicas na inclusão digital de idosos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA, 5., 2020, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2020.
- SILVA, F. Bibliotecas públicas e a promoção do empreendedorismo local: impactos e desafios. *Journal of Public Library Research*, v. 17, n. 4, p. 23-37, 2020.
- SILVA, L. A.; SANTOS, M. P. Tecnologia e envelhecimento: a colaboração entre bibliotecas e universidades para a inclusão digital. *Revista Brasileira de Estudos sobre Envelhecimento*, v. 12, n. 3, p. 67-80, 2020.
- SOUZA, F. M.; COSTA, J. P. Cultura e educação para a terceira idade: novas práticas nas bibliotecas públicas. *Educação e Sociedade*, v. 42, n. 5, p. 887-902, 2021.
- SOARES, M.; SILVA, F. Tecnologia para a terceira idade: como bibliotecas públicas contribuem para a inclusão digital dos idosos. *Revista de Inclusão Digital*, v. 5, n. 1, p. 33-47, 2021.
- TOUGH, A. *The adult's learning projects: A fresh approach to theory and practice in adult learning*. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1979.



**Biblioteca: zeladora e
produtora de conhecimento**

Biblioteca Nacional como espaço de produção de conhecimento

Raquel França dos Santos Ferreira

Acabo de escrever infinita. Não intercalei este adjectivo [*sic*] por um hábito retórico; digo que não é ilógico pensar que o mundo é infinito. Quem o julga limitado, postula que em lugares longínquos os corredores e escadas e hexágonos podem inconcebivelmente cessar – o que é absurdo. Quem o imagina sem limites, esquece que os tem o número possível de livros. Atrevo-me a insinuar esta solução do antigo problema: A biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direcção [*sic*], verificaria ao cabo dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, repetida, seria uma ordem: a Ordem). A minha solidão alegra-se com esta elegante esperança.

(Jorge Luis Borges, 1941.)

No conto *A Biblioteca de Babel*, do qual retiramos o fragmento que abre este texto, Jorge Luis Borges (1899-1986), escritor argentino reverenciado pela sua escrita complexa, misteriosa e, por que não dizer?, transcendental – pois que ultrapassa épocas com um apurado valor de contemporaneidade –, nos convida a conhecer uma biblioteca. Mas não uma qualquer biblioteca

e que não guarda, ela, livros desimportantes – como se esses houvesse.

A biblioteca de Borges é o repositório infinito e precioso de livros que assumem o compromisso de reunir os interesses e os saberes da humanidade. Uma metáfora para a tentativa de agruparmos todo o conhecimento acumulado através das eras. Um repositório sem início, meio

ou fim. Uma biblioteca que instiga a uma fuga por entre seus incontáveis patamares, estantes, galerias. Escadarias tortuosas que nos levam ao universo – porque, em seu imaginário, o que seria o universo, senão uma biblioteca? Uma biblioteca livre e viva, pois ilimitada e periódica, da qual, apesar de conter o mesmo número de livros em cada prateleira, não se consegue controlar a (des)ordem.

A cada passo por entre suas galerias, verdadeiras ruas e avenidas plenas de obras em diversas línguas, visitamos povos e culturas singulares e nos damos a conhecer a nós mesmos – ou pretendemos fazê-lo, pois debaixo da luz que é incessante, mas insuficiente, jamais será possível conhecer o tanto que tentamos compreender.

Com este diálogo sobre livros, espaços, linguagens, enfim, sobre os universos de possibilidades que compõem uma biblioteca, queremos convidar você a um passeio diferente pela Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro (BN): observá-la do ponto de vista da sua produção de conhecimento. Veremos que, embora não seja a biblioteca de Borges, com ela a BN guarda algumas semelhanças e, especial e única, também várias diferenças.

As muitas faces da Biblioteca Nacional

Antes que você pense que está sendo enredado em uma trama – e talvez esteja mesmo, mas esse é um risco que se corre –, queremos deixar claro que escrevemos de dentro da própria Biblioteca Nacional. Sim, somos aqueles bibliotecários, e também historiadores, jornalistas, professores que trabalham nesta instituição. E que, assim como os personagens de fundo do conto de Borges, passamos, vez por outra, a auxiliar os leitores e pesquisadores em sua contínua busca por desvendar os mistérios contidos nos livros. Dito isso, esse ensaio constitui-se em uma reflexão sobre o nosso próprio trabalho. Por isso, podemos afirmar que esta biblioteca possui muitas faces. Não aquelas hexagonais, como as características no conto que evocamos.

Na verdade, estariam mais para frente e verso das páginas de um livro.

Sua estrutura, herdada em parte da biblioteca dos reis de Portugal, chegou ao Brasil entre 1808 e 1810, em uma verdadeira aventura quixotesca: em vista da iminente invasão de tropas francesas (estratégica e minuciosamente protelada pelo príncipe regente dom João), e com o amparo das articulações entre o secretário de Estado dom Rodrigo de Souza Coutinho e o embaixador britânico Lord Strangford, toda a corte portuguesa, e seus pertences mais valiosos – livros e documentos, por mais que alguns pensem que não, são riquezas incomensuráveis –, foi embarcada em navios que teriam como destino o Brasil, sua colônia mais rentável, então (Schwarcz, 2002).

Não é exagero dizer que, no dia 29 de novembro de 1807, o Estado português saiu da Europa. Sem qualquer pompa ou alarde, escoltado por navios britânicos em uma viagem permeada por tormentas e incertezas, até aportar, no dia 22 de janeiro de 1808, em Salvador. Contudo, o destino final seria o Rio de Janeiro, local a que chegaram no dia 8 de março seguinte, em uma comitiva de cerca de 15 mil pessoas.

O que se seguiu ao desembarque, em termos políticos e econômicos, é facilmente recuperável através da farta historiografia a que temos acesso. Aqui, vamos nos deter e percorrer uma das tais faces da biblioteca, a que possui, como parte intrínseca de seu acervo, uma herança real composta por cerca de 60 mil documentos – entre livros, mapas, imagens e publicações periódicas – daquele Estado português navegante.

Essa coleção, embora distribuída entre as chamadas áreas de guarda – semelhantes às galerias borgeanas –, de acordo com a tipologia e as diversas características documentais, é a fundadora da principal identidade da Biblioteca Nacional: a sua monumentalidade como lugar de memória (Nora, 1993). Seguindo esse pressuposto, fica fácil compreendermos, assim esperamos, a razão de outra de suas particularidades, tendo em vista que o objetivo principal dessa biblioteca é a proteção e a guarda do patrimônio bibliográfico e documental brasileiro (Andrade, 1998).

Depois de sua chegada e efetiva abertura ao público pesquisador, em 29 de outubro de 1810, com o nome de Real Biblioteca, sua coleção foi progressivamente aumentada ao longo do século XIX – especialmente pela doação da coleção Thereza Christina Maria, por dom Pedro II, e pelos decretos de contribuição legal, promulgados a partir de 1822 e com última atualização em 2010, que determinam o envio de cada exemplar dos livros publicados nas oficinas, tipografias e editoras brasileiras. Dessa forma, nossa biblioteca não é composta por obras homogêneas em tipologia, tamanho, finalidade, área de conhecimento, suporte. Distintamente, por exemplo, de uma biblioteca universitária, especializada em uma ciência específica, colecionamos em nossas estantes – igualmente diferenciadas em número de prateleiras e extensão –, obras que dizem respeito a uma multiplicidade, ou talvez multiversos, de saberes.

O tempo passou, o Estado brasileiro se modificou, de império centralizador, autoritário, latifundiário e escravista para república oscilante entre a política oligárquica e a militarizada, por vezes democrática – oscilações inerentes ao processo de construção de um Estado fundado sob a égide de uma cultura dominante europeia e que ainda está buscando olhar para si como responsável por gerenciar uma cultura rica e plural, que compreende etnias indígenas e afrodescendentes. Em meio aos confrontos entre avanços e retrocessos dessa construção, lutamos ainda por compreender o porquê de, durante o já adiantado século XXI, ainda não termos notado a visita de um presidente brasileiro em seus corredores e galerias.

De volta à sucessão dos tempos, enquanto essas transformações aconteciam, algo também ocorria com a nossa biblioteca. Progressivamente, sua designação foi sendo modificada, para

acompanhar cada nova realidade política do Brasil. Assim, de Biblioteca Real (1810), passa a Biblioteca Imperial e Pública (1822), depois Biblioteca Nacional (1876) e, finalmente, Fundação Biblioteca Nacional (1990-atual).¹

Quem entra no prédio centenário, instalado no centro da cidade do Rio de Janeiro em 1910, depara-se com uma construção em estilo eclético. São quatro andares visíveis, na estrutura composta por um quadrilátero central que possui, em cada aresta, uma torre circular. Misteriosamente, esses quatro andares se desdobram em sete, se contarmos três andares de mezaninos dispostos no interior das suas duas laterais, e que abrigam os armazéns de livros, ao lado direito de quem entra, e de publicações periódicas, à esquerda. Uma obra divina, magistralmente arquitetada, diriam, supomos, os visitantes da biblioteca borgeana. Gostaríamos de imaginar que também essa fosse a impressão do monge Adso de Melk que, junto com o frei Guilherme de Baskerville, visitara uma abadia na Itália, como nos conta o escritor italiano Umberto Eco (1932-2016) em seu romance *O nome da rosa* (1983).

E nessa construção que abriga uma biblioteca de cunho nacional, isto é, que reúne referências identitárias concorrentes para o entendimento da própria brasilidade (Juvêncio, 2024), encontramos facilmente obras nos mais diversos idiomas, visto que o Brasil é constituído de uma rica diversidade étnica. São publicações que vão desde os primeiros registros dos povos indígenas, de textos abolicionistas, de raridades dos séculos XI, XV, XVII, até periódicos de colônias de alemães, italianos, japoneses, libaneses, portugueses, sírios, entre outros. Obras que podem ser consultadas fisicamente, lidas e reproduzidas segundo normativas em vigor – mas não podem ser levadas para a residência do leitor, em sua versão física, já que cada uma é

1 Embora o nome atual seja Fundação Biblioteca Nacional, utilizaremos a denominação Biblioteca Nacional porque desenvolvemos um diálogo com o texto de Jorge Luis Borges. Outra razão é que estamos tratando, basicamente, de seu prédio sede, situado na avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, onde é feita a maior parte do atendimento ao público. Entretanto, a Fundação Biblioteca Nacional possui, além dele, um prédio na região portuária da cidade, outro no bairro de Laranjeiras e ocupa uma parte do Palácio Gustavo Capanema, na rua da Imprensa, e alguns andares em prédios comerciais na rua Debret e na avenida Presidente Vargas, também no centro do Rio.

um patrimônio nacional. Digo que não podem ser levadas fisicamente, mas algumas já podem ser consultadas digitalmente – faces novas dessa biblioteca bicentenária.

Percorrer as estantes da Biblioteca Nacional, nos dias atuais, é se deparar com séculos de história da humanidade, até os dias de hoje. São mais de nove milhões de documentos que conferem a essa instituição o título de oitava maior biblioteca nacional do mundo. Como se não bastassem as suas multifaces, ela também serve de referência para outras bibliotecas pelo país afora, fornecendo informações sobre catalogação, conservação documental, fomento à pesquisa e edição de livros. Proteger esses patrimônios requer muito esforço, estudo e pesquisa. E quem imaginava que a biblioteca era apenas um depósito de livros, como aquele personagem borgeano que entende que não há fim nos labirintos que constituem esse universo, subitamente percebe-se um grão de poeira no tanto de saberes que acumulamos ao longo das épocas. E decerto nunca teremos, ou saberemos tudo.

Uma Babel física e virtual?

Abrimos as portas de mais uma sala dessa nossa biblioteca: um de seus armazéns. Ao olharmos nosso entorno, temos a nítida impressão de estarmos imersos naquele ideal enciclopedista de D'Alembert e Diderot (Darnton, 1986). Volumes tão precisamente catalogados e classificados quanto possível. Outros tantos – uma infinidade, sejamos realistas, não há trabalho que dê conta da quantidade imensa que chega todos os dias –, ainda aguardando pacientemente sua vez de serem devidamente tratados. Há números de identificação em cada rua desse espaço, para que não nos percamos (ou guardemos equivocadamente um volume em local errado, sob pena do prejuízo maior: perdê-lo como agulhas se perdem em palheiros). Sem esquecermos de que conhecimento é, sim, poder; em especial, no nosso caso, o poder de preservar registros

históricos fundamentais para cada um dos cidadãos brasileiros.

Se através dos suportes físicos das publicações temos uma infinidade de informações, mais ainda as acessamos utilizando os meios digitais. Mas, esperem. Não vamos apressar as coisas – essa aceleração do tempo que nos domina. Antes de discutirmos um pouco do mundo digital, precisamos compreender que os processos dentro do mundo físico são imprescindíveis para encontrarmos o que procuramos online.

Os milhões de documentos que temos armazenados na Biblioteca Nacional, comprados, doados, incorporados através de depósito legal, precisam passar pelo que chamamos de processamento técnico.

Pouparemos os leitores das minúcias descritivas dessa etapa. Mas precisamos demarcar que é feito um cuidadoso trabalho de pesquisa – sim, o técnico é pesquisador –, para encontrar os dados que melhor auxiliam o leitor na busca das informações necessárias à sua investigação. Importa saber que o exemplar da primeira edição da *Arte da gramática da língua portuguesa* foi escrito pelo padre José de Anchieta, em 1595, para que a obra possa ter sua devida classificação como obra rara. Ou que o periódico *O Abolicionista*, da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, fundada por Joaquim Nabuco, é um documento essencial para a luta antiescravista do século XIX. São informações coletadas através da leitura do original mas, igualmente, surgem das investigações dos profissionais que dedicam suas horas de labuta a esse fim. Entremeando esse processo, há um trabalho fundamental: o da conservação e preservação dos documentos. Uma atividade altamente especializada, que requer conhecimento de processos químicos e habilidades de reparo e restauro de obras. Função que também necessita de investimentos em equipamentos de ponta e formação contínua dos servidores dedicados a preservar o patrimônio sob a responsabilidade da Biblioteca Nacional.

Para aqueles que creem que essa ocupação é apenas a organização de dados, voltamos aos

[...] voltando aos enciclopedistas que citamos, ao classificarem os fazeres humanos nas coletâneas iluministas, uma nova forma de pensamento foi criada e, não à toa, ela revolucionaria as formas de elaboração científica nos séculos posteriores. Ou seja, a organização das informações é, também ela, a produção de conhecimento[...]

enciclopedistas mencionados. Ao classificarem os fazeres humanos nas coletâneas iluministas, uma nova forma de pensamento foi criada e, não à toa, ela revolucionaria as formas de elaboração científica nos séculos posteriores. Ou seja, a organização das informações é, também ela, produção de conhecimento – não esqueçamos dos processos que um estudo científico pressupõe: observação, análise, síntese, generalização (Bastos; Bruno; Rezende, 2013).

A partir da generalização – no caso da Biblioteca Nacional, uma das formas pode ser observada na ficha catalográfica elaborada depois do processo de pesquisa –, as informações daquela obra podem ser recuperadas pelos leitores. Outros bibliotecários de outras instituições também utilizam as bases de dados da Biblioteca para fazerem as pesquisas e complementarem a

catalogação de suas próprias coleções. Tão clara é essa função de referência para outros interessados que, desde o século XIX, mais precisamente, desde 1876, circulam os *Anais da Biblioteca Nacional*. Idealizada pelo então diretor, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, a publicação tem como propósito dar a conhecer a produção intelectual sobre a biblioteca, informações sobre os inventários e aquisições de coleções, reestruturação administrativa, relatórios de gestão, entre outras informações. Atualmente, é uma das publicações mais longevas do país (Ferreira, 2024).

Aleatoriamente, escolhemos um volume dos *Anais da Biblioteca Nacional* nessa nossa visita. E qual não foi a nossa surpresa? Deparamo-nos com a proposta de elaboração de um plano. Plano que revolucionaria o acesso aos conteúdos de um dos maiores acervos da Biblioteca Nacional: o de publicações periódicas. Elaborado durante a gestão de Janice Monte-Mór, chamou-se Plano Nacional de Microfilmagem e, por intermédio dele, milhares de páginas de periódicos de todo o país foram transpostos para películas fotográficas (Anais da Biblioteca Nacional, 1974). Mais do que uma simples mudança de suporte, a iniciativa tinha o objetivo maior de dar acesso aos conteúdos dos documentos, ao mesmo tempo que preservava os originais – porque, como uma biblioteca de guarda patrimonial, e isso nunca é demais repetir, precisamos preservar tanto quanto possível o patrimônio documental nacional. O acesso aos documentos se daria pelo microfilme, rolos de filmes compostos por minúsculas imagens das páginas dos jornais e revistas, que poderiam ser consultados a partir de máquinas especiais para essa atividade.

Muitos pesquisadores faziam fila no atendimento do salão de Publicações Seriadas, ou Periódicos, como carinhosamente conhecemos até os dias atuais. A babel de documentos físicos ganhou novas ferramentas de consulta. Uma verdadeira revolução, muito festejada na época. A facilidade para se localizar as páginas desejadas, agilizada pelo trabalho de organização das informações dos originais, como apontado antes, ampliou as possibilidades de investigação.

Contudo, uma nova transformação se avizinhava, caminhando lado a lado com o mundo da informática que começava a bater às portas da Biblioteca Nacional, na década de 1990. Novos catálogos em computadores IBM traduziram-se em formas distintas de busca de informação. Cerca de dez anos depois, o acesso aos documentos físicos e aos microfilmes passaria a se dar a partir de uma nova dimensão: a virtual. Retornemos à biblioteca de Borges por um segundo. Feche os olhos e se imagine em um universo composto por seus 25 sinais gráficos: pontos, espaços, vírgulas, letras, binariamente codificados em ondas de informações que se cruzam nas mais variadas direções – galerias hexagonais demolidas e os livros, implodidos um a um, agora estão flutuando em nuvens ao seu redor.

Navegando pela Hemeroteca Digital Brasileira,² ao alcance de um ou dois cliques, podemos abrir as páginas de um jornal de 1912 e perscrutar as notícias da Grande Guerra que se desenrolava no longínquo Velho Continente. Rolando o cursor mais um pouco, podemos chegar ao ano de 1969 e observar as repercussões da viagem que levou Neil Armstrong a pousar na Lua.

Também podemos consultar páginas de livros, músicas, mapas ou iconografia, no repositório de Acervo Digital.³ Nele, encontramos o *Diário de Maria Graham*, publicado em 1824, que nos conta sua visão do Brasil em seu processo de emancipação de Portugal. Seu interesse é musical? A partitura do samba *Pelo telefone*, de Donga, gravado nos anos iniciais do século XX, está lá esperando pela sua consulta.

Biblioteca Nacional Digital: pesquisa e divulgação do acervo

Chegamos a uma das fronteiras daquela biblioteca que é, ao mesmo tempo, objeto da nossa reflexão e fruto de nosso trabalho: a

virtual. Olhando para a constituição da Biblioteca Nacional, temos que ela vem, como já apontamos, de uma herança tipicamente europeia, portanto letrada e intelectualizada. Essa característica, por muitas décadas, tem sido um estigma para quem trabalha por detrás dos bastidores. Uma casa das letras e dos livros não é vista como local interessante para a maioria dos cidadãos brasileiros, superficialmente escolarizados devido a uma constante deficiência de políticas públicas voltadas para a educação, em todos os níveis de poder.

E por que nos detivemos neste detalhe incômodo? Porque dele deriva a falta de reconhecimento da produção científica, que tanto aprofunda as desigualdades sociais que carregamos há muito tempo. Para buscar a nós mesmos, enquanto nação, precisamos continuar caminhando pelas galerias dessa biblioteca multifacetada, e de outras tantas que há país afora. E encarar os momentos amargos de frente, para que possamos, enfim, deixar fluir a liberdade e o respeito de que cada um de nós precisa e que cada um merece; fazer aquela luz acesa na galeria, incessante, se tornar eficiente.

O mundo virtual tem essa premissa, a de ser acessível aos que tenham, ao menos, uma tela conectada a alguma fonte de navegação de dados. Um celular, um computador em escolas ou casas de cultura. Ou mesmo nas próprias bibliotecas. Através dele, podemos, quem sabe, contribuir para que aquela imagem elitizada e austera que a Biblioteca Nacional possa ter venha dar lugar a uma biblioteca efetivamente nacional, reconhecida e apreciada por cada pessoa cidadã. Esse universo se abriu na Biblioteca Nacional, efetivamente, a partir de 2006, com as primeiras páginas digitalizadas e dispostas no sítio virtual conhecido como Biblioteca Nacional Digital, ou apenas BNDigital. Em 2012, outra ferramenta valiosa foi agregada: a Hemeroteca Digital Brasileira (HDB).

² Hemeroteca Digital Brasileira é o repositório de publicações seriadas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

³ O Acervo Digital é o repositório de livros, mapas, iconografias e demais obras digitalizadas. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

Resgatando a imagem dos religiosos viajantes do romance *O nome da rosa*, ao chegar à abadia italiana, Guilherme de Baskerville pede ao abade para visitar a biblioteca. Diz ele que a riqueza de obras existente ali é conhecida em todo o Ocidente. Ao que o abade responde que não se pode andar nos espaços restritos da biblioteca: somente o bibliotecário pode ter o direito de se mover no labirinto dos livros (Eco, 1983). Essa ainda é a premissa no interior das mais variadas bibliotecas: somente o bibliotecário tem acesso direto e imediato ao documento. O visitante, por questões de proteção da publicação, tem acesso mediado a ele. Seja esse contato físico ou virtual, alguém precisou, como já mostramos, proceder ao tratamento daquela publicação. O que o bibliotecário jamais pode negar é o acesso à informação sobre tal ou qual documento. A ele cabe esta tarefa: elaborar, da forma mais atualizada possível, formas de acesso ao conteúdo e à informação. Ao menos parcialmente, estamos rompendo com as barreiras que apartam o leitor da obra, quando a colocamos ao alcance dos dedos, numa leitura através do celular ou da tela de um computador, à hora que o leitor assim desejar, em qualquer parte do globo terrestre.

E fizemos isso na Biblioteca Nacional. Somados aos sítios virtuais já citados, nós poderíamos, aqui, discorrer sobre os muitos projetos importantes que temos e que estão disponíveis em meio virtual. Temos o Projeto Resgate Barão do Rio Branco, a Brasileira Fotográfica, a Brasileira Iconográfica. Muitas dessas iniciativas são cooperações entre a Biblioteca Nacional e outras instituições nacionais e estrangeiras e, através delas, podemos ter contato com preciosidades dos acervos da Biblioteca e de seus parceiros, como as imagens de Augusto Malta, nas reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro, impressionantes fotos da Guerra do Paraguai, ou imagens de populares em festas carnavalescas na cidade.

Entretanto, gostaria de registrar aqui uma iniciativa que, há 18 anos, investiga em periódicos impressos e manuscritos a colaboração literária de homens e mulheres atualmente desconhecidos nos meios literários brasileiros; pessoas de quem, por inúmeras razões, as histórias de vida se perderam; nomes que, outrora lidos e festejados, hoje encontram descanso nas páginas de publicações da chamada imprensa periódica.

Ela parte do grupo de pesquisadores fundado por servidores da Biblioteca Nacional e intitulado Periódicos & Literatura: Publicações Efêmeras, Memória Permanente, que mantém hospedado na BNDigital um dossiê composto por verbetes que tratam de autores da literatura e de títulos em que seus textos foram publicados. São mais de 300 títulos já pesquisados, devidamente catalogados na base de dados da Coordenação de Publicações Seriadas, bem como cerca de cem autores e autoras mencionados.⁴

O motivo para o realce deste projeto entre outros, além do fato de fazer parte do nosso trabalho – olha aí a trama da qual falamos – é ele ser mais um exemplo de o quanto a Biblioteca Nacional é um espaço dedicado à produção de conhecimento. Além da página do dossiê, na BNDigital nós temos livros publicados e organizamos encontros bienais – o último, ocorrido em novembro de 2024, discutiu aspectos ligados à leitura, produção e circulação de livros e autores de língua portuguesa.

Quem passeia pelos corredores desse dossiê, se depara com personagens como Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Gilka da Costa de Melo Machado – mulheres que atravessaram o tempo e hoje ainda são lembradas. Entretanto, uma vez inoculado nos pesquisadores que fazem parte do grupo o agente transmissor da busca enciclopédica, encontramos listados nomes de mulheres somente recuperáveis através de poemas raros, publicados em manuscritos e em impressos igualmente preciosos.

4 Nesse trabalho, uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Editoração e o Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, temos a colaboração dos bolsistas do Programa de Apoio à Pesquisa-Iniciação Científica/FBN, Igor Machado e Rhuan Garcia.

Espontaneamente nos lembramos de Delminda Silveira? Talvez de Edeltrudes de Meneses? Adelina Amélia Lopes Vieira? A primeira, aos 77 anos, foi convidada para a Academia Catarinense de Letras. Edeltrudes escrevia poesias para o *Jornal do Commercio* e para o *Jornal das Senhoras*, periódicos de considerável circulação. E Adelina... era irmã de Júlia Lopes de Almeida (Periódicos..., 2024).

Trabalhar pelo reconhecimento dos nomes dessas personagens insere-se na luta pela representatividade das mulheres no mundo das letras, algo que é, também, possível a partir do trabalho desenvolvido com o acervo da Biblioteca Nacional.

*

Iniciamos nossa conversa sobre o impacto de uma biblioteca ilimitada e periódica, para terminarmos ressaltando o trabalho com a imprensa periódica e suas contribuições para a divulgação do acervo e a produção de conhecimento, a partir do trabalho dos servidores da Biblioteca Nacional. Um trabalho que, apesar de parecer invisível a quem visita o nosso majestoso prédio sede, na Cinelândia, no Rio de Janeiro, é perene e firme.

Da biblioteca borgeana, retiramos a imagem da pluralidade e da intangibilidade do conhecimento, da sua existência eterna e independente do que a humanidade possa pretender restringir ou limitar. A força do conhecimento, motor dos pesquisadores que o buscam sem cessar – e sem alcançar sua totalidade – é o que também nos impulsiona a aprimorar nosso trabalho.

Das limitações físicas – visto que a oitava maior biblioteca do mundo possui apenas um prédio sede e um prédio anexo para seu acervo, pois os demais espaços são administrativos, com alguns andares destinados a coleções especializadas, como a de música, que comportam um número limitado de pesquisadores –, passamos a um mundo virtual em que se pretende uma nova forma de facilitar o acesso aos acervos, na medida em que eles estejam devidamente tratados e digitalizados.

Caminhamos por entre algumas das faces da Biblioteca Nacional, sua missão de salvaguarda patrimonial, sua função de receber os pesquisadores e atender com a maior efetividade possível as suas demandas. Falamos da monumentalidade de um acervo que, se inicialmente era europeu, agora é brasileiro e pertence a cada um dos cidadãos e cidadãs brasileiros, reunindo obras de escritores nacionais recebidas através do Depósito Legal.

Tudo isso sem descuidar de que a Biblioteca Nacional não é a universal biblioteca interminável de Borges e não tem, em seu quadrilátero de paredes, as estruturas hexagonais com livros em tamanhos iguais e em prateleiras iguais. Temos milhões de documentos, mas esse número é

A produção de conhecimento, na Biblioteca Nacional, é proporcional ao volume de documentos com os quais trabalhamos. A cada título novo, uma nova pesquisa deve ser feita. A cada periódico que chega – e são muitos os depositados aqui, mesmo em tempos digitais – inúmeras possibilidades de divulgação do conhecimento precisam ser pensadas.

finito. Diferentemente do conhecimento que deles se processa, esse sim, reconhecidamente plural, multidisciplinar, etnicamente diverso, incomensurável.

Finalmente, chegamos ao objetivo proposto para este ensaio: apresentar a Biblioteca Nacional não como um mero depósito de uma infinidade de livros, como “o catálogo fiel da Biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia desses catálogos, a demonstração da falácia do catálogo verdadeiro” (Borges, 1941), mas apresentar, com exemplos do trabalho desenvolvido pelos seus servidores e colaboradores – bibliotecários, historiadores, jornalistas – alguns dos processos da transformação dos dados encontrados em informações e conhecimento. O resultado desse trabalho pode ser observado quando o leitor encontra devidamente a obra procurada, porque ela foi corretamente tratada e se mantém propriamente conservada, mas também se vê quando, a partir

do trabalho executado, produzimos obras de reflexão sobre seu acervo, sobre as atividades desenvolvidas, sobre os interesses do leitor e de outras instituições que nos consultam sobre uma determinada informação. Igualmente ocorre quando divulgamos o acervo fisicamente, em exposições, ou virtualmente, através de sítios como os das Brasilianas ou a BNDigital.

A produção de conhecimento, na Biblioteca Nacional, é proporcional ao volume de documentos com os quais trabalhamos. A cada título novo, uma nova pesquisa deve ser feita. A cada periódico que chega – e são muitos os depositados aqui, mesmo em tempos digitais – inúmeras possibilidades de divulgação do conhecimento precisam ser pensadas. E reconhecer esse espaço como produtor de conhecimento, seja sobre o acervo ou sobre seu próprio trabalho é, sobretudo, reconhecer a força da cultura brasileira que é diversa, plural, um universo de saberes.

Raquel França dos Santos Ferreira é assistente em documentação da Fundação Biblioteca Nacional, na Coordenação de Pesquisa, subordinada ao Centro de Pesquisa e Editoração. Doutora, mestre e graduada em História, escreveu e organizou livros sobre imprensa no Brasil e suas relações com a memória, política e literatura; é líder de grupo de pesquisa e coordenou projetos sobre esses mesmos temas com apoio da Faperj.

Leia mais

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A Biblioteca Nacional e a pesquisa histórica. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). *Ler e escrever para contar*. Rio de Janeiro: Access, 1998.

BASTOS, Carlos Alberto Malcher; BRUNO, Ana Cristina Martins; REZENDE, Luiziana Silveira de. Gestão da informação e gestão do conhecimento: proposição de um modelo integrador a partir da identificação e gestão dos bens de informação. In: CIANCONI, Regina de Barros; CORDEIRO, Rosa Inês Novais; ALMEIDA, Carlos Henrique Marcondes de (org.). *Gestão do conhecimento, da informação e de documentos em contextos*

informativos. Niterói: Eduff, 2013. (Estudos da Informação, v. 3).

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1973. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1974. p. 255. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/402630/40529>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BORGES, Jorge Luis. Biblioteca de Babel (1941). In: *Universo literário fantástico*, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://bloguniversoliterariofantastico.blogspot>.

com/2018/11/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges.html. Acesso em: 18 nov. 2024.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FERREIRA, Raquel França dos Santos. Anais da Biblioteca Nacional – BN. In: VENÂNCIO, Giselle Martins; FURTADO, André (org.). *Dicionário histórico-crítico do mundo letrado: Brasil, séculos XIX-XX*. Niterói: Eduff, 2024. Disponível em: <https://www.eduff.com.br/produto/dicionario-historico-critico-do-mundo-letrado-brasil-seculos-xix-xx-e-book-pdf-789>. Acesso em: 19 nov. 2024.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. *A biblioteca e a nação: entre catálogos, exposições,*

documentos e memória. Curitiba: Appris, 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993. Disponível em: <https://arquivologia.net.br/wp-content/uploads/nora-pierre-entre-historia-e-memoria-a-problematika-dos-lugares-1993.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PERIÓDICOS & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente. Rio de Janeiro: BNDigital - Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



**Biblioteca: testemunha, personagem
e coautora da história**

Arde a 451 graus Fahrenheit

Maria Estela Guedes

A Casa das Conchas

Eis-me na Casa de las Conchas, Biblioteca Pública de Salamanca, escolhida para fundo histórico do meu ensaio, na falta da antiga Biblioteca da Universidade, hoje inacessível, por ter sido transformada em museu. Nem sequer podemos entrar, só observar, por detrás de paredes de “cristal”, como os espanhóis designam o vidro, as estantes em belas madeiras trabalhadas, as mesas baixas carregadas de livros encadernados, as letras gravadas naquele couro profundo, a lembrar o tema da pirogravura nos romances de Carlos de Oliveira, globos, lupas de mão, e decerto alguns originais da cartografia representada no corredor, em que mapas de diferentes séculos nos vão dando uma imagem cada vez mais aproximada do que hoje reconhecemos como América do Sul e Península Ibérica.

Todo o recinto universitário antigo foi objeto de musealização, com as suas Escuelas Mayores e Menores, denunciadoras do fato de a sua origem ser a catedral. No nosso mundo ocidental, ou talvez melhor dizendo, cristão, as mais antigas universidades, com as suas livrarias, são catedralícias, serviam à instrução do clero. Porém, mais antigas ainda são as corânicas, as madraças onde se decorava o Alcorão. As considerações

dividem-se quanto à influência das universidades corânicas sobre as posteriores à ocupação árabe da Europa, porque o sistema e as matérias estudadas eram muito diferentes. Algo porém as religa na matriz: a circunstância de o seu nascimento se ter verificado na dependência de um templo importante, de um lado a mesquita e de outro a catedral, e de o objetivo primordial ser o de transmitir os ensinamentos religiosos.

Facílmo o acesso na Casa de las Conchas, mas ajuda nenhuma, pois já não é o tempo de bibliotecários que tratavam os livros pelo nome dos autores – sim, a Rolanda, temos; ah, quer o volume II do Grassé – e sabiam o suficiente para orientar estudantes e estudiosos nas suas pesquisas. A senhora bibliotecária, muito simpática, mandou-me consultar um livro para turistas, pois, belas fotos, mas era tão pouquinho...

A Casa de las Conchas tem história, daí que todo o edifício – de paredes externas ornadas com vieiras, as conchas dos peregrinos de Santiago de Compostela – é hoje um museu; diria que museu também do livro, pois de livros tratamos e de escritores também, quando o assunto é a biblioteca. Move-me a esta consideração, que contraria a da biblioteca pública, funcional, a presença, no pátio, de paredes tão douradas como toda a Cidade Dourada, de uma parede

de ficheiros manuais, a recordar o tempo em que estudávamos de acordo com a tecnologia existente; essa, das gavetas de madeira com as fichas de cartolina. Na Idade Média, antes da fabulosa invenção de Gutenberg, os alunos da Universidade de Salamanca, e das outras, liam pouco, pois havia poucos livros e deviam ser demasiado preciosos para passarem para a mão de jovens desastrados – um mestre lia e os educandos ouviam. Aos copistas devemos as poucas reproduções do que seria um rolo de pele ou de papiro, e também as iluminuras, aquelas belíssimas imagens que ornavam as letras capitais. É tão fascinante o mundo do livro antigo, e das bibliotecas, que muitos romances e filmes os utilizam como lugar de ação. Umberto Eco sirva de exemplo e nem é preciso dar nome à rosa.

Eis-me, então, sentada a uma mesa comum, comprida, numa sala isolada das antigas paredes de rocha dourada por uma parede de vidro, ao lado de jovens e velhos. Os velhos folheiam jornais, *La Gaceta* e *El Pays*, os jovens absorvem-se nos seus segredos, voltada para mim a tampa dos computadores portáteis. Grande mudança nos tempos, parece que só eu consulto um livro. Ah, vejo um quase garoto que deixa correr pela barra do *scroll* imensas fotografias de estrelas e galáxias. A internet é tão importante como os ficheiros manuais, e não se pense que é mais frívola ou enganosa.

Por falar em fichas de papel, na biblioteca que, há anos, frequento em Lisboa, certa vez, recolhia eu informação sobre dado assunto africano – a escravatura, não é preciso fazer segredo –, e de um dia para o outro desapareceu a centena de fichas que costumava compulsar no ficheiro manual. Por quê? — perguntei. Com relutância, o funcionário respondeu que o conjunto de fichas tinha sido roubado. Com mais relutância ainda explicou o que pode nem ser a verdadeira razão, mas, enfim, lá foi comentando que certos investigadores não querem concorrência nos mesmos temas. Adeus!, acenei às fichas. A história africana tem sido vítima de silenciamento de todas as maneiras. Só nas últimas décadas a sua voz se vem sentindo, pontual e tímida, nas livrarias.

Casa de las Conchas, nesta Cidade Dourada em cujas ruas estreitinhas se percebe ainda o fru-fru de jilabas mouriscas e de alquimistas encartados. Folhee o ficheiro manual para o testar; de Lorca nada vi, mas de Unamuno, que desceu à maior tragédia no tempo das perseguições franquistas, depois de ter subido ao cume do reconhecimento intelectual, já que duas vezes foi reitor da Universidade, há muitas obras.

Miguel de Unamuno estabeleceu laços estreitos com Portugal, que visitou diversas vezes, talvez por ter sido membro da administração da empresa ferroviária que ligava Salamanca ao Porto. Conheceu pessoalmente o poeta Eugénio de Castro e sobretudo Teixeira de Pascoaes, com quem se relaciona até filosoficamente, pois se interessou muito pelo saudosismo. Escreveu sobre Portugal, que considerava um país de gente triste, mesmo quando sorria, e ficou bem conhecida a sua declaração de que só na língua portuguesa existia a palavra “saudade”.

Salamanca, cidade universitária, está dotada de diversas bibliotecas e arquivos. Porém, a biblioteca antiga, que acompanhou o devir histórico da primitiva universidade, transmutou-se, tal como profetizou a figurinha esculpida no portal da entrada principal, representando uma caveira com uma rã pousada nela. O que corre como lenda na cidade, sobretudo entre lojistas e guias turísticos, em nada corresponde ao que poderíamos aventar sobre a sua simbologia: estudante que a descobrisse, entre tantas outras, nos aros do portal da Universidade, teria sucesso nos exames. E com esta historinha, que acrescenta boa fortuna a todos quantos a descobrem, estudantes ou não, hoje milhões de turistas, a cidade comercia e lucra na venda de tantos outros milhões de cópias da figurinha que, a meu ver, e a ser medieval como a origem das Escuelas Mayores e Menores, é tão mítica como *El cielo de Salamanca*, uma pintura que também podemos visitar na Universidade, de cariz astrológico. Então, deixem-me aventar uma hipótese, pois de hipóteses é feita a ciência e não de verdades indiscutíveis – isso pertence à esfera do dogma, da religião –; deixem-me

livremente imaginar que a rã pertence a uma classe de animais que sofrem metamorfoses, exatamente como os iniciandos em determinada ordem religiosa ou mística; e bem sabemos que o símbolo que em geral preenche importante parte do retrato de um sábio ou de um santo, é a caveira. A caveira em que é preciso meditar, pois nos lembra a metamorfose de um estado em outro, passagem da morte à vida eterna. Toda a Universidade sofreu profunda metamorfose, de que o estado de cadáver exposto é imagem, tal como imagem de vida, revivescência e fulgor é o de toda esta cidade, borbulhante de gente nova, que faz os seus estudos na sementeira de escolas no casco histórico, voltado para o rio Tormes. O Tormes é afluente do Douro; este liga Espanha a Portugal, o que gera, na obra queiroziana, um vínculo engraçado com Tormes, local duriense onde Eça de Queiroz tem a sua casa-museu. O parisiense Jacinto, personagem de *A cidade e as serras*, querendo visitar a terra e propriedades em Tormes, Portugal, vê extraviarem-se-lhe as dezenas de malas para Tormes, em Espanha, o que resulta em grande literatura, transmutada em milhões de livros que ocupam quilômetros de prateleiras nas bibliotecas de todo o mundo, pois alguns escritores são universais. Caso de Eça, caso de Cervantes, que muito bem conheceu Salamanca e alguns historiadores declaram não só ter frequentado a Universidade, como certos cursos noturnos, ministrados secretamente em instituição religiosa fora de muros, a que dão o nome de sessões de nigromancia.

Ah!, se a rã sobre a caveira já existia no tempo de Cervantes... Mergulhamos nas origens do saber com estas informações, não é verdade? Quando a palavra “ciência” ainda não se usava, tempo em que Salamanca abrigava laboratórios de alquimista, espaços em que pintores pintavam céus povoados por gêmeos, virgens, sagitários, touros, enfim...

Outra personalidade salmantina, habitante das bibliotecas, a que diversas referências na cidade dão vida, é Fernando de Rojas, autor de *La Celestina*. Era ele ainda estudante, frequentador da biblioteca da Universidade, quando apareceu

a primeira versão da *Celestina*, com outro título: *Comedia de Calixto y Melibea*. Daí que a cidade esteja pontuada por referências ao par enamorado, quer no Horto de Calixto y Melibea, quer no charmoso hotel onde permaneci uma semana, a estudar o que nela respeita ao assunto deste ensaio, o Hotel Melibea, outrora dependência da Universidade.

E, com isto, fecho a Cidade Dourada como um livro, e tiro da estante o daquelas bibliotecas que já não existem e o das que adoraria conhecer, mas nas quais o mais provável era não me deixarem entrar, por ser mulher.

As bibliotecas itinerantes

No meio de livros tem sido a minha vida. Uma das razões foi a de ter dirigido os restos de uma biblioteca vítima de incêndio, em 1978, no atual recinto dos Museus da Politécnica, em Lisboa. Passei pela experiência de tentar salvar livros, recolhendo folhas meio queimadas, subtraídas ao montão de cinzas. Durante anos, li e cataloguei cartas de naturalistas do século XVIII, em exploração do Brasil, e do século XIX, em missão na África. Além disso, trabalhei em várias, como estudante ou investigadora, sobretudo em Lisboa: Biblioteca Nacional, antiga e nova, Biblioteca da Academia das Ciências, outras menores, e nas bibliotecas da Faculdade de Ciências, incluída a minha, a do Museu Zoológico e Antropológico. Fora do país, fiz pesquisa na biblioteca do Jardim Botânico e na do Centro Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), em Madri, na do Museu de História Natural, em Paris, em várias do Brasil, e só não me sentei a folhear velhos alfarrábios na bela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, porque estava em obras quando precisei dela. Mas entrei, conheci-a superficialmente. A pesquisa desejada, sobre a existência ou inexistência de cobre na Cachoeira, fi-la na Bahia, e dessa missão recordarei um pouco.

Podemos classificar as bibliotecas por mais belas, a exemplo do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, mais preciosas pelo valor histórico dos

Também podemos valorizar as bibliotecas pela sua antiguidade [...]. As bibliotecas nascem por necessidade das escolas e as escolas dão origem às universidades. [...] A grande importância dessas universidades, e das correlatas bibliotecas, sucessoras da Biblioteca de Alexandria, vem do fato de os intelectuais árabes terem traduzido os gregos e preservado muita documentação antiga, que migrou, assim, para o mundo cristão e, em consequência, para as universidades europeias.

livros e manuscritos, e eu daria à do Vaticano o primeiro lugar, recordando que nela se preserva, por exemplo, um dos nossos cancioneiros medievais, conhecido precisamente como *Cancioneiro da Vaticana*, coletânea de cantigas de escárnio, de amor e de amigo, compostas por trovadores galego-portugueses. Pelas grandes dimensões, em primeiro lugar figura a Library of Congress,

em Washington. Fundada em 1800, é a mais antiga instituição dos Estados Unidos. A Biblioteca do Congresso é considerada a maior do mundo, com materiais disponíveis em 470 línguas. Contactei com ela por questões de permuta, serviço entre bibliotecas extremamente importante, porque permite acesso rápido dos investigadores aos mais recentes trabalhos publicados da sua especialidade. Claro que hoje tudo é veloz como a luz, com as revistas em suporte digital.

Também podemos valorizar as bibliotecas pela sua antiguidade, e neste caso teremos de abandonar a cultura cristã, pois precede-a a islâmica. As bibliotecas nascem por necessidade das escolas e as escolas dão origem às universidades. Assim, na Europa, as mais antigas universidades são as catedralícias, como a de Salamanca, a Sorbonne ou a de Coimbra. Porém, mais antigas ainda são as madraças, escolas corânicas, adstritas às mesquitas, que prosperaram até se tornarem universidades, e entre as muito, muito antigas, contam-se as africanas: Sankoré, no Mali, e a Universidade al Quaraouiyine, em Fez, Marrocos. Quando falamos de assuntos muito antigos é difícil apurar as datas certas, e é assim que nos informa a internet que, em 737, apareceu a madraça da mesquita Zitouna, origem da Universidade Ez-Zitouna, na Tunísia. Informação bem digna de estudo é a de que as duas primeiras mesquitas, a de Sankoré e a de Fez, foram fundadas por vontade de mulheres, que para esse fim entregaram a riqueza pessoal. A grande importância destas universidades, e das correlatas bibliotecas, sucessoras da Biblioteca de Alexandria, vem do fato de os intelectuais árabes terem traduzido os gregos e preservado muita documentação antiga, que migrou, assim, para o mundo cristão e, em consequência, para as universidades europeias.

Nós temos bibliotecas valiosas em Portugal, não só pelo espólio como pelo edifício em que se encontram, a exemplo da biblioteca joanina da Universidade de Coimbra, considerada das mais ricas da Europa, da Pública de Évora, onde estudei algo do seu fundador, frei Manuel do Cenáculo, e da do Convento de Mafra, preservados

nesta os livros pelos morcegos que à noite acham abertas as janelas para se deliciarem com os insetos devoradores de papel. Essa biblioteca reúne um dos maiores espólios conhecidos de livros de alquimia.

Tudo o que anotei é do maior relevo; porém, em Portugal, saliento algo menos conhecido e que muito me acicatóu a imaginação: as bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian. O país era muito atrasado nos anos 1960, o índice de analfabetismo trepava pelas paredes, governava-nos uma ditadura fascista e todos sabemos que a direita não gosta de industrializar o povo. Se puder suprimir ministérios da educação e instituições culturais, suprime.

Então um magnata do petróleo, de origem armênia, Calouste Gulbenkian, filantropo e colecionador de arte, deu azo à Fundação com seu nome, que ainda hoje é tão importante que colmata falhas governamentais no âmbito das artes e da ciência. Nesse tempo, em face da pouca ou nenhuma alfabetização e inexistência de fontes de leitura, a Fundação Calouste Gulbenkian criou as bibliotecas itinerantes. Eram veículos Citroën, recheados com prateleiras de umas centenas de livros de toda a espécie, incluídos manuais escolares, pois o alvo era a classe mais pobre. Lançadas em 1958, foram extintas em 2002.

Na origem deste projeto tão formidável trabalharam escritores. Os escritores escrevem livros, os livros são os habitantes das bibliotecas, e estas figuram extensões do nosso intelecto e dão o retrato das nações. Nações sem livros nem bibliotecas ou são desmioladas ou tão primitivas que ainda não alcançaram a idade da escrita.

Recordo-me de o carro dos livros ter um escadote largo, de dois ou três degraus, montado atrás, para as crianças subirem e entrarem naquela gruta encantada. Parava junto da Casa do Povo e despertava a curiosidade das gentes pela insólita aparição. Porém, só algumas crianças se aproximavam. Entre os adultos, como de resto em todo o país, sobretudo nas aldeias do interior, o analfabetismo podia ser muito alto, e quem mais sofreu com ele foram as mulheres. Um casal que tivesse vários filhos privilegiava a

educação dos rapazes. A falta de estudos é fatal para o desenvolvimento de uma sociedade, por isso, na revolução do 25 de abril de 1974, liderada pelos militares, uma das primeiras ações revolucionárias foi a de alfabetizar os adultos.

No tempo em que eu ia ao carro buscar uns livros e entregar os que acabara de ler não sabia que aqueles senhores simpáticos que me ajudavam a escolhê-los eram escritores, e que eu ainda viria a escrever sobre a obra deles e que publicaria com a sua chancela, como aconteceu com a história da salamandra, *Chioglossa lusitânica*, editada na Contraponto, de Luiz Pacheco. Sobre Herberto Helder já publiquei dois livros e está para sair um terceiro, em que lhe ofereço a companhia de José Emílio-Nelson. Com eles andou também Alexandre O'Neill. O seu papel foi fundamental, pois orientavam as leituras dos mais jovens. Eu viria a fazer parte do movimento cultural que promoveram e de acordo com cujas diretrizes escreveram livros decisivos para a modernização da nossa literatura, o surrealismo. Outros escritores, afastados do movimento surrealista, agiam nos bastidores, criando e dirigindo o projeto das bibliotecas itinerantes, como Branquinho da Fonseca, a quem sucedeu um escritor que ainda viveu o suficiente para ter sido meu amigo, António Quadros, e depois David Mourão-Ferreira, que também conheci pessoalmente.

O Index

O meu título alude a uma novela de Ray Bradbury, adaptada ao cinema em 1966 por François Truffaut, com o título de *Fahrenheit 451: grau de destruição* [título em Portugal]. Eis o grau de temperatura a que o papel se inflama, equivalente a 233 graus Celsius. Com Oskar Werner e Julie Christie nos papéis principais, o filme inflamou a imaginação de jovens que o viram; nessa altura, anos 1970, o livro era um objeto de culto, *le nouveau cinéma* estava no apogeu, com Truffaut num dos principais lugares de combate, nós gostávamos de ler e de nos enriquecer pelo conhecimento profundo

Não, não garanto nada no capítulo do ataque aos livros, temo-los visto queimados e proibidos agora, [...] com e sem *Index librorum prohibitorum*. Até os grandes romancistas russos – Tolstoi, Dostoiévski, Nabokov – foram banidos de universidades quando se desencadeou a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Então, abri uma dessas edições do *Index* [...], folheei-o com curiosidade, para chegar à conclusão de que todos os livros que eu tinha lido, e mais aqueles que o tempo imortalizou e ainda não li, figuravam naquela lista, tão abominável como ridícula.

e tão emocionante que a escrita sobre papel proporciona. Por isso, foi um choque entrar em contato com uma cultura do futuro que proibia os livros e mais: os queimava, como no passado os inquisidores que criaram o *Index*. O *Index librorum prohibitorum* é a lista dos livros proibidos pela Igreja. Uma vez abri um, visto que ele foi regularmente atualizado e reeditado, e não garanto que a censura tenha acabado com a sua abolição em 1966, por obra de Paulo VI. Já nos anos 2000, a Igreja desaconselhou a leitura de *O código Da Vinci*, de Dan Brown, que vimos também em filme. Verdade se diga, que o islão proíbe e persegue tanto como a igreja. Lembremos que Salman Rushdie foi condenado à morte na sequência da edição de *Os versículos satânicos* [título em Portugal; *Os versos satânicos*, na tradução publicada no Brasil]. Escapou à execução, mas não a ataques avulsos: num deles, recebeu mais de uma dezena de facadas.

Não, não garanto nada no capítulo do ataque aos livros, temo-los visto queimados e proibidos agora, no nosso tempo, com e sem *Index librorum prohibitorum*. Até os grandes romancistas russos – Tolstoi, Dostoiévski, Nabokov – foram banidos de universidades quando se desencadeou

a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Então, abri uma dessas edições do *Index*, talvez do século XIX, volume grosso, de mais de 500 páginas, lindamente encadernado em couro vermelho, com letras douradas, folheei-o com curiosidade, para chegar à conclusão de que todos os livros que eu tinha lido, e mais aqueles que o tempo imortalizou e ainda não li, figuravam naquela lista, tão abominável como ridícula. Os grandes filósofos, os grandes cientistas, teólogos como Giordano Bruno, que foi queimado na fogueira e não apenas o que escreveu, todos figuravam no *Index*. Esse livro execrável, capaz de destruir bibliotecas, de as queimar inteiras na fogueira, vigorou por mais de 400 anos, desde 1559 a 1966. Até o século XVIII, quando a sua influência já diminuía, quem tivesse na sua biblioteca obras vetadas, corria o risco de ser julgado como herege no tribunal da Santa Inquisição. A dado passo, para espanto maior, livros da Bíblia foram proibidos e relegados para o número dos apócrifos, como o Evangelho de São Tomé. Ainda hoje, os católicos só conhecem da Bíblia os segmentos muito depurados que os padres lêem na missa. Quem me chamou a atenção para o fato de a igreja não mostrar interesse na divulgação da

Bíblia foi José Saramago, nosso Prêmio Nobel de Literatura. Notável Saramago, que a Bíblia leu com a maior atenção, sobre ela escreveu páginas lindíssimas, como *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, não obstante a sua ira ateísta contra o que ela dá a ler. Vigorasse ainda a Inquisição e veríamos o próprio Saramago arder na fogueira, pois os autores de livros indexados recebiam maior castigo do que os leitores.

Como seria a sociedade se a palavra escrita tivesse sido banida? Se ler fosse considerado um ato subversivo? Se todo e qualquer material impresso fosse queimado, como são hoje as drogas apreendidas pela polícia aos traficantes? Se, por outro lado, as drogas fossem distribuídas gratuitamente, com o objetivo de embrutecer os cidadãos? Se a televisão fosse o único veículo de comunicação, sem legendas, e prestasse informações falsas, totalmente controladas pelo governo? Eis a história de *Fahrenheit 451: grau de destruição*. Truffaut transportou para o cinema uma fábula visionária que fala do saber como a mais refinada forma de poder, e seu contrário: quanto menos informadas as pessoas, mais fácil será submetê-las, escravizá-las, e levá-las a votar em perfeitas aberrações, como temos visto e sofrido.

No livro de Ray Bradbury, a função dos bombeiros deixa de ser apagar incêndios, mas sim de incendiar bibliotecas e incinerar livros. Um deles, Guy Montag, interpretado por Oskar Werner no filme de François Truffaut, reage: abriu um livro e gostou, por isso deixa de compreender a necessidade de erguer montes de livros no relvado das casas para atear com eles enormes fogueiras. A partir daí, constitui-se uma comunidade de pessoas que escondem livros para os salvar. Depois, passam a salvar já não o papel, mas sim a matéria literária, independente do suporte físico, porque cada pessoa decora um livro. Imaginemos: eu decoro *O alienista*, de Machado de Assis, você decora *Os lusíadas*, de Luís de Camões... No filme, há quem seja *O príncipe*, de Maquiavel, isto é, os leitores que decoraram dado livro são tratados como se fossem esse livro. Então vemos *Os lusíadas* e *O alienista* a passearem no bosque,

cruzam-se, vão falando alto para si mesmos e para as aves, conversam e declamam-se. *Madame Bovary* cumprimenta *Dom Quixote*, e quem sabe se *Dom Quixote* não conta a *Madame Bovary* o que se tem escrito sobre o seu autor, a saber, que Cervantes escreveu o romance em Salamanca, quando viveu na bela cidade espanhola e frequentou não só a sua Universidade, como as secretas aulas de nigromancia, extramuros, na Cueva de Salamanca, mais ocultamente ainda, no sótão da abside da igreja de San Cebrian. E terá contado também que certos críticos afiançam que a obra de Cervantes é genial por causa dos artifícios que teve de imaginar para escapar à Santa Inquisição? António José da Silva, dito O Judeu, dramaturgo luso-brasileiro, foi perseguido, torturado e queimado em effigie. Uma das suas primeiras peças versa o *Dom Quixote*.

Se Miguel de Cervantes viu a esculturazinha da caveira com a rã pousada nela, no arco da porta principal da Universidade, ah!, sabia o que ela simbolizava, por certo havia iguais na igreja de San Cebrian, para os estudantes invocarem os mortos e interpretarem as suas profecias. Risco de morte na fogueira correu, se for verdade que participou nessas reuniões secretas.

A pedra de cobre nos arquivos da Bahia

Quem fala em arquivos, no âmbito da pesquisa histórica, refere-se, em primeiro lugar, a manuscritos, esses documentos que fascinam e aterram, como os deuses, em locais muitas vezes inacessíveis aos profanos, nos recantos mais sombrios das bibliotecas, por vezes chamados “Infernos”... Há alguns anos, a Biblioteca Nacional de França fez uma exposição, na cave, de “livros malditos”. O visitante tinha de descer por uma escada assustadora, no escuro, para admirar os livros que os bibliotecários tinham salvado da destruição, escondendo-os ali, nas zonas íferas, ou inferno. Daí precisamente o título da exposição: *L’Enfer de la Bibliothèque Nationale*.

Os manuscritos aterram porque imaginamos que da sua leitura e interpretação depende o fim

ou a salvação do mundo; fascinam porque usam a caligrafia, palavra que encerra o significado de beleza – bela escrita – e porque existe toda uma tradição de uso ornamental e religioso da escrita, caso do mundo islâmico. Experiência do sublime é contemplar as paredes dos palácios da Alhambra, em Granada: num deles existe uma sala integralmente coberta por versos de poetas e versículos do Alcorão, numa prova da sacralidade da caligrafia. Se olharmos para a Bíblia, para o Alcorão, obras que justificam a designação de Povo do Livro, verificamos que estão repletos de alusões à escrita. Sagradas Escrituras, Bíblia – conjunto de livros –, Verbo, os Dez Mandamentos escritos numa tábua, a história de como o Profeta recebeu do Anjo Jibraíl as suras do Alcorão, mostrando-lhe panos com frases escritas e ordenando-lhe que lesse, quando o pobre não sabia ler... E eis o milagre: impaciente, por uma última vez Jibraíl (ou arcanjo são Gabriel) ordenou ao Profeta que lesse, e Muhammad finalmente, leu... Estamos perante o *mysterium tremendum*, como lhe chamou Mircea Eliade, por isso os manuscritos, recobertos de caligrafia, aterram e fascinam, são objetos mágicos.

No plano profano, assustam porque se não temos formação histórica adequada, podemos não conseguir decifrar o manuscrito. Não me posso esquecer de uma história de um professor amigo que tinha uma caligrafia indecifrável. Muitas vezes o avisei de que, se quisesse que eu compreendesse o que ele escrevia, tinha de o fazer na letra impressa do computador. Ele devia pensar que era brincadeira minha, nós pensamos sempre que somos claros, os outros é que não compreendem. Então aconteceu algo muito desagradável. Quando preparávamos um colóquio, havia uma senhora que vinha de França a quem era preciso mandar bilhete de avião. Resultado: o endereço foi redigido da forma indecifrável habitual e em consequência a carta com o bilhete de avião não chegou ao destino.

Manuscritos! É tão fácil lermos mal uma letra e logo o topônimo fica errado, mais fácil ainda é supormos que o manuscrito é secreto, que ninguém leu a não ser nós... Depois descobrimos que

todos os pesquisadores de todas as universidades o referem e citam parágrafos inteiros!

Vem isto a propósito da minha experiência em bibliotecas brasileiras, que foi essencialmente levada a termo em arquivos, compulsando manuscritos. Felizmente todos eram claros, usavam caligrafia clara, salvo os típicos *ss* do século XVIII que parecem *ff*, e o problema de os topônimos não corresponderem aos atuais. Que buscava eu, aliás que buscávamos nós, equipa formada no Museu Geológico de Salvador da Bahia? Buscávamos informação sobre uma pedra de cobre dita nativa, em princípio achada perto da vila de Cachoeira, etc., não vou contar uma história largamente publicada, em papel e na internet. Direi apenas que a interpretação das diversas notícias sobre o objeto museológico me levaram a concluir que, sendo dubitativa a informação, o cobre podia não ser nativo, apesar de tais notícias poderem ter aguçado o apetite dos reis portugueses, pois o tamanho da pepita denunciava enorme riqueza mineral. O interesse, então, era saber se realmente existia cobre no Recôncavo Baiano, essa bela terra de húmus glorioso, em que tão bem medrava a cana-de-açúcar e onde ainda pude ver ruínas de engenhos.

Eu já publiquei muitos ensaios, crônicas e livros, sozinha ou em coautoria, mas nunca me teria passado pela cabeça a possibilidade de ver o meu nome entre o de cientistas numa matéria da qual sei pouco ou nada, a geologia, e que não foram os meus colegas de equipa nas pesquisas da Bahia, salvo o Wilton de Carvalho, um caçador de meteoritos. Porém tal aconteceu, sim, mais concretamente o ensaio foi publicado no *Anuário do Instituto de Geociências*, 2021, v. 44, 4, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assinam o artigo “Controvérsias na descoberta do cobre na Bahia e no Brasil: uma análise histórico-geológica” Pedro Maciel de Paula Garcia, Maria Estela Pinto de Almeida Guedes, Ricardo Galeno Fraga de Araújo Pereira, Debora Correia Rios e Wilton Pinto de Carvalho.

No Recôncavo Baiano fizemos pesquisa em vários arquivos, além da biblioteca do próprio Museu Geológico. Extraordinariamente bem

recebida pelo gerente, o geólogo Pedro Couto, bem como por outros funcionários, em especial a museóloga Solange de Ávila, e Ival, o motorista, foi com eles e com Wilton de Carvalho que se constituiu a equipa de “mineração documental”. Quem quiser, pode consultar muita informação sobre esta matéria no Triplov (https://triplov.com/estela_guedes/evoe/eden.html).

As bibliotecas não acumulam apenas livros e outros objetos em suporte de papel. Os suportes e materiais são muito diversos, e nem vale a pena falar dos atuais, que bem conhecemos. Há cinquenta anos, os procedimentos eram todos analógicos e não existia coleção de disquetes, CDs, vídeos, nada disso. Mapas, sim. Os mapas são fantásticos, como as bibliotecas, aliás, ambos têm fornecido tema e cenário a inúmeros filmes e romances. Não existe história de aventuras, com piratas das Caraíbas ou de outras ilhas, que não apresentem um mapa para caça ao tesouro! Foi esse o principal contributo da biblioteca do Museu Geológico da Bahia, em Salvador, para a descoberta das hipotéticas minas de cobre de Cachoeira: mapas geográficos e mapas geológicos, com o desenho a diferentes cores das várias jazidas minerais da região de Cachoeira, entre as quais o cobre não figura, contrariamente ao que pretende provar a pedra de cobre nativo, considerada pepita de mil quilos... Se os textos mentem, o cobre também não diz a verdade, garantia eu. Os geólogos, duzentos anos depois do grito, queriam ter a certeza absolutíssima... Duas casas lindas, portuguesas,

forneceram provas documentais... De quê? De que um objeto de cobre, dito nativo, tinha sido enviado para Lisboa, no século XVIII... Essas casas são o Arquivo Público do Estado da Bahia, em Salvador, e o Arquivo Público de Cachoeira. Todos nós, membros da equipa expedicionária, consultamos manuscritos do século XVIII, na esperança de identificarmos, em primeiro lugar, o porto e o riacho do Mamocabo, onde teria sido encontrada a pedra de cobre, mas foi em vão. Há um terrível obstáculo ao conhecimento histórico de certas regiões: a mudança da toponímia! Chegam os políticos e mudam o nome de tudo...

Porém, em algumas sessões de arquivo, descobrimos vários tesouros manuscritos, entre eles um registo de carta a acompanhar a remessa, em 8 de junho de 1782, de uma porção de cobre com o peso de 81 arrobas, e 24 arráteis, que foi achada no termo da Vila da Cachoeira.

Perfeita garantia, mas de quê? Mudando de século e de milénio, eis que Pedro Maciel e outros geólogos me convidam, a mim, que sempre duvidara da sinceridade daquele objeto museológico, me convidam a assinar com eles um artigo científico, a declarar, mais uma vez, que o produto realmente valioso do município de Cachoeira, ao tempo da hipotética descoberta de uma mirífica pepita de cobre nativo de mil quilos, 1.666 libras ou mais de 81 arráteis, consoante a fonte, a irromper do solo negro, rico em húmus, fora, isso, sim, a cana-de-açúcar. Pepitas de cobre de 666 libras, só nas bibliotecas...

Maria Estela Guedes, dramaturga, poeta e ensaísta portuguesa, licenciou-se em Literatura e integra a Associação Internacional de Críticos Literários, a Associação Portuguesa de Escritores, a Sociedade Portuguesa de Autores, a Academia Lusófona Luís de Camões e o Instituto Fernando Pessoa. Colaborou com o Museu Bocage e com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, na Universidade de Lisboa, e é diretora do site Triplov.

**Biblioteca: tradição popular,
registros e resgates**

As bibliotecas que dançam, riem e nos fazem sonhar

Edson Soares Martins

A ocultação do conhecimento, sua encriptação em labirintos sombrios cujas passagens secretas e mistérios pertencem a quase ninguém, não parece ser uma imagem apropriada para evocar a ideia de biblioteca, tal como a cultivamos há séculos. cremos, todavia, que a imagem pode passar do estado de inapropriada para o de inconveniente, se trouxermos para o pórtico destas reflexões, a efígie do monge – superlativamente cego e perigosamente místico – Jorge de Burgos, criação de Umberto Eco em *O nome da rosa*. A força superlativa da cegueira de Burgos advém do poder do duplo, insinuada pela inspiração em Jorge Luis Borges, que foi – entre tantas outras coisas – diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, entre 1955 e 1973. Algo semelhante pode ser dito sobre a biblioteca amada, temida ou tornada refém pelo primeiro Jorge, que extrai seus corredores labirínticos da biblioteca de Babel, erguida pelo imaginoso Jorge de cá, esse nosso vizinho a quem a perda da visão não teria deixado multitudinária e irremediavelmente cego.

Jorge Luis Borges pode – e deve – ser visto como figura central em discussões sobre o conceito de totalidade do saber e suas implicações. N’*A biblioteca de Babel*, ele concebe um universo

sob a forma de uma biblioteca infinita, composta por hexágonos lotados de livros que contêm todas as combinações possíveis de caracteres, expressando “tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas” (Borges, 2015, p. 73). Essa metáfora não apenas reflete a vastidão inalcançável do conhecimento humano, mas também problematiza o excesso informacional e a busca por sentido em um espaço aparentemente caótico. A gestão do conhecimento, como pondera Elaine Després (2007), nesse contexto, torna-se um ato de decifração, de tentativa de sistematizar um acervo que, embora total, é praticamente inteligível. Parece aceitável deduzir daí, como faz Després, que, em tal labirinto de saberes, a busca pelo conhecimento absoluto conduz à angústia existencial da perda ou da impossibilidade de compreender a totalidade.

O bibliotecário cego de Umberto Eco, por sua vez, circula em um espaço simbólico em que a posse dos meios possibilitadores do ato de decifração torna-se a própria (lógica da) gestão dos saberes. Sua biblioteca não é infinita, embora contenha a ameaça do excesso informacional, entendido agora como um fenômeno instaurado pela violação das fronteiras da informação julgada adequada e, por isso, segura. Não há



simbolização da vastidão do pensamento, mas do caráter imperativo de sua compartimentalização para fins de controle. A angústia da possibilidade de compreensão ampliada do mundo conduz à necessidade de um labirinto que a encerre “nos limites da África” (*Finis Africæ*), dentro do dispositivo-cripta em que as obras perigosas deveriam ser mantidas. Somente o fogo seria capaz de conter o terror provocado pela descoberta do caminho que a eles conduzissem.

As bibliotecas que hoje pensamos são bem diferentes desses dois exemplos que – um tanto maliciosamente – fomos buscar na ficção. O papel das bibliotecas como equipamentos indissociáveis da salvaguarda e da dinamização dos saberes continua e continuará sempre a ser exposto às intempéries da história. Sob o calor do agora, podemos dizer que está diante de um de seus momentos mais desafiadores. O ideal de reunir, de forma inteligível e administrável, o conhecimento em um espaço físico (tantas vezes simbolizado por Alexandria), desmaterializa-se em um ambiente digital que se expande em ritmo vertiginoso. As bibliotecas de hoje, cada vez mais híbridas, promovem a mescla da preservação de acervos tangíveis com a disponibilização de coleções digitais cujas dimensões já são impossíveis de conceber. Para o horror de Jorge de Burgos, seu desafio agora é o de reter relevância em um tempo em que o conhecimento parece estar ao alcance de um toque e que “os limites da África” foram, há muito, abandonados.

As discussões atuais nos deixam ouvir dois grandes turbilhões de vozes: aquele em que ressoa o clamor pela democratização do acesso e aquele que adverte sobre a imprescindibilidade da curadoria informacional. De um lado, as

bibliotecas vêm sendo impelidas a ampliar suas fronteiras, não apenas geográficas, mas também sociais, para incluir públicos historicamente marginalizados. Esse movimento, necessário, permite especular o quanto ainda estamos longe de estarmos enfrentando, todos, o mesmo problema. De outro ângulo, o dilúvio informacional trazido pela emergência de novas sociabilidades digitais impõe aos bibliotecários não apenas habilidades técnicas, mas algo próximo de uma potência benigna de discriminação do saber, que elimine ou subjugue o supérfluo, o perecível e o falso. Não é sequer necessário insistir sobre os riscos que aí estão implicados.

O excesso de dependência tecnológica levanta seriíssimas indagações sobre a perenidade das

Embora a biblioteca não possa deixar de dar respostas às pressões que navegam no rumo de uma virtualidade como vocação planetária, ela nunca foi um mero repositório físico. Foi sempre lugar promotor de muitas formas sociabilizadas de conagração das consciências e das ânsias por saber, como foi representação material do poder objetivo, em cujo núcleo está a alta capacidade intelectual, artística, política, econômica etc. Sempre foi, por isso, um organismo vivo, mas tão vivo quanto intrinsecamente ligado a um tipo de legado civilizacional, aquele das potências.

informações mantidas em formatos digitais e sobre o perigo que as transformações rápidas da tecnologia carregam consigo. A este respeito, parece-nos que não há motivo para rasgarmos as nossas túnicas e jogarmos terra à cabeça. Embora a biblioteca não possa deixar de dar respostas às pressões que navegam no rumo de uma virtualidade como vocação planetária, ela nunca foi um mero repositório físico. Foi sempre lugar promotor de muitas formas sociabilizadas de conagração das consciências e das ânsias por saber, como foi representação material do poder objetivo, em cujo núcleo está a alta capacidade intelectual, artística, política, econômica etc. Sempre foi, por isso, um organismo vivo, mas tão vivo quanto intrinsecamente ligado a um tipo de legado civilizacional, aquele das potências.

Bibliotecas como expressão das potências

Iniciemos por um inventário, superficial, que nos informe quais são as dez maiores bibliotecas do mundo contemporâneo. Encabeça a lista a Biblioteca do Congresso (Library of Congress), seguida da Biblioteca Nacional da China, da Biblioteca Britânica (British Library), da Biblioteca Nacional da França (Bibliothèque nationale de France – BnF), da Biblioteca Estatal Russa, da Biblioteca Pública de Nova Iorque (New York Public Library), da Biblioteca Nacional da Alemanha (Deutsche Nationalbibliothek), da Biblioteca Apostólica Vaticana, da Biblioteca Nacional de São Petersburgo e, por fim, da Biblioteca Real da Dinamarca. O rol é levemente arbitrário, mas cremos que descreve bem – em termos de acervo, de prestígio e, principalmente, de disponibilidade de acesso físico e virtual – a concentração de instituições de referência no Norte Global. Isso não constitui, obviamente, uma insinuação de que as bibliotecas do Sul Global não tenham grande importância como centros de preservação e de difusão do conhecimento. A ressalva é importante para que não se acredite que as considerações a seguir são traços exclusivos das instituições que acabamos de arrolar.

O primeiro aspecto que nos convida à reflexão, considerada tal concentração, é a compreensão de como desempenham papel de protagonismo em termos de gestão do conhecimento global. Dotadas de acervos diversificados e em expansão, são locais de poder que mantêm sob sua guarda centenas de milhões de itens, principalmente livros, mas também manuscritos, mapas, partituras, periódicos, fotografias, filmes, gravações sonoras e documentos digitais. A diversificação desses materiais exige sistemas avançados de catalogação, recuperação e preservação, muitas vezes desenvolvidos ou adaptados para demandas específicas. Absolutamente integradas a um novo modo de reprodução do capitalismo, nelas a adoção de tecnologias digitais é uma constante, com iniciativas de digitalização e criação de bases de dados que ampliam o alcance do conhecimento para muito além das fronteiras físicas.

As bibliotecas das potências, para gerenciar volumes tão extensos de conhecimento, mobilizam tecnologias de ponta (ao mesmo tempo que se tornam irremediavelmente dependentes delas), como inteligência artificial para indexação e recuperação de dados, sistemas integrados de biblioteca e plataformas online de acesso remoto. Sua atividade, obviamente, não se restringe à conservação; envolve também uma curadoria informacional excepcionalmente complexa, que lhe confere grande participação no poder de determinar quais são os conteúdos relevantes para a contemporaneidade.

Localizadas em capitais ou centros urbanos de prestígio global, essas bibliotecas se beneficiam da infraestrutura urbana e da proximidade de universidades, museus e outras instituições culturais. A localização estratégica facilita o acesso do público e a integração com outras iniciativas culturais. Realizam exposições, eventos literários, seminários e projetos educativos que promovem o acesso ao conhecimento de forma ativa e participativa. Programas de formação em gestão do conhecimento e preservação são frequentemente desenvolvidos em parceria com universidades e organizações internacionais. Obviamente, toda essa capacidade de operação é enviesada pela

[...] as bibliotecas comunitárias em Kampala, Uganda, oferecem um modelo promissor para a construção de um mundo mais inclusivo e sustentável por meio do acesso ao conhecimento e da valorização das culturas locais. [...] Por meio de atividades como narração de histórias, oficinas culturais, preservação digital e eventos comunitários, elas promovem um espaço de aprendizado que conecta gerações e fortalece a coesão social. Ao integrar práticas tradicionais com ferramentas modernas, as bibliotecas transcendem a mera função de armazenar livros, tornando-se agentes de mudança social e econômica.

virtualização irreversível do mundo: ou promovem ações virtuais, ou arriscam-se a perder “espaço” na sociedade do conhecimento.

Outro aspecto decisivo é a relação estreita que essas bibliotecas têm com as grandes universidades e centros de pesquisa nacionais, servindo como bases de dados essenciais para a produção científica e cultural. A produção acadêmica do país frequentemente se reflete nos acervos das bibliotecas, que coletam, preservam e disponibilizam teses, dissertações e outras produções científicas, a despeito dos repositórios acadêmicos que emulam parte dessas funções.

Bibliotecas como táticas das potencialidades

Na outra parte do mundo, aquela mais pobre, bibliotecas também nos fornecem interessantes informações sobre o enfrentamento dos desafios postos pela nova ordem global. Articularemos alguns fatores e, em sua combinatória, cuidaremos de listar iniciativas interessantíssimas, sem nos preocuparmos em propor qualquer tipo de contraponto. Fixando-nos nos países em

desenvolvimento, passaremos em revista casos sobre os quais refletiremos.

Dianah Kacunguzi Twinoburyo (2019) publicou um cuidadoso estudo no qual destaca como as bibliotecas comunitárias em Kampala, Uganda, oferecem um modelo promissor para a construção de um mundo mais inclusivo e sustentável por meio do acesso ao conhecimento e da valorização das culturas locais. Atuando como guardiãs do conhecimento indígena, essas bibliotecas enfrentam o desafio de preservar saberes tradicionais, essenciais para a identidade cultural e a sobrevivência de comunidades, especialmente em um contexto em que a transmissão oral está ameaçada pela modernização e pela ocidentalização. Por meio de atividades como narração de histórias, oficinas culturais, preservação digital e eventos comunitários, elas promovem um espaço de aprendizado que conecta gerações e fortalece a coesão social. Ao integrar práticas tradicionais com ferramentas modernas, as bibliotecas transcendem a mera função de armazenar livros, tornando-se agentes de mudança social e econômica. Como seria de se esperar, elas enfrentam obstáculos significativos, como

falta de financiamento, barreiras linguísticas e a necessidade de maior reconhecimento político e institucional. A experiência ugandense reforça a ideia de que o acesso ao conhecimento e o respeito pelos saberes locais podem redefinir o papel das bibliotecas no desenvolvimento global. Este modelo, ainda que imperfeito, demonstra o potencial transformador das bibliotecas como epicentros de preservação cultural, educação e empoderamento comunitário, servindo como uma experiência de referência para um futuro em que a diversidade cultural seja um pilar fundamental para o progresso humano.

Outra experiência notável é a das iniciativas de bibliotecas móveis (Jiménez Fernández, 2021), que se destacam como estratégias inovadoras e eficazes para superar barreiras geográficas e sociais, promovendo o acesso à leitura em comunidades remotas ou vulneráveis. Projetos como o Bibliobongo, que navega pelo rio Orinoco, na Venezuela, e as *burrotecas viajeras*, que utilizam burros para transportar livros em regiões montanhosas da América Latina, demonstram a criatividade e a adaptabilidade desses esforços. Com recursos limitados, mas uma vontade imensa de impactar, esses projetos mobilizam comunidades e voluntários para levar livros, histórias e atividades culturais às mãos de leitores de todas as idades, em contextos nos quais o acesso ao conhecimento muitas vezes é limitado ou inexistente. A flexibilidade das bibliotecas móveis, aliada ao uso de meios de transporte locais e métodos criativos de distribuição de materiais, prova que, mesmo com recursos escassos, é possível promover a inclusão cultural e transformar vidas, especialmente em situações de adversidade. Essas iniciativas revelam o potencial da leitura como ferramenta de empoderamento e desenvolvimento, destacando-se como modelos para replicação em outros contextos com desafios semelhantes.

Por vezes, as barreiras linguísticas agudizam os desafios. Em situações semelhantes, vale a pena conhecer iniciativas como o Nal'ibali, na África do Sul, que exemplifica como a integração de bibliotecas, tradução literária e engajamento

comunitário pode transformar a relação das crianças com a leitura e promover a inclusão cultural e linguística. A experiência do Nal'ibali caracteriza-se por sua abordagem inovadora no uso de bibliotecas e de traduções de literatura infantil para fomentar a formação de leitores em diversas comunidades. A iniciativa tem como foco principal a criação – e não somente a coleta – e disseminação de histórias em todas as línguas oficiais do país, com o objetivo de garantir que crianças de diferentes contextos culturais e linguísticos tenham acesso a narrativas significativas. O programa utiliza uma abordagem centrada na leitura por prazer, promovendo conexões entre crianças, educadores e cuidadores através da narração e da leitura compartilhada. Por meio de parcerias com escolas, creches e organizações comunitárias, o Nal'ibali capacita educadores e oferece recursos acessíveis que incentivam a prática da leitura, ao mesmo tempo que fortalece as comunidades locais. Além disso, a campanha reconhece o papel transformador da literatura em moldar identidades culturais e estimular o aprendizado em línguas maternas, o que contribui para ampliar as oportunidades educacionais e sociais em contextos historicamente marginalizados.

Na Índia, é possível ver como vem sendo aplicado o conceito de “paisagens de aprendizado lúdico”, que une arquitetura urbana, design e ciência educacional para criar espaços públicos que estimulam a aprendizagem. Nesse contexto, as bibliotecas podem ser integradas a praças, parques ou espaços de trânsito, como estações de metrô, transformando esses locais em ambientes educativos. Além disso, a instalação de painéis informativos, jogos interativos e exposições ao ar livre próximos às bibliotecas atrai diferentes públicos, especialmente crianças. Na experiência indiana, a integração de bibliotecas aos planejamentos urbanos tem sido uma estratégia crucial para enfrentar desigualdades sociais e ampliar o acesso ao aprendizado, sobretudo em comunidades vulneráveis. Programas como o Read India, da ONG Pratham, exemplificam como bibliotecas podem ser transformadas em plataformas

comunitárias de educação. Essas iniciativas utilizam espaços públicos e escolas como extensões de bibliotecas, criando ambientes acessíveis onde crianças e adultos podem acessar recursos de leitura e participar de atividades educativas. Além disso, as bibliotecas são combinadas com intervenções móveis, como unidades itinerantes, que levam livros e materiais educativos a áreas rurais ou marginalizadas. O uso de espaços urbanos, muitas vezes integrados a centros comunitários, possibilita que as bibliotecas funcionem como *hubs* de aprendizado colaborativo, conectando moradores locais e voluntários em atividades de alfabetização, treinamento e leitura por prazer.

Uma experiência brasileira

Entre os diversos casos brasileiros que levantamos, um contexto específico atraiu nossa atenção, principalmente pela possibilidade de assumir uma posição singular entre as reflexões que fizemos até aqui. Em 2018, veio à luz um estudo de uma equipe de pesquisadoras sobre o tema da gestão de acervos de bibliotecas especializadas em temática afro-brasileira e africana. No estudo, Graziela dos Santos Lima, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Amabile Costa, Andreia Sousa da Silva e Gisele Karine Santos de Souza investigam a experiência de três equipamentos em três distintas regiões do território nacional. Vamos a eles.

A Biblioteca de Referência Neab/Udesc, localizada no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina, é um projeto de extensão voltado para a preservação e disseminação de informações sobre história, memória, cultura e educação das populações afrodescendentes em Santa Catarina. Seu acervo físico inclui livros, teses, dissertações, monografias, CDs, DVDs e documentos de arquivos públicos e privados. Além disso, oferece materiais digitais disponíveis em sua página no Facebook, ampliando o acesso remoto ao conteúdo. A biblioteca adota uma política de gestão de acervos que prevê reuniões semestrais com docentes para atualizar e diversificar o acervo, assegurando

sua relevância para estudantes, pesquisadores e a comunidade em geral.

A Biblioteca CEAQ, do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é reconhecida como a primeira biblioteca especializada em estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos no Brasil. Seu vasto acervo inclui livros, periódicos, teses, dissertações, discos de vinil, CDs, filmes, mapas e uma hemeroteca com recortes de jornais e revistas desde a década de 1960. Integrada à base bibliográfica da UFBA, a biblioteca atende professores, pesquisadores, acadêmicos e a comunidade em geral, funcionando como uma referência nacional no campo dos estudos afro-brasileiros e africanos.

A Biblioteca CEAA, vinculada ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Candido Mendes (Ucam), no Rio de Janeiro, é apontada como a maior biblioteca especializada na temática africana e afro-brasileira no estado. Seu acervo contém cerca de 2 mil livros raros, incluindo atlas e documentos históricos que servem à comunidade acadêmica e ao público em geral. Localizada no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj), a biblioteca é uma das principais referências na área, oferecendo materiais essenciais para estudos sobre a história, cultura e contribuições das populações afrodescendentes.

A mera existência de bibliotecas com essa vocação já sinaliza a possibilidade – ou mesmo a necessidade – de contemplar estratégias corretivas, a meio caminho das situações que estamos discutindo ao longo destas páginas. O modelo de bibliotecas nos moldes das grandes instituições nacionais e as incontáveis ações que dão vida a acervos mais modestos porém capazes de, ainda assim, impulsionarem movimentos de revigoração da importância da leitura de livros e de outros documentos da cultura, ganha um conjunto diferenciado de perfis, quando contemplamos equipamentos como as três bibliotecas especializadas de que falamos. Esse perfil, inclusive, traz desafios que podem sinalizar oportunidades para os outros modelos.

Uma reflexão sobre esse tipo de gestão de acervo pode nos trazer questionamentos e achados expressivamente relevantes, sobretudo diante das formas padronizadas de consumo de informação que marcam os processos formativos de legiões e legiões de jovens pesquisadores no Brasil. A gestão de acervos especializados pode ser uma estratégia eficaz para combater o viés eurocêntrico nas bibliotecas, ao promover a inclusão de perspectivas diversas, especialmente aquelas historicamente marginalizadas, como as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Esse processo, como é de se esperar, requer o estabelecimento de políticas nítidas e bem fundamentadas, que assegurem a seleção, aquisição e preservação de materiais que reflitam a pluralidade cultural e histórica.

Em primeiro lugar, parece tranquilo admitir que uma gestão eficiente de acervos especializados precisa priorizar a inclusão de obras produzidas por autores afrodescendentes, indígenas e de outras culturas sub-representadas, destacando suas contribuições para a história, literatura, ciência e artes. Essa prática ajudaria a descentralizar o domínio de perspectivas eurocêntricas frequentemente predominantes nos acervos. Nesse caminho, a consulta a especialistas e pesquisadores da área seria crucial para garantir que as obras adquiridas sejam representativas e de alta qualidade, evitando materiais que reforcem estereótipos ou perspectivas coloniais.

Um problema adicional é imposto pela condição de singular vulnerabilidade das culturas em questão. Políticas de gestão de acervos devem ser estruturadas para considerar critérios específicos de diversidade cultural, de modo a garantir que a representação de diferentes grupos seja equilibrada e proporcional às necessidades e características das comunidades atendidas. O norteamento de gestão também precisa estabelecer práticas de avaliação e descarte de materiais desatualizados ou que promovam visões eurocêntricas e preconceituosas.

Bibliotecas que compreendam a importância de assumirem feições alinhadas com uma perspectiva de intervenção ativa nos cenários de

desinformação e de desconexão com o dever de pensar destinos decoloniais não somente podem, como precisam apoiar editoras independentes e autores que tratem de temas culturais e históricos fora do eixo europeu, contribuindo para a valorização e a circulação de vozes locais. Além disso, a divulgação de produções acadêmicas, literárias e artísticas de populações afrodescendentes, indígenas e outras marginalizadas estimula a formação de identidades culturais positivas e a desconstrução de narrativas hegemônicas. Consequentemente – e isso é mais um ganho em termos de caracterização do compromisso com as potencialidades –, a formação contínua de bibliotecários e gestores de acervo passaria a requerer mais vigorosamente a centralidade de discussões sobre diversidade, racismo estrutural e epistemologias não ocidentais.

Por fim, bibliotecas especializadas precisam incluir a comunidade no planejamento e na gestão dos acervos, de modo a permitir identificar demandas específicas e promover a relevância cultural dos materiais disponíveis. Isso asseguraria que a biblioteca atendesse às necessidades informacionais de populações historicamente negligenciadas.

Dito isso, estamos prontos para especular sobre um outro tipo de “equipamento”.

Bibliotecas que dançam, riem e fazem sonhar

A afirmação de Amadou Hampâté Bâ, proferida na Conferência Geral da Unesco em Paris, em 1960, tornou-se instantaneamente célebre: “Na África, quando morre um velho, é toda uma biblioteca que queima”. A mensagem encapsula a importância do conhecimento oral na preservação da memória coletiva e das tradições culturais em muitas sociedades africanas. A metáfora sublinha, em sua imagética tão melancólica quanto sábia, o papel central dos anciãos como guardiões do saber, responsáveis por transmitir, de geração em geração, as narrativas, costumes, mitos, histórias e valores que estruturam a identidade cultural de suas comunidades.

Hampâté Bâ estava profundamente consciente do valor da oralidade como uma forma de transmissão de conhecimento que transcende a palavra escrita. Em muitas culturas africanas e *afrodiáspóricas*, a tradição oral é o principal veículo pelo qual a história e o conhecimento são preservados. Os anciãos são depositários dessa riqueza, acumulando ao longo de suas vidas um vasto repertório de narrativas, desde histórias míticas que explicam a origem do mundo, até ensinamentos práticos sobre agricultura, medicina tradicional e convivência comunitária. Quando um mestre dos saberes ancestrais falece sem que esse saber seja adequadamente registrado ou transmitido, ocorre uma perda irreparável, comparável à destruição de uma biblioteca.

A analogia com a biblioteca – que aproxima cosmogonias orais e *escriptocêntricas* – também é relevante para compreender como o conhecimento acumulado pelos anciãos não é apenas uma coleção de fatos ou histórias, mas um sistema vivo de saberes interligados, continuamente atualizado e reinterpretado. Essa dinâmica faz da tradição oral algo que vai além do simples condão de tornar-se depositária de informações, e funciona como um processo ativo de construção da memória coletiva, que é, a todo instante da matéria fluida do tempo, adaptada às necessidades e desafios contemporâneos.

O reconhecimento de Hampâté Bâ também aponta para uma problemática maior: a fragilidade da oralidade frente às pressões da modernidade, que frequentemente prioriza os registros escritos e suas emanções digitais. Em um contexto de globalização e urbanização acelerada, em que as comunidades são fragmentadas e os jovens muitas vezes são compelidos a se afastarem de suas raízes culturais, o risco de perda do conhecimento oral é, cada vez mais, uma ameaça real e crescente. Isso coloca em evidência a necessidade de iniciativas para documentar e valorizar esses saberes, seja por meio de gravações, transcrições ou projetos educacionais que incentivem o aprendizado intergeracional, como tão bem fazem as bibliotecas com o acervo cuja molécula primordial é a letra impressa. Além

disso, a frase de Hampâté Bâ reflete uma crítica implícita à marginalização do conhecimento oral em narrativas históricas e acadêmicas predominantemente eurocêntricas. A metáfora da “biblioteca que queima” revela como as epistemologias das culturas sub-representadas são frequentemente negligenciadas, apesar de sua complexidade e importância.

Felizmente, no Brasil, como em vários outros espaços da diáspora africana, sempre que um velho guardião das tradições ancestrais é ouvido com atenção, uma biblioteca abre as portas. Recordemos as orientações dadas por Mário de Andrade aos pesquisadores que comporiam a extraordinária Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938. Ele demonstra, nos documentos consultados cuidadosamente por Álvaro Carlini (1995), uma preocupação com a escolha criteriosa de informantes e grupos culturais que representassem as diversas manifestações populares do Brasil.

As diretrizes que o mestre teceu, relacionadas às pessoas, incluíram o cuidado de registrar as performances de mestres da oralidade, como contadores de histórias, cantadores, emboladores e cordelistas, reconhecendo-os como agentes da produção (e não da reprodução) contemporânea das tradições culturais e das narrativas locais. Recomendaram o encontro com músicos e artistas populares que praticassem gêneros musicais tradicionais, como os tocadores de viola, rabeca e outros instrumentos típicos, além de grupos de maracatu, congada e reisado, por exemplo. Sugeriram, ainda, o contato com lideranças de cultos afro-brasileiros, como babalorixás e ialorixás, mães e pais de santo, além de representantes de tradições católicas populares, como lideranças de procissões e de festas religiosas. A percepção da importância com a senioridade jamais escapa ao autor de *Macunaíma*, que recomendou que os pesquisadores se aproximassem de comunidades rurais e ribeirinhas, onde as tradições costumavam ser mais preservadas, dando atenção especial aos mais velhos, considerados portadores de memórias mais autênticas das práticas culturais. Os saberes, profundamente associados

aos fazeres, levaram o intelectual a recomendar que não se menosprezasse o registro de artesãos que produziam instrumentos musicais tradicionais ou objetos ligados às festividades populares, como máscaras de carnaval, bonecos de mamulengo e adereços de festas religiosas. Na mesma toada, indicou a importância de se documentar pessoas envolvidas na organização das festas populares, como quadrilhas, folias de reis e carnavais, valorizando o papel desses líderes como articuladores culturais.

Imaginemos, por um instante, refazer aqui, com os recursos de que se dispõe hoje, centenas ou milhares de investidas semelhantes, na constituição de uma política de reconhecimento dessas bibliotecas vivas, das quais falou Hampâté Bâ, sem imaginar que falava também de nós. Imaginemos a potência contida na curadoria

de saberes temperada pelos anos vividos e pela determinação de salvaguarda de todos os cantos, rezas e benzimentos, narrativas das mais variadas tradições, técnicas e *modelizações* das artes populares e dos sentimentos e epistemologias que elas carregam. Nossas bibliotecas mais delicadas não seriam essas, que carregam todos esses acervos, quase diáfanos e absolutamente insideráveis? Não é hora de encararmos, para os tempos de agora, a tarefa de – devidamente instruídos pelo que temos aprendido com as teorias que agora sabem melhor se resguardar do eurocentrismo, costumeiramente elitista, reducionista e enviesado – trazermos para perto das bibliotecas formais – no sentido tradicional e no sentido reconstruído por tantas iniciativas renovadoras – as bibliotecas que dançam, riem e nos fazem sonhar?

Edson Soares Martins é experimentado em Literatura e concentrou-se nos temas das literaturas brasileira e africanas, da literatura oral popular, contos orais, da poesia, da narrativa curta moderna e contemporânea, e das formas estéticas populares. Doutor em Letras, coordena a pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri, onde é também editor das revistas eletrônicas *Macabéa* e *Migüelim*

Leia mais

BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. *In: Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 69-79.

CARLINI, Alvaro Luiz Ribeiro da Silva. *Cante lá que gravam cá*: Mário de Andrade e a missão de pesquisas folclóricas de 1938. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

DESPRÉS, Elaine. *Encyclopédie, encyclopédisme et bibliothèque totale*: la gestion des savoirs chez Jorge Luis Borges, Isaac Asimov et Bernard Werber. 2007. Dissertação (Maîtrise en Études Littéraires) – Université du Québec à Montréal, Montréal, 2007. Disponível em:

<https://archipel.uqam.ca/780/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

HAMPATE, Hamadou. Discours de Hamadou Hampate ba a la Commission Afrique de l'Unesco. *In: L'INA éclaire l'actu*. [S. l.]: Sorafo, [1 dez. 1960]. Audio. Session de l'UNESCO à Paris en décembre 1960. Disponível em: <https://www.ina.fr/ina-eclaire-actu/audio/phd86073514/discours-de-hamadou-hampate-ba-a-la-commission-afrique-de-l-unesco>. Acesso em: 1 dez. 2024.

JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, Concepción María. La conquista de nuevos espacios para incitar a leer: influencia didáctica y repercusión social de los entornos no convencionales. 2021. *In: BUZÓN GARCÍA, Olga; VEGA CARO, Luisa ; VICO BOSCH, Alba* (coord.).

Entornos virtuales para la educación en tiempos de pandemia: perspectivas metodológicas.
Madrid: Dykinson, 2021. p. 1060-1080.

LIMA, G. dos S.; GARCÊS da Silva, F. C.; COSTA, A.; SILVA, A. S. da.; SOUZA, G. K. S. de. Africanizando os acervos: política de gestão de acervos para bibliotecas especializadas na temática afro-brasileira e africana. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 88-103, 2018.

RA, S.; JAGANNATHAN, S.; MACLEAN, R. (org.). *Powering a learning society during an age of disruption*. [S. l.]: Springer Nature, 2021.

TWINOBURYO, Dianah Kacunguzi. Preservation of endangered indigenous knowledge: the role of community libraries in Kampala-Uganda. *Qualitative and Quantitative Methods in Libraries*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 61-72, 2019.

Impresso por Tavares & Tavares Ltda.
Uberlândia (MG), verão de 2025
Composição em Bell MT e Rockwell
Miolo impresso em papel couché matte 115 g/m²
e capa em papel cartão Duo Design 300 g/m²



O silêncio requerido em seus prédios e salas (mesmo quando são salões imaginários, de bibliotecas que andam de carro, de carroça, ou de internet, funcionando onde o leitor estiver) pode, à primeira vista, mascarar o ente pulsante que é toda biblioteca. Lugar de serviço – casa, colo e cofre –, ela dá nome, direção e eco.

A biblioteca é sujeito e objeto, e são tantas suas facetas, que podemos pensar em representação de desejos, oportunidades e escolhas, como fazem, com reflexão e paixão, nossos colaboradores neste número da *Revista do Livro*:

Iaguba Djaló

Carmina Mendes André

Edson Soares Martins

Maria Estela Guedes

Maria Teresa Santoro Dörrenberg

Raquel França dos Santos Ferreira

Regina Fazioli

Sonia Regina Albano de Lima